No "Ler/Escrever": entrevista inédita com Jean Genet

Diário de Lisboa

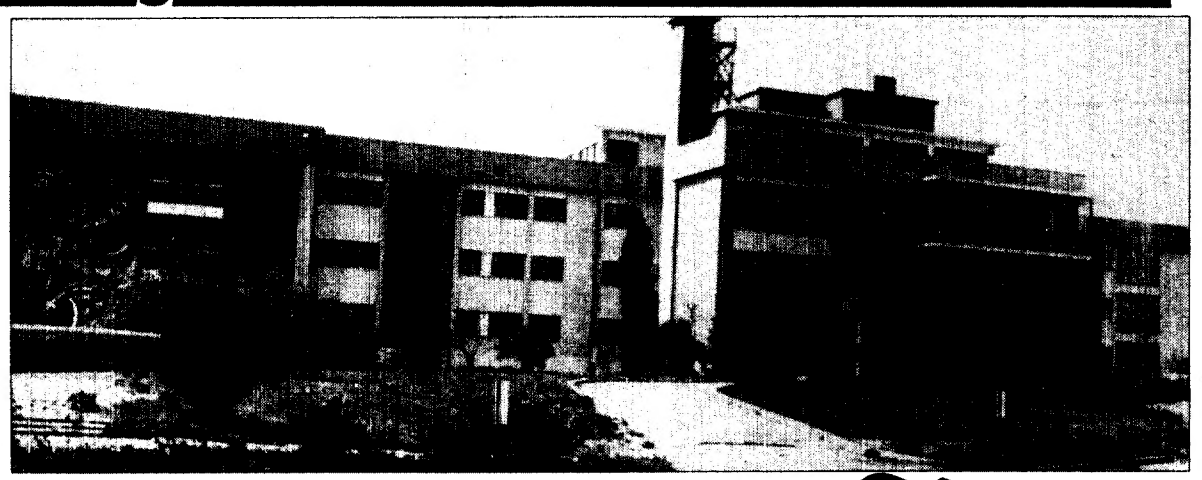
ANO 66 N.º 22 044 Quinta-feira, 24 de Abril de 1986 Preço 40$00

Jornal do 25 de Abril

Como já é tradição, o «DL» sairá amanhã, com um número especial dedicado ao 25 de Abril. Com capa a cores e 32 páginas, o « DL» estará à venda logo de manhã em Lisboa bem como no resto do país.Como em anos anteriores os resultados da venda desta edição serão aplicados em apoio de actividades sociais dos trabalhadores da «Renascença Gráfica»

Novo hospital vai descongestionar Sta. Maria e S. José

400 URGÊNCIAS VÃO PARA O RESTELO



A titular da Saúde assegurou a aquisição, por parte do seu Ministério, de um edifício no Restelo (comprado aos seguros Império), o qual passará a funcionar, a partir de Setembro ou Outubro próximos, como novo «Serviço de Urgência Hospitalar» em Lisboa, de modo a descongestionar o afluxo de doentes a Santa Maria e S. José. A nova unidade hospitalar acolherá cerca de 400 urgências/dia, estando prevista a instalação de 250 camas na sua primeira fase, disse uma fonte do MS ao «DL». Neste momento, o novo hospital está em fase de adaptação e apetrechamento.

Continua na pág. 24

Silva Pinto: Macau à vista? Pág. 5

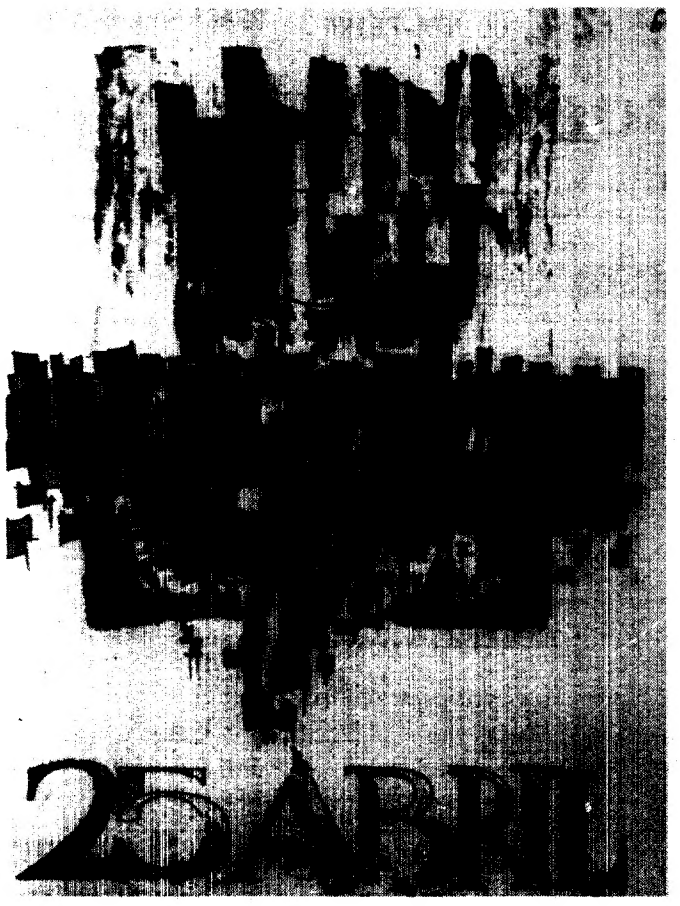
BENFICA: Multa de 1870 contos por danos à equipa de arbitragem

Das mais duras penas até hoje aplicadas no desporto português: o Benfica é multado (pelo Conselho de Disciplina da Federação de Futebol) na quantia de 1 870 271$00 por **«danos materiais sofridos pela equipa de arbitragem chefiada por Vítor Correia, que dirigiu, em Alvalade, a 22 de Dezembro, o jogo entre 'leões' e 'águias'».**

Pág. 17

Portugal de lés a lés comemora o 25 de Abril

Pode afirmar-se que o 25 de Abril é comemorado em tudo quanto é sítio português. Da grande cidade à aldeia recôndita, do litoral ao interior, do Minho à Madeira, do vasto recinto público à pequena sala de sociedade de recreio, do espectáculo com as grandes estrelas até à cerimoniazinha singela, Portugal de lés-a-lés não deixa cair no esquecimento a data libertadora. Sem pretendermos dar conta de todos os eventos, aqui fica uma pálida amostra das inúmeras festividades promovidas no dia em que o 25 de Abril de 1974 completa uma dúzia de anos.

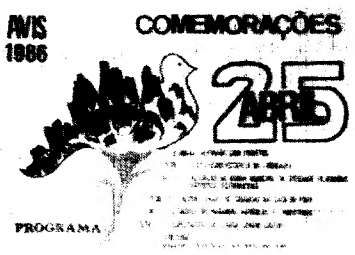


O décimo segundo aniversário do 25 de Abril começa a ser comemorado esta noite em Lisboa, com uma vigília de solidariedade com Otelo Saraiva de Carvalho, e no Porto com um espectáculo em que actuará o cantor Fausto.

Na vigília de apoio ao estratego do golpe revolucionário que derrubou o regime de Marcelo Caetano, e que se realiza junto aos terrenos do Estádio Nacional, no Jamor, estará presente o cantor catalão Pi de La Serra, que intervém num espectáculo que inclui teatro, música e poesia.

No Porto, hoje, será ainda posto à venda o único número do jornal literário «Sempre», que tem a colaboração de cerca de meia centena de autores portugueses e galegos.

A vigília de solidariedade com Otelo Saraiva de Carvalho recebe o apoio individual dos ex-conselheiros da Revolução Melo Antunes e Vítor Alves, do ex-presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes e do ex-presidente da Câmara de Lisboa, Aquilino Ribeiro Machado, bem como do cantor José Afonso e dos actores



Mário Viegas, João Lourenço, Maria do Céu Guerra e Irene Cruz.

No Porto, às 24.00 de hoje, o Grupo Coral dos Ceifeiros de Serpa entoará a canção «Grândola, Vila Morena».

Na terça-feira, cerca de 750 praças da Armada reuniram-se num jantar, na Cova da Piedade, para comemorar aquela data, afirmando-se dispostos a defender «os valores democráticos abertos com o 25 de Abril».

Igualmente, o Sindicato dos Jornalistas decidiu comemorar o 25 de Abril, inaugurando ontem uma exposição de Imprensa sobre os acontecimentos de há 12 anos.

As celebrações oficiais

O 25 de Abril é celebrado oficialmente em Lisboa com uma sessão solene na Assembleia da República e com um desfile militar que será presidido pelo Presidente da República.

Desfiles idênticos realizar-se-ão nas sedes dos comandos das Regiões Militares.

Na Madeira, não se realizarão comemorações em órgãos de Governo próprio, deslocando-se a Lisboa o presidente da Assembleia Regional madeirense para participar nas cerimónias que se efectuarão no Parlamento.

O comando militar madeirense realizará um desfile na manhã do dia 25 de Abril nas ruas do Funchal.

Ainda em Lisboa, no dia 25 de Abril, haverá um desfile, organizado por personaliades de vários quadrantes políticos, que partirá às 15 horas da Praça Marquês de Pombal e se dirigirá ao Rossio, onde discursarão Marques Júnior, do PRD, Manuel Alegre, do PS, José Vitorianodo PCP, Maria Santos, de «Os Verdes», Mário Tomé, da UDP, e Francisco Louçã, do PSR.

O ex-conselheiro da Revolução Vítor Alves fará nesse comício uma intervenção de encerramento.

Na tarde do 25 de Abril, no Porto, efectuar-se-á um desfile de um cortejo alegórico, que será antecedido de duas intervenções políticas.

A «Queima do Fascismo» em Coimbra

A «Queima do Fascismo», siombolizada num boneco concebido para o efeito, acompanhada sonoromente pela «senha» que despoletou a Revolução de 1974, assinalará o começo das comemorações do dia 25 de Abril em Coimbra.

Em conferência de Imprensa, a comissão das comemorações disse que esta manifestação simbólica, a ter lugar nos primeiros minutos do dia 25, completará um espectáculo de rua com grupos de música popular, a que se seguirá um baile «pela noite dentro».

Ainda na noite do dia 24, haverá uma intervenção pública por um elemento da Associação 25 de Abril, centrando-se as comemorações na Praça Velha de Coimbra, zona medieval da cidade onde estarão montados alguns bares e postos de venda de recordações alusivas à data.

A manhã do dia 25 será preenchida com actividades desportivas, nomeadamente uma prova de atletismo que começará junto ao Quartel-General de Coimbra, após entrega de cravos pelos participantes aos elementos das Forças Armadas.

Da parte de tarde, realiza-se um desfile popular. Integrado por alguns carros alegóricos, que culminará no parque da cidade, onde terão lugar actuações de ranchos folclóricos, grupo de cordas e cantares de Coimbra e Brigada Vítor Jara.

A comissão promotora das comemorações é composta por 30 associações culturais e recreativas do concelho, 16 sindicatos, 9 juntas de freguesia, 7 ranchos folclóricos, 5 comissões de trabalhadores e ainda 5 repúblicas de estudantes do Ensino Superior.

Setúbal: futura capital do 25 de Abril

A cidade de Setúbal «será no futuro a capital das comemorações do 25 de Abril», afirmou o vereador José Rebelo da Câmara de Setúbal.

O vereador do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Setúbal pelo PRD, afirmou que as comemorações do 25 de Abril terão este ano «uma dimensão nacional» sendo privilegiadas todas as formas culturais do concelho».

A Associação 25 de Abril dará o seu contributo com algumas exposições, nomeadamente «o 25 de Abril visto pela Imprensa nacional e estrangeira» bem como «o 25 de Abril visto pelas crianças» e ainda com uma exposição de medalhística, onde estarão patentes algumas das Ordens da Liberdade já concedidas.

Nas cerimónias participam os antigos conselheiros da Revolução Vítor Alves, Vasco Lourenço, Marques Júnior e Costa Neves.

Um concerto pelo grupo «Trovante» no pavilhão do Vitória e um concerto de Carlos Paredes serão momentos altos do programa das comemorações.

O programa que se estende até dia 27, integra também actividades desportivas e culturais.

Cultura e Desporto em Sesimbra e Sintra

Actividades culturais e desportivas constituem o programa das comemorações do 12.º aniversário do 25 de Abril promovidas pelos órgãos autárquicos, colectividades e organizações partidárias do concelho de Sesimbra.

Sob o lema «Defender os Ideais de Abril e da Paz», as comemorações, que se iniciaram dia 12 e decorrem até 27 do corrente, englobam um jantar comemorativo hoje, com democratas do concelho e no dia 26, uma visita guiada de autarcas ao concelho.

No dia 25, além de um espectáculo musical que vai decorrer durante toda a tarde no Largo do Município e da Estafeta da Liberdade que tem início na Azoia às 10 horas, destaca-se o programa oficial, presidido por uma comissão de honra constituida por 16 democratas do concelho.

Também a Câmara Municipal de Sintra promove manifestações de índole desportiva e cultural para comemorar o 25 de Abril, que se iniciam com a «Meia Maratona de Abril», na véspera, com partida do Palácio de Queluz.

Diversas bandas desfilarão, dia 25 de Abril, pelas ruas de Sintra, entre as quais as das sociedades filarmónicas «Os Aliados», «União Assaforense», dos Bombeiros Voluntários de Colares e de Pero Pinheiro.

Esta noite na Praça da Figueira

A Praça da Figueira, em Lisboa, vai ser palco de um grande arraial popular, na noite de 24 para 25 de Abril.

Organizado pela Aliança Povo Unido, o arraial será animado por canções, teatro, poesia, e ainda por um baile que se prolongará pela noite fora.

À meia-noite será recordada a madrugada da nossa liberdade, ocorrida há precisamente 12 anos.

Dois palcos servirão o público, estando nessa noite a velha Praça da Figueira apta a receber todos quantos queiram entrar na festa, com bares, restaurantes, exposições, esplanadas e muitas surpresas.

Entre outros, participarão nos espectáculos o Coro da Academia dos Amadores de Música, o grupo «Aguarela», Nuno Gomes dos Santos, Filipe Santos, Luís Mira, Pedro Tadeu e Marina, Armando Caldas, Manuel Branco, Grupo «Seara Verde», Grupo de Variedades da Escola Nocturna de Carnide, «Pantufa e Pantufinha», Grupo «Horizonte Novo», António Muñoz, Rosalina Pinho, «Dinamo Ibérica», João Paulo e um conjunto de baile.

Em Loures uma salva de 25 foguetes

Em festa organizada pela Câmara Municipal de Loures, esta noite, a população do concelho sairá à rua para comemorar e saudar a Revolução dos Cravos.

A festa terá lugar no Largo 4 de Outubro, em Loures (sede do Município), com início às 22 horas, com a actuação do Grupo de Danças e Cantares de Frielas. Pelas 23 horas a Orquestra Ideal Famoense dará início ao baile, que animará pela noite dentro.

Às zero horas do dia 25 de Abril, uma salva de 25 foguetes saudará a Revolução. Depois, a poesia estará presente com José Fanha.

Na manhã do dia 25, na Praça da Liberdade, em Loures, às 10 horas, haverá animação infantil com a actuação do Rancho da Bemposta, palhaços, pintura colectiva de um painel gigante e jogos tradicionais. À mesma hora terá início a marcha 25 de Abril, com partidas de Guerreiros, Tojal e Santo António dos Cavaleiros.

Às 11 horas está prevista a chegada da marcha e um concerto pela banda da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Loures.

Entretanto, a Câmara Municipal de Loures, em reunião extraordinária, aprovou por unanimidade, uma moção na qual, associando-se às comemorações unitárias do 12.º aniversário do 25 de Abril, que tem lugar em Lisboa, apela à participação da população do concelho nestas comemorações.

De norte a sul, de leste a oeste...

Como já referimos, não nos é possível dar aqui conta, apenas por limitação de espaço, de todas as comemorações do 25 de Abril. Autênticos montões de papelada (no sentido literal do termo) inundaram as nossas mesas de trabalho nestes últimos dias, e em cada folha de papel — uma Câmara ou Junta de Freguesia, uma estrutura partidária ou uma colectividade, uma comissão de trabalhadores ou de moradores — nos foi comunicado o programa de realizações para celebrar o 25 de Abril de 1974.

De praticamente todos os concelhos do País recebemos informações que lamentamos não poder aqui deixar na íntegra ou mesmo em resumo. Por todas as omissões (e são muito mais do que as publicadas), as nossas desculpas.

Uma coisa é certa; o 25 de Abril continua a ser comemorado condignamente em todas as terras deste País. O 25 de Abril não poderá, jamais, ser esquecido.

As autarquias e os intelectuais têm algo a ver com a paz?

António Modesto Navarro

Na recente Assembleia Portuguesa do Ano Internacional da Paz, que se realizou no dia 12 de Abril em Lisboa, um participante ficou muito admirado quando verificou que fazia parte da mesa de uma das secções o presidente da Câmara Municipal do Seixal. Pediu para falar, foi o primeiro a fazê-lo e colocou esta questão aos presentes: estando o seu concelho, Carregal do Sal, a comemorar uma data de importância local, ele havia proposto ao presidente da Câmara a realização de uma iniciativa sobre a Paz, integrada nas Festas da Vila, ao que o autarca respondera que, segundo a sua perspectiva, as Autarquias nada tinham a ver com o assunto.

Recordando tal resposta, e face à presença do presidente da Câmara do Seixal na mesa de uma das secções da Assembleia, o participante, assistente social de uma instituição religiosa de Coimbra, queria saber se de facto as Autarquias tinham ou não a ver alguma coisa com a Paz...

Eufrásio Filipe, numa intervenção rara, deu mais tarde a resposta adequada a todos os que ainda têm dúvidas. No concelho do Seixal, zona há muito tempo declarada livre de armas nucleares, as Autarquias e outras instituições, empenhadas na luta pela Paz e pelo futuro das populações, organizaram-se e levam actualmente a cabo um programa que liga as questões da luta pela Paz às comemorações do 12º aniversário do 25 de Abril, porque, segundo esclareceu, em Portugal são duas realidades inseparáveis, na nossa vida em liberdade.

Já antes outros autarcas presentes e técnicos de Câmaras Municipais tinham dado contributos excelentes à discussão, nessa secção que ligava as questões da Paz à cultura, à educação, à ciência e à comunicação social. Uma Junta de Freguesia fizera a proposta de que a Comissão Portuguesa do Ano Internacional da Paz apresentasse à RTP e à RDP sugestões concretas para a realização de séries de programas dedicados à defesa da Paz. Uma técnica de educação, de certo modo em resposta ao participante de Carregal do Sal, dissera que a Autarquia onde trabalha realiza desde há muitos anos iniciativas sobre a Paz, nomeadamente com crianças e jovens. Mas Eufrásio Filipe colocou outras questões, que abarcam a participação das Autarquias, e das populações organizadas nas suas associações, na luta em defesa da Paz e da cultura, de forma a levar-nos a pensar nessa outra realidade, a de intelectuais portugueses que estão cada vez mais profundamente ligados às realidades complexas e vivas que o 25 de Abril nos proporcionou.

O silêncio tecido pela RTP

E isso conduz a outra questão, a da efectiva participação dos intelectuais na luta pela Paz em Portugal. Na secção de que aqui falamos, estiveram presentes professores, cientistas, escritores, médicos e jornalistas, que discutiram com outros participantes a ligação da Paz aos problemas de cada área de trabalho, reconhecendo que uma política belicista, sujeita ao imperialismo, dificulta o desenvolvimento cultural e científico do nosso país. Sobretudo a comunicação social esteve muito em foco, pela ausência de grandes meios como a RTP e a RDP na Assembleia. A ironia e a justa repulsa pela manipulação da comunicação social a partir deste Governo vieram ao de cima, durante os trabalhos. A cortina de silêncio sobre a Paz, tecida nomeadamente pela RTP, não pode deixar de preocupar seriamente quem reconhece, no quotidiano, os custos de tal acção de destruição e de ignorância, quanto à nossa identidade, saber e cultura. Propostas a fazer à RTP, neste Ano Internacional da Paz, não faltaram na Assembleia realizada no passado dia 12. Elas advêm da consciência da força brutal que a televisão tem, entre nós, na formação ou deformação das consciências.

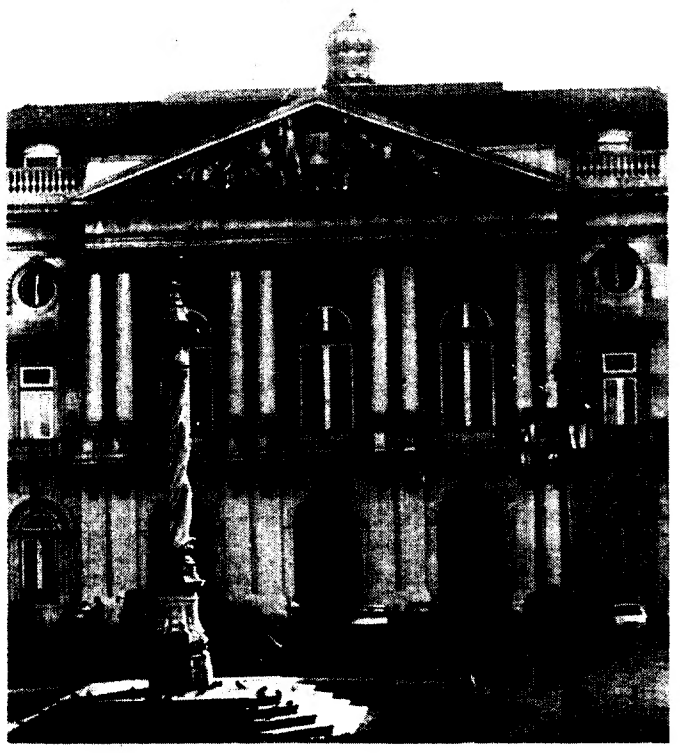
Assim, pensamos que as questões de defesa da Paz, e também da comunicação sobre os problemas da Paz e da cultura, da educação, da ciência e da própria Comunicação Social, passam por uma luta organizada das Autarquias, sindicatos, colectividades, centros culturais e outras associações, e da intelectualidade portuguesa, junto dos grandes meios de comunicação social, para obstar à propagação da violência, nomeadamente entre as crianças e os jovens, e para conseguir espaços condignos e necessários ao tratamento das questões da Paz e de áreas valiosas para a nossa vida.

Foi proposta, na Assembleia, a realização de um seminário sobre a Paz e a Comunicação Social em Portugal. É necessário que jornalistas, escritores, artistas, cientistas, professores e outros intelectuais ajudem a realizar iniciativas diversificadas, nas Autarquias, nas escolas, associações e outras instituições, para que se gere um movimento amplo, de luta por uma comunicação social ao serviço da Paz, do saber e da cultura.

Participação dos intelectuais e suas organizações

António Reis, ao que sabemos director de programas da RTP, falava recentemente da necessidade de os intelectuais ultrapassarem velhas querelas em relação à televisão... Pensamos que o essencial reside exactamente na política continuada da RTP, que se tem fechado, com uns ou outros partidos à frente dos seus diversos poderes, perante o que de mais significativo se realiza neste País, seja nas áreas das Autarquias e da Paz, seja em relação às questões mais sérias do trabalho, dos problemas e da vida da intelectualidade portuguesa.

Por isso valerá a pena dar novo alento a esta caminhada da luta pela Paz. São cada vez mais claras as ligações dos problemas da Paz à necessidade de desenvolvimento socioeconómico, à liberdade das populações de cada país e à cooperação entre os povos. Foram questões tratadas noutras secções da Assembleia, como também foram aprofundadas as áreas das mulheres e dos jovens na luta pela Paz. A estrutura desta iniciativa correspondeu assim, na medida do possível, da complexidade e diversidade de aspectos da luta pela Paz e aos empenhamentos específicos de diferentes classes e camadas das populações do País. Também a intelectualidade de diversas áreas de criação e acção teve oportunidade de desenvolver projectos de intervenção que serão levados a cabo durante 1986 para obstar à violência e à destruição accionadas pelo poder.



Por isso, foi bom que tivesse ficado claro na Assembleia que, tanto as Autarquias como os intelectuais, têm muito a ver com a questão da Paz. Também ficaram claros os desafios que as autarquias, populações, instituições e associações populares colocam hoje em dia aos criadores e às suas organizações representativas. Da compreensão desta realidade cada vez mais complexa e produtiva, podem e devem resultar novos avanços, na participação de escritores, artistas, cientistas, professores, médicos, jornalistas e representantes de outras áreas da intelectualidade numa luta que é de todos os que estão vivos e querem lutar pela vida.

Como disse Eufrásio Filipe, ele próprio autarca, escritor e homem empenhado na luta pelo nosso futuro, defender a Paz é ser lúcido, é não ser sectário e doente. Defender a Paz é estar vivo e amar a vida.

A palavra com...

Um conflito perigoso

Vasco Riobom (*)

Muhamad Khadafi, que pretende assumir o papel de comendador dos crentes islâmicos nos nossos dias, após o falhanço de outra revolução que pregou a «Jihad» ou «guerra santa», liderada pelo ayatollah Komeiny nos nossos dias, pelo facto de terem sido bem sucedidas as intrigas contra o Irão decididas e urdidas pelos EUA, comandados pelo sr. Reagan, comendador dos crentes do capitalismo, cuja Meca se situa em Wall Street, tem tanto de louco como de personagem razoável! E tem-no porque, é necessário dizê-lo — é precisa muita ousadia para publicamente, levantar voz contra um tal poder! Poder nos nossos tempos, semelhante ao que tiveram Alexandre e Roma no auge dos seus impérios, contra os quais combateu o estado antepasado da actual Líbia, a Numídia! Onde portanto, residirá — apontada sua loucura — a razão que lhe assiste?

Para o entender é necessário conceber qual a estrutura ôntica do Islam e sociológica dos actuais países árabes.

A onticidade do Islam reside no facto de adorarem num Deus — Allah — o único, o criador do universo, que só poderá ser entendido para quem tiver lido, estudado, as filosofias de Platão e principalmente de Plotino. Para quem tudo o mais, não são senão tendências das «enéades» de que falava Plotino, ou seja as incarnações do «uno» sob diferentes aspectos e roupagens concretizadas, mas tendo entre si em comum, precisamente, a busca dessa unicidade do ser da qual falou já Parménides! Algo assim, como os chamados «Aváteres» de Visnú, na Índia. De cuja metafísica ou cosmogonia, não pode originar-se senão, uma ética monista e severa, a ser professada pelos crentes de tais mundi-vivências. Ora o capitalismo dos nossos dias representa, antes de mais, a atitude metafísica oposta a tais ideias e crenças, dado seu aspecto multifacetado, tanto no que toca às suas crenças metafísicas — tudo é vão, preciso é o prazer do consumismo! — como à ética que adopta e que consiste no polimorfismo, multifaceitado de uma competitividade desenfreada entre os homens, a partir das técnicas em constante evolução cuja finalidade é o poder! Isto é, uma «vontade de poder» como Nietzsche há quási cem anos atrás, a adivinhou no homem do nosso tempo, para quem, tanto a metafísica cristã como a sua ética, deixaram de existir, consumidas na voragem de uma competividade técnica-financeira! Destinada, sobretudo, a «confundir», «épater le bourgeois», nosso vizinho! Também, socialmente falando, os países árabes vivem, ainda hoje em dia, sob a égide de uma moral patriarcal, semelhante à pregada no «Pentateuco», ou seja, nos livros atribuídos a Moisés na Bíblia! Moral que consiste em cumprir determinadas regras chamadas pelos judeo-cristãos, «decálogo». Isto é, o homem deve limitar-se a cultivar suas terras — fisiocracia — ou a cuidar dos rebanhos — transumancia — vivendo na harmonia que a lei mosaica lhe impõe!

Valores estes, aparentemente válidos, ainda hoje entre os judeus.

Reparem que digo, «aparentemente», porque aquilo que hoje constitui o Estado de Israel além de adoptar — aparentemente, não o esqueçamos — tais leis, tem a estruturá-lo a mundivivência de uma raça perseguida, que para permanecer, se manter como tal, adoptou uma segunda ética, que a Igreja vedava aos cristãos, ou seja a da usura. Desempenhando através nestes dois mil anos de evolução histórica no seio das sociedades cristãs em que viviam, o papel de usurários. Sendo por isso odiados pelas populações incultas e fanatisadas pela Igreja, que temia perder o seu múnus e poder nas monarquias ocidentais! E de aí as perseguições de que foram vítimas através dos séculos! Enquanto o mundo islâmico, mercê de seu poder multiracial e expansão cultural, o não foi, excepto na Península Ibérica e na Índia.

Ora sendo o sr. Reagan, o «papa» do capitalismo mundial dos nossos dias, difícil era que um tal confronto se não desse! E agora, aí o temos!

Simplesmente, vivemos num mundo dividido: dum lado, a onda aparentemente, avassaladora do capitalismo, do outro, o socialismo.

A filosofia pregada por Marx e Engels e depois por Lenine, apresenta uma ética embora metafisicamente, seja agnóstica — também monista e muito semelhante à do Islam. De aí que, para além dos aspectos escatológico-metafísicos processada pelos países socialistas, haja entre ambos estes dois grupos de nações uma comunidade Mazal, estando, por conseguinte, destinados a entenderem-se a aliarem-se, contra forças atomisantes do capitalismo do Ocidente.

Por isso ocorre o sr. Reagan, em grande perigo em tentar desestabilizar o mundo islâmico como agora o acaba de fazer, atacando em nome de um não provado, ou apenas insuficientemente alvitrado, terrorismo, toda a nação árabe! Não hesitando também em tentar arrastar consigo à Europa, desrespeitando sua independência política como acabou por fazer em Portugal, fazendo voar aviões sobre os nossos ares!

(*) Médico dos HCL

Por iniciativa do PS e PSD

Parlamento discute hoje investigação e tecnologia

A Assembleia da República aprecia hoje na generalidade dois projectos de lei sobre investigação e desenvolvimento tecnológico, apresentado pelos grupos parlamentares do PS e do PSD. O plenário deverá também concluir o debate e a votação da ratificação pedida pelo PS e PRD relativo ao decreto-lei que extingue o Instituto de Análise e Conjuntura e Estudos de Planeamento.

O projecto apresentado pela bancada socialista para uma lei de enquadramento da promoção da investigação científica e tecnológica realça a urgência de «clarificar as opções de desnvolvimento científico e tecnológico nacionais e proceder às reorganizações institucionais e redefinições funcionais capazes de favorecer o aproveitamento óptimo das novas oportunidades». O projecto de diploma visa «declarar a prioridade das actividades de investigação e desenvolvimento, como opção política do Estado português e definir a forma, os processos e os mecanismos de formulação e de decisão, de acompanhamento e controlo da execução de políticas de investigação e desenvolvimento.

Neste projecto prevê-se «o relevante papel da cooperação Estado/Universidade/Indústria, considerada como vector fundamental da materialização prática dos benefícios do reforço da capacidade tecnológica nacional».

A iniciativa legislativa apresentada pelo PSD considera por seu turno que «um dos desafios da nossa entrada na CEE consiste em dotar o País de um grau de desenvolvimento análogo ao que se verifica na maioria dos países membros, para assim podermos usufruir de todas as vantagens inerentes à adesão». Com a apresentação deste projecto de lei, o PSD pretende estabelecer orientações quanto à despesa com a investigação científica e o desenvolvimento tecnológico, criar instrumentos de programação das respectivas actividades públicas, favorecer a mobilidade do pessoal investigador e fomentar a participação das empresas.

O PSD propõe ainda que, no prazo de dez anos, a despesa global com investigação e desenvolvimento atinja valores da ordem de grandeza que se pratica nos países mais desenvolvidos da CEE para o que se exige «um esforço assinalável, porém ao nosso alcance, atendendo às infra-estruturas existentes.

Rendas de casa

Entretanto, a conferência de líderes parlamentares marcou ontem a ratificação pedida pelo PCP sobre o decreto-lei que executa a Lei das Rendas de Casa, para o dia 20 de Maio.

A conferência decidiu agendar ainda para o dia 22 o debate do projecto de lei sobre licenciamento de rádios locais apresentado pela bancada socialista.

As de Cavaco e de Júdice já são conhecidas

Cinco moções de estratégia no Congresso Nacional do PSD

O Congresso Nacional do PSD, que se realiza em Lisboa, entre 30 de Maio e 1 de Junho, vai debater cinco moções de estratégia, apresentadas pela Direcção nacional, JSD, TSD, Ilhas e Assembleia Distrital de Lisboa. Estas cinco moções vão ser as únicas, em termos gerais, a serem apresentadas, uma vez que o prazo termina no dia 28 de Abril, segunda-feira.

Na sede do PSD, em Lisboa, deram já entrada três moções: direcção, Assembleia Distrital de Lisboa e Ilhas, esta assinada por Alberto João Jardim e Mota Amaral. Até ao dia 28 de Abril vão ainda ser apresentadas as moções da JSD e dos TSD.

A direcção da JSD reúne-se amanhã, dia 25 de Abril, em Lisboa, com as distritais do partido, para apresentar a sua moção e ouvir a opinião dos órgãos locais para, eventualmente introduzir alterações no texto.

Moção de Cavaco

A moção de estratégia de Cavaco Silva ao Congresso parte do «pressuposto básico de que o PSD deve assumir-se como partido com vocação maioritária».

A moção do presidente do partido social-democrata «defende que o Governo do PSD vai procurar cumprir integralmente o seu mandato», mas acrescenta que «o Governo nunca se deixará colocar na situação de impossibilidade de cumprimento do seu programa».

A moção defende a consagração do referendo, a eliminação dos obstáculos à criação de regiões administrativas e a redução do número de deputados à Assembleia da República.

A moção, que tem o lema «Um projecto de estabilidade e de progresso para Portugal», refere no capítulo das opções estratégicas que o «PSD defende a estabilidade governativa como condição indispensável para a resolução dos problemas do País e para o aproveitamento das oportunidades de progresso e melhoria do bem-estar da população».

O Governo do PSD «vai procurar cumprir integralmente o seu mandato», diz a moção. «O PSD não teme eleições, mas não sustenta qualquer estratégia de ruptura que conduza à dissolução antecipada da Assembleia da República».

No mesmo capítulo, Cavaco Silva — que apresenta a moção a título individual — defende que o PSD deve ser «o partido do diálogo».

«Se outras forças inviabilizarem o diálogo ou criarem obstáculos à acção do Governo que impeçam o cumprimento do seu programa, então a responsabilidade do PSD extingue-se», diz a moção.

No que se refere à revisão da Constituição, a moção afirma que o PSD defende «a desdogmatização» do texto fundamental, «retirando-lhe as componentes ideológicas marxistas, nomeadamente nos princípios fundamentais e na parte económica», acrescentou a fonte.

A moção defende também a redução «das normas dos limites materiais da revisão», a «consagração expressa do referendo», de forma a «assegurar maior participação dos cidadãos nas decisões fundamentais que lhes digam directamente respeito».

Moção de Lisboa

O presidente da Distrital de Lisboa, José Miguel Júdice, revelou que a moção desta estrutura ao Congresso aponta para «um PSD com vocação maioritária», alternativo ao bloco socialista.

José Miguel Júdice falava aos jornalistas na sede nacional do PSD, depois de ter entregue aos órgãos do partido a moção de estratégia aprovada pela distrital de Lisboa, da qual é subscritor.

O dirigente social-democrata disse que a sua moção defende «um PSD com vocação maioritária para ser um bloco de poder alternativo ao bloco socialista, captando os independentes que votaram Freitas do Amaral».

A moção rejeita alianças pré-eleitorais a nível nacional, mas defende alianças «com carácter localizado» em que o PSD deve ser «sempre subordinante».

Para José Miguel Júdice, actualmente uma aliança com o PS «não é viável», sendo o CDS um «aliado preferencial».

Sobre a moção de estratégia subscrita por Alberto João Jardim e Mota Amaral, Júdice afirmou que a aceita no plano ideológico, mas considera-a «não clarificadora» no plano estratégico.

O dirigente do PSD salientou que discorda do facto de a moção das regiões autónomas pôr de lado os que apoiaram a campanha de Freitas do Amaral.

«O PSD investiu forte nessa campanha, há potênciais aliados que votaram Freitas do Amaral e não se deve deitar fora esse investimento», defendeu.

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Montijo, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.° 1/4864, arquivo 668, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Montijo, de uma linha mista a 15 KV [ST 15-25 S. Francisco — Escola Secundária do Montijo (MTJ-127)] com 2590 metros, entre a subestação SE 60-306 S. Francisco, e o P.T. n.°MTJ-127 da Escola Secundária do Montijo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 11 de Abril de 1986

Pelo Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

Lemos Ferreira edita Código de Honra

Militares devem defender a pátria mesmo que tenham de dar a vida

O Estado-Maior-General das Forças Armadas acaba de editar uma brochura com dez pontos que fazem parte do código de honra dos militares.

«Após a viragem de uma das mais importantes páginas da nossa História e que assinalou o termo da nossa expansão à escala mundial, é fundamental manter viva a fé nos destinos nacionais e preservar os valores que devem nortear a instituição militar em todos os momentos difíceis de afirmação de Portugal como nação soberana e senhora do seu futuro», lê-se no intróito. «Numa sociedade universal que passa por um período conturbado — prossegue-se na leitura — onde os princípios éticos e morais são frequentemente postos em causa, a quem compete o dever fundamental da defesa da Pátria, o significado e a solidez dos valores que constituem a própria essência e natureza da instituição militar, bem como a finalidade última na defesa da identidade nacional».

O primeiro dos dez pontos do Código de Honra considera que o militar deve «amar e servir a Pátria», que «deve respeitar a Constituição, defender Portugal» até à morte e empenhar-se «no treino duro, árduo e continuado, consciente dos riscos que dele decorrem» e cultivar a verdade, a justiça, a lealdade e a camaradagem».

Constâncio fala aos socialistas de Lisboa

PS deve preparar-se para disputar o poder

Vítor Constâncio candidato à liderança do PS disse ontem à noite em Lisboa que a sua experiência política o leva a afirmar que o Partido Socialista é «a única alternativa ao actual Governo».

Vítor Constâncio, que falava em Lisboa para centenas de socialistas na sua primeira apresentação na capital como candidato a secretário-geral do PS, considerou que a sua candidatura não «é de continuidade nem de ruptura».

«Assumo no PS o posicionamento indispensável à renovação», acrescentou.

«Não tenho de mudar de discurso ou de imagem — frisou. Não tenho de calar a minha prática ou os meus apoios, expedientes que nunca iludiriam a opinião pública».

Vítor Constâncio criticou a direcção política actual do Partido Socialista, sublinhando que «uma aliança vivida na ambiguidade e o pragmatismo sem alma que nele se foi instalando fizeram estiolar a capacidade de teorização dos problemas e tiraram-lhe o sentido do projecto».

O ex-governador do Banco de Portugal afirmou que «o objectivo estratégico do PS deve ser o de animar, renovar e reunificar à sua volta toda a esquerda democrática — dos verdadeiros sociais-democratas aos grupos e movimentos de pensamento socialista».

«A ideia de uma Convenção da Esquerda Democrática projecta-se hoje na continuidade da minha proposta pública, feita há já vários anos, da realização de um congresso federador e preserva as suas virtualidades».

Para o candidato a secretário-geral do PS, este partido, a seguir ao seu Congresso, deve «preparar-se para disputar o poder».

«Não contribuiremos obviamente para prolongar artificialmente a vida deste Governo, mas aceitamos com serenidade, se necessário, a ideia de uma cura de oposição», afirmou.

«Depois do Congresso — disse — não tememos eleições, venham elas de onde vierem, venham elas quando vierem».

«Pela minha parte, não tenho pressa, mas quero advertir Cavaco Silva de que estou preparado», acrescentou.

Tito de Morais, que foi apresentado como futuro presidente do Partido Socialista, afirmou estar em divergência com Vítor Constâncio quanto à mudança de programa do Partido Socialista.

O ex-presidente da Assembleia da República alertou contra os que desejam «liberalizar em nome da liberdade e democracia» que na sua opinião estão a «ludribiar» o povo trabalhador que almeja «uma distribuição equitativa» da riqueza.

Sottomaior Cardia, que é candidato à liderança da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL) do PS, criticou o estilo de organização interna do seu partido, que afirmou ser necessário modificar, substituindo «a ilógica do seguidismo, pela lógica da democracia».

O ex-ministro da Educação sustentou que será necessário acentuar os ideais do socialismo democrático dentro do PS e preconizou ainda a renovação dos objectivos programáticos socialistas.

As críticas mais contundentes à direcção socialista partiram de Torres Couto, secretário-geral da UGT, que considerou que uma nova liderança é necessária «para o PS voltar a ser um partido democrático».

Torres Couto acentuou que «o tempo da liderança do discurso já lá vai».

Para o líder sindical da UGT, os dirigentes socialistas não «devem justificar os erros» com «argumentos alheios ao partido e à própria prática política».

Torres Couto sublinhou ainda que o PS deve deixar de ser «um partido de aparelho» para se tornar «um partido de bases».

Nova Esquerda adere

A maioria da Comissão Coordenadora da Nova Esquerda, que cessou recentemente as suas actividades naquele grupo, irá hoje aderir formalmente ao Partido Socialista.

Antigos dirigentes e militantes do Movimento de Esquerda Socialista (MES), como Afonso de Barros, Eduardo Ferro Rodrigues, Agostinho Roseta e Eduardo Graça, serão recebidos hoje na sede do PS da Rua da Emenda, por uma delegação da Comissão Permanente socialista, chefiada por António Macedo.

Em comunicado recentemente emitido, em que anunciava a cessação da actividade da Comissão Coordenadora da Nova Esquerda, esta afirmava que «se criaram condições favoráveis para a renovação e fortalecimento da esquerda democrática e do PS».

Constâncio recusa debate

O dirigente socialista Arons de Carvalho, dos serviços de apoio à candidatura de Vítor Constâncio, rejeitou o desafio de Jaime Gama para um debate televisivo entre os candidatos.

«A resposta já foi dada» disse Arons de Carvalho, remetendo-o para um comunicado divulgado por Jorge Sampaio, apoiante de Vítor Constâncio, em que considerava que o debate entre os dois candidatos devia fazer-se no interior do partido.

Jaime Gama desafiou ontem, novamente, Vítor Constâncio para um debate na Televisão — informaram os seus serviços de candidatura.

Arons de Carvalho disse à Anop que «não faz sentido discutir as coisas do partido na praça pública», salientando que estão a decorrer conversações entre dois apoiantes de cada candidatura para marcação de debates nas federações e no jornal oficial do PS, «Acção Socialista».

«Acção Socialista»

O semanário do PS, «Acção Socialista» saiu hoje com dois novos nomes no cabeçalho: António Macedo e António Manuel, que assumem a direcção num período que definem em editorial como «difícil» para a vida do partido.

António Macedo e António Manuel substituem Alfredo Barroso e José Manuel dos Santos, que estão a exercer funções na Presidência da República desde a eleição de Mário Soares.

Num ed torial assinado pelos novos director e director-adjunto refere-se que «no período difícil (ou pelo menos não fácil) que vai viver-se até ao Congresso» do PS em Junho, o «Acção Socialista» empenhar-se-á, como sempre, em servir, com isenção, as opções e determinantes em presença ou em confronto».

O editorial acrescenta que na diversidade «estará afinal a afirmação de uma unidade salutar e necessária a um grande partido democrático».

O «Acção Socialista» continua a dar igual espaço às candidaturas de Vítor Constâncio e Jaime Gama a secretário-geral do PS e reafirma o convite endereçado a ambos para «a realização de um ou mais debates» nas suas páginas.

Falta a nomeação de Soares

Silva Pinto indicado para Macau

Mário Soares deverá proceder nos próximos dias à nomeação de Silva Pinto como governador de Macau. Tudo indica que se confirmam, assim, as notícias já difundidas pela emissora católica e pelo «Jornal de Macau», que davam como certa a designação do ex-ministro de Caetano e ex-coordenador da campanha presidencial de Mário Soares para o referido cargo.

Contactada pela agência NP, A Presidência da República escusou-se, por agora, a qualquer comentário, limitando-se a afirmar que o nono governador de Macau não tinha sido ainda nomeado.

A concretizaçar-se a notícia, Joaquim da Silva Pinto é o primeiro civil em Macau depois do 25 de Abril, sucedendo a Garcia Leandro, Melo Egídio e Almeida e Costa.

Uma das tarefas mais importantes do próximo governador de Macau é a de acompanhar as negociações com Pequim para a integração do território na República Popular da China.

No princípio do mês esteve em Macau uma missão de Mário Soares chefiada pelo conselheiro de Estado, Gomes Mota, e que integrava ainda o ex-ministros dos Negócios Estrangeiros, Vitor Sá Machado e Correia Gago.

A missão teve por objectivo auscultar a opinião local sobre o sucessor de Almeida e Costa, após o que entregou um relatório a Mário Soares.

BANCO DE PORTUGAL

AVISO AOS TITULARES DE CONTAS DE POUPANÇA-CRÉDITO

Todos os titulares de contas e de empréstimos de poupança-crédito que se encontrem em situação irregular e, voluntariamente, dela dêem conhecimento às instituições de crédito respectivas, **até 30 de Abril próximo,** beneficiarão de um tratamento especial na sua regularização.

Esse tratamento especial incluirá a manutenção dos empréstimos em vigor, pelo prazo contratado, mas à taxa de juro normal, anulando-se todas as bonificações vencidas que serão acrescidas ao capital em dívida.

Depois de 30 de Abril, **todas as irregularidades detectadas serão penalizadas,** declarando-se os empréstimos como vencidos e **exigindo-se o imediato pagamento do saldo em dívida,** acrescido do valor das bonificações anuladas, sendo aplicado ao total a taxa de juro máxima e contando juros de mora a partir da data da declaração da exigibilidade.

Será o primeiro encontro formal

Eanes reúne-se segunda-feira com a direcção do PRD

O general Ramalho Eanes encontra-se na próxima segunda-feira, a partir das 18 e 30, no Hotel Ritz, em Lisbôa, com os membros da Comissão Directiva e do Conselho Consultivo e o secretário-geral do PRD. Durante este encontro, que deverá prolongar-se pela noite fora e depois de um curto intervalo para o jantar, será abordada a realização da Convenção Nacional do partido, prevista para depois do Verão.

Entretanto, a direcção do PRD, em comunicado distribuído ontem, saudou «efusivamente mais um aniversário da Revolução de Abril», envolvendo nessa saudação «os militares que a tornaram possível e todos os que, no tempo da ditadura, se bateram pelos ideais da democracia». No seu documento, o PRD exorta os seus militantes e eleitores a participar activamente nas manifestações comemorativas do 25 de Abril «homenageando desse modo a Revolução que possibilitou o advento do regime democrático em Portugal».

Eleições espanholas adiam cimeira entre Lisboa e Madrid

A Cimeira Luso-Espanhola em que deviam participar os chefes de governo de Espanha e Portugal «terá de ser adiada», por motivo das eleições espanholas, informaram ontem fontes oficiosas.

A data que estava pensada para 15 e 16 de Junho, exactamente uma semana antes das eleições. A cimeira contudo ainda não estava anunciada oficialmente, mas já se tinham iniciado os preparativos e estudado a data segundo soube a Anop de fontes diplomáticas.

Este foi um dos temas principais das conversações que manteve em Lisboa, na terceira semana de Março, o ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Fernandez Ordoñez, com o Governo português. Com esta cimeira, os governos de Madrid e Lisboa pretendem relançar as relações bilaterais dentro do novo contexto da adesão dos dois países à CEE.

COMUNICADO DO CONSELHO DE GERÊNCIA DA CP

1. Como é do conhecimento público, desde o dia 19 de Março tem vindo a decorrer na CP uma greve promovida pela Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses (FSTFP), afecta à CGTP.
   Esta greve tem-se caracterizado por paralisações intermitentes, ao longoo de cada turno diário de trabalho, afectando particularmente as oficinas de reparação e manutenção do material circulante.

2. Como consequência directa da redução de trabalho oficinal não tem sido possível dispor de material suficiente em condições de funcionamento e segurança, por forma a garantir o ritmo normal do serviço de transportes.

3. No que, em particular respeita às oficinas de manutenção de Campolide adstritas ao material da Linha de Sintra, onde foi implementado um sistema de paralisações especialmente gravoso, os efeitos da greve atingiram maior amplitude.

4. Segundo a FSTFP, o factor determinante para a manutenção desta greve é a aplicação do novo Regulamento de Carreiras, adoptado pela CP em Julho de 1985, decorrendo, por outro lado, normalmente, e com todos os Sindicatos, a negociação do Acordo de Empresa, a qual se encontra praticamente concluída.

5. O actual Conselho de Gerência, logo que entrou em funções, atentos os elevados prejuízos e sacrifícios que os utentes têm vindo a suportar, assumiu a atitude imediatista de grande abertura negocial,admitindo inclusivamente proceder à revisão de alguns aspectos importantes daquele Regulamento para os trabalhadores em greve.

6. A FSTFP continua, no entanto, a manter uma posição intransigente, não aceitando a suspensão da greve sem que sejam satisfeitas, imediatamente, algumas das exigências que tem vindo a fazer quanto ao reescalonamento de categorias no âmbito do Regulamento de Carreiras.
   Considera o Conselho de Gerência, pela sua parte, que decisões sobre esta matéria necessitam de ser previamente objecto de estudo e ponderação, não obstante, em sede própria, já muito ter sido acordado. A adoptar-se outro procedimento, correr-se-ia o risco de originar conflitos em cadeia com os diversos sindicatos representativos dos trabalhadores da Empresa.

7. Estranha-se que a luta tenha sido desencadeada nesta altura e com estas proporções, decorridos que foram cerca de nove meses sobre a data em que ocorreram as decisões responsáveis pelo conflito.

8. Estranha-se, sobretudo, que a FSTFP persista numa atitude de inflexibilidade, aparentemente indiferente à grave situação da CP e aos sacrifícios dos utentes, mais parecendo determinada por estratégias conjunturais a que o transporte ferroviário é alheio, e fazendo tábua rasa da posição de total abertura em que se colocou o novo Conselho de Gerência para estudar e enfrentar as dificuldades existentes.

9. Assim, perante o risco de degradação que a actual situação comporta, o Conselho de Gerência apela para o bom senso dos ferroviários na defesa dos interesses da Empresa e da população que serve, na certeza de que, com serenidade, será possível encontrar soluções que permitam reparar eventuais distorções decorrentes do processo de regulamentação de carreiras.

10. Nesta conformidade, vai a Empresa continuar a reforçar as medidas de excepção tendentes a minorar os prejuízos para os passageiros e por outro lado promover um amplo esclarecimento dos trabalhadores sobre a sua firme intenção de corrigir eventuais desequilíbrios resultantes da implementação do actual Regulamento de Carreiras.

23/4/86

O CONSELHO DE GERÊNCIA

D. António Ribeiro em S. Bento

Quando um canal TV para a Igreja?

O Cardeal-Patriarca, D. António Ribeiro, manifestou ao Primeiro-Ministro a sua «surpresa por não ter tido ainda seguimento na Assembleia da República o respectivo projecto de lei» para atribuir um canal de TV à Igreja.

À saída de uma audiência de trinta minutos com Cavaco Silva, em S. Bento, D. António Ribeiro disse estar consciente de que o seguimento desse projecto «não depende do Governo».

«A apreciação da lei» apresentada no Parlamento pelo Executivo de Cavaco Silva «ainda não foi feita quando se tinha dito que se criava uma Comissão para tal no prazo de trinta dias» — acrescentou o cardeal-patriarca.

Inquirido pelos jornalistas sobre o seu empenhamento pessoal no projecto, em contraste com a atitude da Conferência Episcopal, D. António Ribeiro disse que «o projecto não é da Conferência Episcopal.»

«Não é um projecto nacional, mas sim regional» — explicou o cardeal-patriarca, salientando que a «a Igreja é fundamentalmente as dioceses.»

O cardeal-patriarca declarou ainda ter-se deslocado a S. Bento para «retribuir a visita de cumprimentos» efectuada por Cavaco Silva logo após a sua tomada de posse como Primeiro-Ministro.

D. António Ribeiro disse ter debatido questões de «vida do País» com o PM, e «os momentos de esperança que se vive actualmente» no sentido de se conseguir «um País mais justo e mais próspero».

PSD: novo ataque ao Parlamento

A aprovação no Parlamento do diploma que sujeita a ratificação parlamentar todas as alienações de partes, quotas ou bens de empresas públicas de Comunicação Social, levou a comissão política do PSD (ontem reunida para apreciar a moção de Cavaco Silva ao congresso do partido) a considerar que ficou «uma vez mais claro para todos os portugueses que a acção do Governo é objectivamente dificultada» e que «há quem esteja interessado em criar ingerências e obstáculos ao exercício normal da governação».

No seu comunicado, lido pelo seu secretário-geral Dias Loureiro, o PSD afirma que «o que pretendem alguns partidos da oposição é transferir para a Assembleia da República competências que são do Governo e, dessa forma, impedir que o Governo governe, a bem do País e resolvendo os problemas dos portugueses, como tem vindo a fazer».

«A comissão política nacional do PSD contesta e estranha a confluência e o alinhamento das posições de partidos democráticos pelas posições sempre defendidas pelo PCP, as quais nada têm a ver com a verdadeira liberdade de Informação, mas antes com a tentação de controlar e manipular a Comunicação Social em Portugal», afirma ainda o comunicado.

O PSD «lamenta» também que «a importante proposta de abertura da Televisão a operadores não estatais e preferencialmente à Igreja Católica, apresentada pelo Governo, ainda nem sequer começou a ser apreciada e discutida na comissão parlamentar respectiva, apesar de terem decorrido já dois meses sobre a sua apreciação em plenário e se tratar de matéria de reconhecida urgência e relevância».

...e encontro com nova direcção do CDS

Delegações do CDS e do PSD avistaram-se ontem na sede central dos sociais-democratas, em encontro pedido pela nova direcção centrista para apresentação de cumprimentos depois do congresso do Porto.

A futura revisão constitucional e o ensino, constituíram para além dos citados cumprimentos, os pontos abordados no encontro, conforme revelou Anacoreta Correia (CDS), no final, aos jornalistas.

Segundo aquele dirigente do CDS, a delegação do seu partido, chefiada por Adriano Moreira e integrando ainda Ernâni Moutinho e Reboredo Seara, manifestou ao PSD uma maior disponibilidade para a cooperação entre os dois partidos nos mais diversos domínios.

Por parte do PSD, estiveram presentes Correia Afonso e Dias Loureiro.

UETDC

Adriano Moreira, reuniu-se ainda ontem com dirigentes da União Europeia dos Trabalhadores Democratas-Cristãos para analisarem a articulação entre os trabalhadores portugueses e aquela organização.

O encontro decorreu na sede nacional do CDS, em Lisboa, e nela participou também o director do departamento das Relações internacionais do CDS, Gomes de Almeida.

SJ: o 25 de Abril em fotografia

Cerca de 120 fotografias sobre o 25 de Abril, da autoria de repórteres fotográficos portugueses, estão em exposição no Sindicato dos Jornalistas.

«Em 1985 — assinalou à Anop José Luís Fernandes, membro da Comissão que organizou a mostra em colaboração com o núcleo de repórteres fotográficos — os jornalistas comemoraram o 25 de Abril num jantar. A ideia foi fazer este ano uma coisa diferente e, daí, a exposição de fotografias.»

Os trabalhos da mostra poderão ser vistos até 1 de Maio na sala das Assembleias Gerais, um espaço que a Direcção do Sindicato tem procurado dinamizar com a organização de diversas iniciativas culturais.

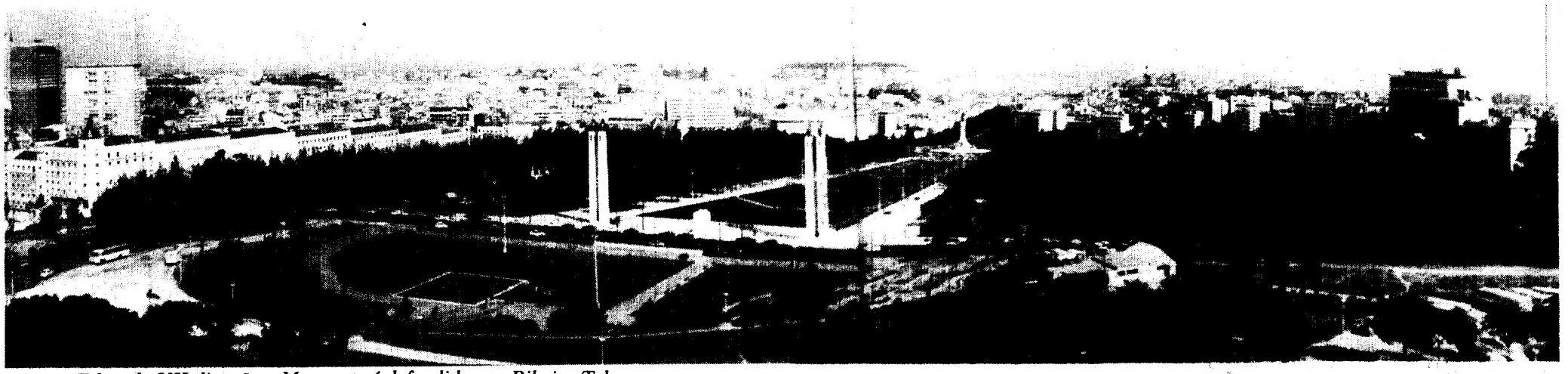
Entre outros, têm fotografias em exposição Bruno Neves, Luís Vasconcelos, Álvaro Tavares, José Tavares, Fernando Ricardo e Pereira de Sousa.

TEM PROBLEMAS COM A BEBIDA?

Precisa de ajuda? Venha falar connosco.
Venha a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.as 4.as 6.as às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32



Parque Eduardo VII: ligação a Monsanto é defendida por Ribeiro Teles

Ligando o Parque Eduardo VII a Monsanto

PPM vai propor "corredor verde" para Lisboa

A constituição de um «corredor verde» que dote Lisboa de uma «espinha dorsal» arborizada, onde os alfacinhas possam passear, fazer manutenção física e esquecer a poluição e automóveis vai ser proposta à vereação municipal na próxima semana.

Ribeiro Teles, o único vereador monárquico de Lisboa, anunciou ontem que, a ser aprovada, esta medida «será uma forma de dar vida ao parque de Monsanto levando facilmente a população até lá».

Trata-se de garantir a arborização e proibir a construção numa faixa de Lisboa entre o cimo do Parque Eduardo VII e Monsanto, nas imediações de Campolide. Nesta faixa, e entre o pavilhão Carlos Lopes, no Parque Eduardo VII e Monsanto, caminhos de peões e um monorail aéreo serviriam de meios de deslocação.

Falando em conferência de Imprensa, elementos do PPM e um representante da Associação Ecológica «Amigos da Terra» reconheceram que a proposta terá que vencer a força dos interesses especulativos que suscitam os terrenos que serão abrangidos pelo «corredor verde».

Mas, como disse António Eloy, dos «Amigos da Terra», «a propsta defende-se a si própria, pois nunca foi contestada durante a campanha eleitoral autárquica por outras forças concorrentes, que terão que assumir o ónus da sua inviabilização e uma responsabilidade com o futuro e para com esta cidade».

Esta é uma das quatro medidas em que o PPM se afirma prioritariamente empenhado. Uma delas — a que cria o Parque Periférico de Lisboa Quinta da Granja, Carnide-Luz, Paço do Lumiar, Ameixoeira e Charneca — foi já aprovada unanimemente pelos veradores municipais, o que para os seus autores constitui um bom sinal quanto à possível evolução que espera as restantes inciativas.

A proposta aprovada prevê o lançamento de um plano de urbanização para a zona com vista ao realojamento dos moradores em construções clandestinas, a recuperação arquitectónica dos cinco lugares incluídos no Parque Periférico, e a organização de espaços livres para passeios a pé e a cavalo, jogos e actividades culturais.

«Somos um voto» (tanto na Assembleia Municipal como n a vereação), diz Ribeiro Telles. No entanto, o PPM procura ultrapassar esta limitação com a divulgação pública das suas ideias sobre Lisboa, para, de algum modo, terem o apoio da população da cidade.

A terceira proposta aponta para a elaboração de um estudo que sirva de base à defesa dos vales e cumeadas da região de Lisboa, onde a construção habitacional deveria ser restringida.

Estas medidas culminarão com uma proposta de classificação das diferentes zonas da cidade, atribuindo a cada uma delas regras específicas de intervenção. «Esta proposta, que é possível e viável de fazer-se, deverá ser discutida dentro de três a quatro semanas», segundo foi revelado na conferência de Imprensa.

A ser aprovada, esta proposta, como o «DL» já divulgou, dividirá Lisboa numa zona histórico-monumental (a parte mais antiga e ribeirinha), uma zona histórico-contemporânea (que correspondem as Avenidas Novas e Monsanto), a zona de expansão urbana, e a referida zona periférica (já aprovada).

Tal classificação definiria as regras a seguir em cada área, estabelecendo os tipos de actividades mais próprios, relações entre espaço público e espaço de habitação, e características dos espaços verdes.

Quatro grandes temas em debate

Congresso de hotelaria junta vários secretários de Estado

A oferta do produto turístico português, influência do transporte aéreo no fenómeno turístico e as acções a desenvolver, cooperação com os países africanos de expressão portuguesa e formação profissional são os principais temas agendados para o IV Congresso Nacional de Hotelaria e Turismo, que decorrerá no Funchal de 28 de Maio a 1 de Junho, com a presença de vários secretários de Estado.

Promovido pela Associação dos Hotéis de Portugal (AHP), este congresso é dedicado à «Hotelaria, cooperação e desenvolvimento». Carlos Proença, secretário-geral da Associação Portuguesa de Hotéis, disse que os temas em debate e a importância, cada vez maior, do sector para o desenvolvimento da economia portuguesa estão a despertar um grande interesse quer aos participantes nacionais quer internacionais.

Para além de personalidades portuguesas e estrangeiras, nomeadamente dos países africanos de expressão oficial portuguesa, ligadas ao sector da hotelaria e turismo, o Congresso tem como oradores os secretários de Estado do Turismo, dos Trasnportes e Comunicações, dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação e da Agricultura e os presidentes do IFADAP, ENATUR e Fundo de Turismo.

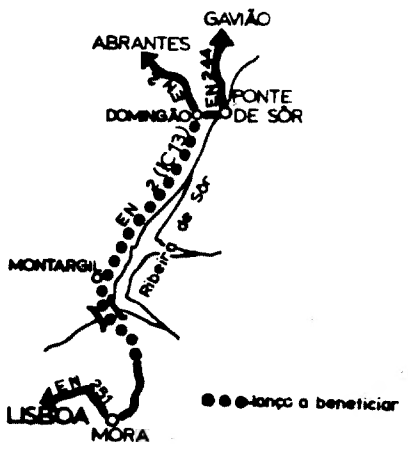
Relacionado com a adesão de Portugal à CEE, os participantes vão analisar as oportunidades oferecidas pelos fundos comunitários na perspectiva de desenvolvimento dos abastecimentos agrícolas, do meio envolvente regional e da qualidade da oferta turística.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES — SECRETARIA DE ESTADO DAS VIAS DE COMUNICAÇÃO

JAE — DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DO SUL

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO INTERNACIONAL NO ÂMBITO DA COMUNIDADE ECONÓMICA EUROPEIA, PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA: "EN 2 — ALARGAMENTO E REFORÇO DO PAVIMENTO ENTRE DOMINGÃO E O LIMITE DOS DISTRITOS DE PORTALEGRE E ÉVORA"



1. Concurso realizado pela Junta Autónoma de Estradas (JAE) — Direcção dos Serviços Regionais de Estradas do Sul, Rua do Cicioso, 18, 7000 Évora, Portugal — Telex 44693, Telefone 26286.

2. a) Local de execução: Distrito de Portalegre

b) Natureza, extensão e características gerais da obra:

- *Extensão:* 31 979 m
- *Perfil transversal tipo:* Faixa de rodagem com 7 m de largura e duas bermas com 1 m de largura cada
- *Pavimentação da faixa de rodagem:*

Numa extensão de 26 921 m
— camada de desgaste em betão betuminoso, com espessura de 0,04 m
— camada de regularização betuminosa, com espessura de 0,05 m

Numa extensão de 5058 m
— camada de desgaste em betão betuminoso, com espessura de 0,04 m
— camada de regularização betuminosa, com espessura de 0,06 m
— camada de macadame betuminoso, com espessura de 0,09 m

3. O preço base do concurso é de Esc.: 350 000 000$00.

4. a) O projecto, o caderno de encargos, o programa de concurso e documentos complementares podem ser examinados no Serviço indicado no n.º 1, na Direcção dos Serviços de Conservação, Rua Maria da Fonte, 55, 1100 Lisboa, e na Direcção de Estradas do Distrito de Portalegre, Avenida do Bonfim, 7300 Portalegre, Portugal, durante as horas normais de expediente.

b) Podem ser solicitadas cópias dos elementos referidos no n.º 4 a), no serviço indicado no n.º 1 até 15 dias depois da publicação deste anúncio no «Diário da República».

c) O custo da totalidade dos elementos referidos no n.º 4 b) é de Esc. 4629$00, sendo o custo do «programa de concurso» de Esc. 296$00, a pagar em dinheiro ou por cheque passado a favor da Junta Autónoma de Estradas.

5. Alvará exigido: Da IV Categoria ou da 1.ª Subcategoria da IV Categoria e da classe correspondente ao valor da sua proposta.

6. Os concorrentes deverão apresentar documentos que permitam apreciar a sua aptidão para a boa execução da obra, no que respeita às condições mínimas de carácter económico, financeiro e técnico, nomeadamente:

a) Declaração respeitante ao volume de negócios global e ao volume de obras da empresa nos últimos três anos;

b) Declaração sobre as habilitações ou diplomas profissionais do empreiteiro ou/e dos quadros da empresa e, em especial, do ou dos responsáveis pela orientação das obras;

c) Lista de obras mais importantes realizadas nos últimos cinco anos e respectivos certificados (passados pelos donos das obras) de execução. Estes certificados indicarão o montante, o prazo e o local de execução das obras, referindo a forma como estas decorreram;

d) Declaração que descreva o equipamento e meios técnicos que utilizará na execução da obra;

e) Declaração relativa aos efectivos médios anuais da empresa e a dimensão dos seus quadros permanentes durantes os três últimos anos;

f) Declaração que mencione os técnicos ou os órgãos técnicos, que estejam ou não integrados na empresa, a que recorrerá para a execução da obra.

7. A caução provisória é de Esc.: 8 750 000$00 a prestar de acordo com o programa do concurso.

8. a) As propostas terão de dar entrada nos serviços até às 15.00 horas do dia 21 de Maio de 1986.

b) As propostas terão de ser enviadas ao Serviço indicado no n.º 1 através do Serviço Oficial dos Correios (CTT).

c) As propostas deverão ser redigidas em língua portuguesa.

9. O período durante o qual, qualquer concorrente, é obrigado a manter a sua proposta é de 90 (noventa) dias a contar da data indicada no n.º 12 a).

10. Podem concorrer empresas ou grupos de empresas, que declarem a intenção de se constituírem juridicamente numa única entidade ou em consórcio externo, em regime de responsabilidade solidária, tendo em vista a celebração do contrato.

11. O financiamento terá como fonte: o Orçamento do Estado Português e os encargos serão satisfeitos em conta da dotação de investimentos do Plano, consignada à Junta Autónoma de Estradas.

12.a) A abertura das propostas terá lugar às 15.00 horas do dia 22 de Maio de 1986, no seguinte endereço: Direcção dos Serviços Regionais de Estradas do Sul, Rua do Cicioso, 18, 7000 Évora.

13. Os trabalhos serão pagos à medição.

14. O prazo de execução da obra é de 180 dias, incluindo domingos e feriados.

15. O anúncio referente a esta empreitada foi enviado ao Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias em 10 de Abril de 1986.

16. A adjudicação será feita à proposta mais vantajosa, atendendo-se aos seguintes critérios, por ordem decrescente da sua importância: garantia de boa execução e qualidade técnica, prazo e preço.

Évora, 10 de Abril de 1986

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS
Alberto de Sequeira Queiroz

Hemodializados são cidadãos de alto risco

Antibióticos podem causar insuficiência renal crónica

Determinados antibióticos tomados sem o respectivo acompanhamento nem moderação podem causar insuficiência renal crónica. Mas não são apenas estes medicamentos os únicos que estarão na origem do seu aparecimento: há mais e, entre eles, os analgésicos contendo misturas de produtos como ácido acetilsalicílico e codeína.

A prevenção acima referida foi produzida na primeira parte do Congresso Português de Nefrologia cuja sessão de encerramento ontem decorreu em Lisboa e na qual o prof. Lecourt afirmou que os hemodializados estão incluídos na população de alto risco para infecções veiculadas pelo sangue, entre as quais a SIDA.

Lecourt, da Faculdade de Medicina do Porto, disse ainda que «deve ser efectuado nos hemodializados um rastreio para infecção LAV» isto é, para infecção pelo vírus da SIDA. «Este rastreio vai verificar-se, e todos os doentes hemodializados serão sujeitos a testes, tal como já sucede para os doentes de hepatite B» — disse à Anop o prof. Martins Prata, presidente do Congresso de Nefrologia que decorre em Lisboa.

A hemodiálise e a transplantação renal são as duas soluções possíveis para a insuficiência renal, que atinge uma média de 60 doentes por cada milhão de habitantes. «Em Portugal haverá 600 pessoas a precisarem de tratamento, acrescentou Martins Prata, que apontou, entre as causas evitáveis desta doença, o uso excessivo de certos medicamentos.

A hipertensão arterial, se não for tratada, é outra das causas mais frequentes de insuficiência renal crónica, uma doença que se pode considerar uma intoxicação do organismo por acumulação de substâncias nocivas que o rim doente não consegue expulsar, disse ainda Martins Prata.

A hemodiálise — uma espécie de filtragem do sangue dos doentes — não é a melhor solução para as insuficiências renais crónicas, nomeadamente pelos custos que implica, disse o especialista.

«Cada doente em diálise custa ao País 1500 contos por ano», disse o especialista, que considerou a melhor solução para o problema as transplantações renais.

Cada transplantação orça em mil contos e é uma solução para toda a vida do doente, acrescentou aquele especialista.

Em Portugal fazem-se uma média de 50 a 60 transplantações renais por ano. No ano passado, nos quatro centros do País onde elas se realizam, dois em Lisboa, um no Porto e um em Coimbra, tiveram lugar 85 transplantações renais.

80 anos de idade

Medicina Legal do Porto homenageou prof. Carlos Lopes

O 80.º aniversário do antigo professor de Medicina Legal e anterior director do Instituto de Medicina do Porto, Carlos Lopes, foi ontem assinalado naquela cidade com o lançamento de uma publicação dirigida pelo catedrático Pinto da Costa, director do instituto local de Medicina Legal.

O primeiro número da edição intitulada «Jornal de Medicina Legal», insere artigos como «Introdução ao Estudo da Psiquiatria Forense», «Experiência do Instituto de Medicina Legal do Porto em Psiquiatria Forense», «Mortes Tristemente Célebres, as Irmãs de le Mans» e «Hematologia Forense», e foi oferecido ao homenageado durante uma sessão solene presidida por Pinto da Costa no salão nobre do Instituto de Medicina Legal do Porto.

Na homenagem ao professor Carlos Lopes, Pinto da Costa considerou-o «inteligente, lutador e dotado de múltiplas generosidades» e «o verdadeiro guião de uma conduta honesta, inquebrantável no que é justo sem dobrar aos poderosos».

O professor Carlos Lopes foi nomeado em 1960 director do Instituto de Medicina Legal do Porto, cargo que desempenhou até ao dia em que completou 70 anos, sendo substituído nas suas funções por Pinto da Costa.

Considerado um dos mais altos expoentes da Medicina Legal portuguesa, «o mestre de todos nós», como disse Pinto da Costa na sua alocução, publicou ao longo da sua carreira 71 trabalhos científicos, alguns deles traduzidos em francês e em polaco.

Enfermagem do Porto suspende aulas

Alunos "declaram guerra" a despacho de Leonor Beleza

A Escola de Enfermagem do Hospital de S. João do Porto suspendeu ontem as aulas em virtude do recente despacho publicado pela ministra da Saúde, Leonor Beleza. Transmitido ao director do Hospital de S. João, o despacho fixa o encerramento dos sexto e sétimos pisos aos alunos e docentes daquela escola que até ao momento têm servido de instalações escolares.

Um responsável daquela instituição de ensino disse que «a ministra da Saúde deve rever o problema com urgência, porque ao salvaguardar o interesse hospitalar prejudica ainda mais a escola de enfermagem.

Como forma de protesto, os alunos bloquearam as referidas instalações, numa tentativa de ocupação por parte do hospital com piquetes que se manterão por tempo indeterminado até que a situação seja resolvida.

As aulas encontram-se suspensas, dado o Conselho Pedagógico ter considerado não estarem reunidas as condições necessárias para o seu bom funcionamento. Entretanto, o director do Hospital de S. João enviou um telex ao órgão docente daquela escola, dando conhecimento de que o despacho teria de ser cumprido, nem que para isso «tenha que se recorrer às forças de segurança».

Medicina portuguesa: o «ponto da situação»

O «ponto da situação» da medicina portuguesa vai ser feito no Sexgo Congresso Nacional de Medicina — afirmou no Porto o bastonário da Ordem dos Médicos, Gentil Martins. Adiantou ainda que o encontro se realizará, em Junho, naquela cidade.

A Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos é responsável pela realização do Congresso, destinado a médicos portugueses e feito «com a prata da casa», segundo Gentil Martins.

Para o bastonário da Ordem, os congressos médicos que se realizam no País, «recorrem exageradamente a especialistas estrangeiros» e «não é necessário tanto intercâmbio».

No encontro, que decorrerá de 4 a 7 de Junho, no Hospital de S. João, 250 oradores nacionais vão ocupar-se de 50 temas em 44 mesas-redondas e 3 cursos.

Os temas versarão áreas avançadas da Medicina, como a engenharia genética, a imunodeficiência adquirida ou as transplantações renais, e temas do quotidiano. A análise dos sistemas de saúde na CEE e a responsabilidade profissional dos médicos também serão objecto de análise no encontro.

Entretanto, o Núcleo da Madeira da Fundação Portuguesa de Cardiologia arrancou esta manhã com um programa de realizações inserido no «Mês do Coração».

O programa de actividades iniciou-se com a distribuição de equipas da Fundação pela capital madeirense, responsáveis pela medição da tensão arterial do público interessado.

Uma mesa-redonda com a participação de Fernando Pádua, presidente da Fundação, decorrerá amanhã na Televisão. Nela serão abordados vários temas relacionados com a cardiologia.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

O Grande Responsável começou o seu discurso com uma formal declaração de princípios:

— Meus senhores, eu sou contra todas as formas de dirigismo. Só tenho um plano: ser contra os planos. O Governo deve ser apenas um observador atento da realidade social. Pois que siga a dança do jogo do mercado! No entanto...

O vasto auditório, constituído por empresários, susteve a respiração.

— ...No entanto — *continuou o Grande Responsável* **— há empresas que parece que não querem integrar-se no esforço de recuperação do Governo. Que é que elas fazem? Negoceiam com os sindicatos, avançam com propostas de que depois se afastam sob a pressão dos trabalhadores, acabam por dar muito mais do que o máximo que o Governo admitiu. Não pode ser!**

Bebeu um golo de água, limou algumas arestas da voz desmetalizada pelo tom imperioso.

— Claro, o dirigismo é uma praga, um escalracho de que temos de nos libertar. As leis do mercado devem seguir com a máxima limpidez. No entanto...

Consultou um monte de papéis manuscritos:

— ...No entanto, a nossa inflação é a mais elevada da Europa. É preciso baixá-la. À custa do desemprego? É uma solução clássica. À custa dos salários baixos? É outra solução clássica. Sou contra toda a classe de dirigismos e a favor das soluções clássimas!

Preencheu uma hora com a leitura de números e percentagens. E depois:

— Actuaremos severamente contra as empresas que paguem mais, que vão além da percentagem fixada. Para já, perderão os subsídios prometidos e não terão acesso a outros. Por outro lado, serão alvo de uma fiscalização mais intensa por parte das repartições de Finanças. Nada lhes será perdoado. A inflação, meus senhores, não é coisa com que se possa brincar, é assunto muito sério!

Mais um golo de água:

— A terminar, faço votos para que seja banido o dirigismo que tantos males tem causado ao nosso país!

Em 1985

Venderam-se 8 milhões de contos de discos e cassetes...

Em Portugal foram vendidos no ano passado cerca de oito milhões de discos e cassetes, ou seja, quase uma unidade por cada cidadão.

O maior contingente de vendas registou-se nos «singles» com 2 567 524 unidades, LP's com 2 425 458 e mini-LP's com 1 218 411. Os maxi-singles venderam 283 336 unidades. Os compact disc (CD), que são a novidade na indústria, venderam no ano passado em Portugal 10 561 unidades. O total das cassetes vendidas fixou-se em 1 288 910.

Segundo a lista oficial da União das Editores de Video e Audio a que a agência NP teve acesso foi a seguinte a percentagem da facturação, por editora, no conjunto de discos e cassetes:

EMI — 28,94 por cento; Polygram — 22,51; CBS — 19,08; Selecções — 12,22; Edisom — 8,56; Dacapo — 5,90; Edisco — 1,31; Transmédia — 0,89; Vadeca — 0,53.

Quanto ao catálogo nacional, a percentagem de facturação favorece também a EMI (61,82 por cento), seguindo-se a Polygram (18,23 por cento) e a CBS (10,53 por cento). Finalmente, quanto a música clássica, o top é da Polygram com 57,69 por cento, seguindo-se a EMI com 18,05 por cento e a Dacapo com 17,10 por cento.

...mas é impossível saber-se quantos livros se vendem

É impossível saber quantos livros se vendem anualmente em Portugal, segundo adiantou uma fonte da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, à agência Notícias de Portugal.

«Não há controlo possível, dada a multiplicidade de locais de venda e a consequente não comunicação dos exemplares vendidos», disse a mesma fonte.

O único dado existente é o do número de títulos e reedições publicadas que no ano passado atingiu 2609, acrescentou. Deste total, 53,27 por cento diz respeito a autores portugueses e o resto a traduções, figurando à frente a língua inglesa (15 por cento) e depois a francesa (11 por cento). Nestes termos, não é possível fazer uma comparação entre o número de discos vendidos em Portugal no ano passado (cerca de oito milhões) e número de livros.

"Em Portugal pouco tem sido feito em matéria de ordenamento"

— *constata secretário de Estado*

O secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território afirmou ontem que em Portugal «pouco tem sido feito» em matéria de ordenamento.

Nunes Liberato falava em Ponta Delgada na assinatura de um protocolo de cooperação entre os governos central e regional em matéria de ordenamento do território e urbanismo. Em seu entender, «há muito a fazer no campo do ordenamento do território nacional» e «é necessário dar respostas completas nesse sentido.» Referindo-se ao protocolo, disse que se trata de uma colaboração, pois «existe respeito escrupuloso pelas competências» do Governo açoriano.»

O secretário regional do Equipamento Social referiu por seu lado que este protocolo é uma necessidade e tem em «vista a melhoria da qualidade de vida das populações açorianas.

Neste âmbito, acrescentou, serão defendidas estratégias que reduzam ao máximo os conflitos entre as necessidades crescentes de recursos naturais e as exigências da sua conservação».

Afirmou ainda que constitui uma preocupação para o executivo regional «o desenvolvimento harmonioso e controlado dos Açores».

CASAL MODESTO COM 8 FILHOS GANHA 57 000 CONTOS

REFORMADO AOS 37 ANOS POR INVALIDEZ GANHA 57.000 CONTOS

Lousada, 20 – Carlos Alberto Nunes de Oliveira, 37 anos, de Luim, ficou milionário, de um dia para o outro, graças ao Totoloto. Na Sexta-feira, quando se deitou, era um reformado, com uma pensão de 12.000$00 mensais, que mal lhe dava para sustentar a família, composta pela mulher e por oito filhos — dos quais o mais velho tem 16 anos de idade e o mais novo, um mês e meio. No Sábado, quando foi para a cama, ainda cansado das celebrações, era, sem dúvida alguma, o homem mais rico da freguesia, já que acertara nos seis números que fazem milionários e que ganhara nada mais nada menos do que 57 mil contos...

UMA VIDA DIFÍCIL

Vale a pena frisar que estes 57 mil contos vieram premiar uma vida árdua e trabalhosa. O Carlos de Oliveira trabalhou na construção civil até ser vitimado por acidente que o invalidou, e não teve outro remédio senão pedir a reforma.

Ainda emocionado pela notícia de que deixara os maus dias para trás, o novo milionário descreve o seu passado em termos que não deixam dúvidas a ninguém: «Já passei muita fome e já vivi de esmolas».

Não pode dizer-se, porém, que a fome tenha sido o único dos seus males, já que passou muito tempo no hospital onde sofreu várias intervenções cirúrgicas melindrosas depois do acidente.

BEM EMPREGADO PRÉMIO DO TOTOLOTO!

Ao saber que se tornara milionário, não tinha um tostão no bolso e foi obrigado a pedir dinheiro emprestado para celebrar o acontecimento com os amigos.

Tudo isto, porém, pertence ao passado.

Graças ao Totoloto, vai terminar a construção de uma modesta casinha já iniciada com o auxílio do Instituto do Planeamento Familiar e vai, como ele próprio diz, «viver melhor».

UM HOMEM FELIZ

A grande beneficiária deste prémio, porém, vai ser a sua família.

É com um sorriso rasgado que novo milionário contempla o futuro dos filhos que certamente não passarão a fome que ele passou, nem terão de viver de esmolas.

totoloto

Começa amanhã em Gaia congresso sobre o Douro

O Primeiro Congresso Internacional sobre o rio Douro, que se inicia amanhã em Vila Nova de Gaia, realiza-se precisamente numa altura em que esta cidade está prestes a perder a sua posição única na exportação do vinho do Porto. Entretanto, prossegue a publicação da «História de Gaia» em fascículos profusamente ilustrados a cores que, tal como o Congresso, são uma iniciativa do Gabinete de História e Arqueologia do Município local.

O congresso efectua-se uma semana depois de ter sido promulgado um decreto-lei que termina com o monopólio de Vila Nova de Gaia no que diz respeito à exportação de vinho do Porto, e quando se encontra pendente na Assembleia da República um projecto de lei do PS sobre o mesmo assunto.

Simultaneamente ao Congresso, vão decorrer outras actividades culturais, entre as quais uma exposição de artistas do vale do Douro e um Concurso Literário para jovens.

«Barcos do Douro», «A influência do Douro sobre os Ingleses do Porto», «A tanoaria e os operários», e «o Douro como fronteira na antiguidade romana» são alguns dos temas das comunicações a apresentar no Congresso.

«Razão histórica da fixação dos armazéns do vinho do Porto em Vila Nova», «A navegabilidade do rio Douro nos séculos XVI e XVII» e «O primeiro grande ciclo vinícola do Douro (1550-1700)» são também títulos de comunicações anunciadas, para além de outros trabalhos como a «Presença dominicana na bacia do Douro», «Movimento comercial na barra do Douro nos finais do século XVIII» e «Tentativa de ligação do Douro com a ria de Aveiro por meio de um canal». Bernardo Xavier Coutinho, José Augusto Seabra, Octávio Lixa Felgueiras, Cunha e Freitas, Humberto Barqueiro Moreno e Manuel Inácio Pestana são alguns dos participantes.

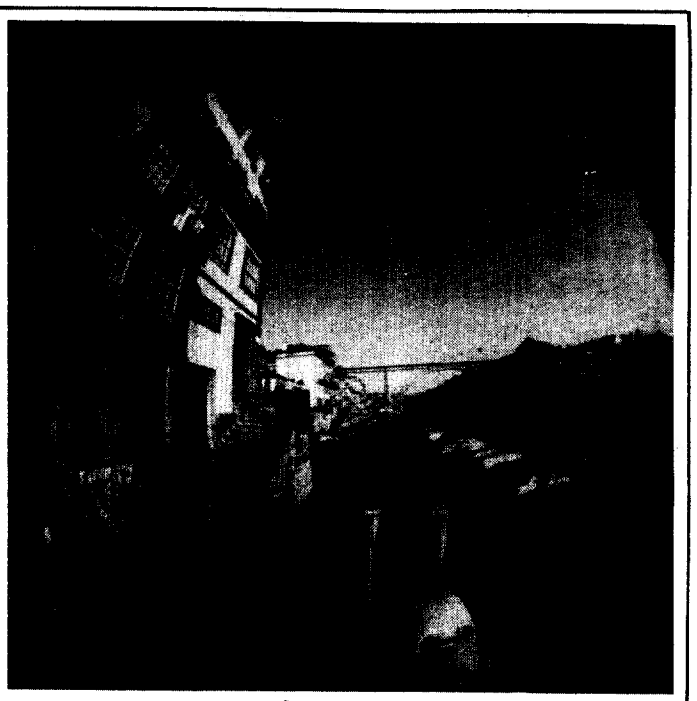
Os luxuosos fascículos da «História de Gaia» contam a história da terra onde começou o País (que dela tirou aliás o nome) e recordam a autonomia do antigo julgado de Gaia, que a partir do século XV entrou na órbita do Porto.

Falam da história das firmas exportadoras de vinho do Porto, do Entreposto de Gaia, dos armazéns de vinhos, dos pescadores do rio Douro e dos de mar (nomeadamente dos apanhadores de caranguejo que fundaram a povoação da Granja — mais tarde praia famosa).

Salientam o facto de 76 por cento da população do concelho trabalhar no sector dos serviços e apenas nove por cento na agricultura, quase toda por conta própria, e mesmo alguma para exportação, como ocorre no caso das plantas de estufa.

Por outro lado destacam as 1388 empresas industriais que havia na zona segundo dados de 1977, a maioria das quais de têxteis e vestuário, madeiras, cortiças e metalúrgicas.

O Observatório da serra do Pilar, o papel deste morro fronteiro ao Porto nas lutas liberais, e a actividade cultural, económica e administrativa desenvolvida pelos extintos, em 1834, Mosteiros de Pedroso, Grijó e Corpus Cristi são também historiados nos fascículos.



O mesmo se diga dos marqueses de Abrantes, principais senhores de Gaia e restante Douro litoral durante séculos, descendentes do célebre Sá das Galés (Séc. XIV) que socorreu Lisboa cercada pelos castelhanos e que está na origem da lenda das «tripas à moda do Porto».

Recorde-se, entretanto, que o primeiro vinho português exportado para Inglaterra era vinho verde, nomeadamente da casta Alvarinho, embarcado em Viana do Castelo. Foi aliás em Viana que se fixaram a princípio as primeiras firmas exportadoras de vinhos ingleses em Portugal, e só no final do século XVII se acentuou o predomínio dos vinhos do Douro.

Conselho de Ministros aprecia nova Lei do Emparcelamento

A nova lei do Emparcelamento de Terras é hoje discutida em Conselho de Ministros para ser enviada à Assembleia da República, segundo anunciou em Braga o secretário de Estado da Agricultura.

Joaquim Rosado Gusmão falava depois de ter visitado a Feira Internacional de Agricultura, Pecuária e Alimentação (AGRO-86) que até ao dia 27 decorre no Parque Municipal de Exposições de Braga.

O secretário de Estado anunciou, que a nova lei do Emparcelamento, segundo o projecto do Governo, irá facilitar alguns processos burocráticos, quer na transferência, quer nos registos das terras.

O secretário de Estado anunciou, ainda, que a nova lei da Caça já foi enviada à Assembleia da República e subirá a plenário em princípios de Maio. Esta lei, disse, irá criar vários tipos de reserva de caça, onde para a sua prática «se exige certa afinidade» entre um grupo de caçadores.

O secretário de Estado falou também do projecto da nova lei do Arrendamento Rural em preparação e que irá dar «maiores garantias aos rendeiros prolongando o prazo de arrendamento, e defender os senhorios porque as coisas não se estavam a passar bem», disse.

Adiantou, por fim, que a lei do Arrendamento Florestal e a Plantação de Eucaliptos que estão em estudo deverão provocar alguma polémica com os industriais da celulose, porque vai exigir pequenas manchas a separar o plantio de eucaliptos «e o Governo está a chegar à conclusão que a área existente é suficiente para abastecer a indústria transformadora».

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

COMERCIALIZAÇÃO DE FOGOS

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto CONCURSO POR SORTEIO, **em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 18 de Abril a 2 de Maio), para atribuição por venda, de** 1 fogo-T1, sito Edifício 12 — 1.º Piso — Letra H — Cidade Nova — Santo António dos Cavaleiros, pelo preço de 2 094 868$00, e de 1 fogo T4, sito no Edifício 17 — 9.º Piso — Letra I — Cidade Nova — St.º António dos Cavaleiros, pelo preço de 3 245 947$00.

1. **O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.**
2. **Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal:**

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (per capita)	Rendimento máximo mensal (per capita)
1	33 750$00	90 000$00
2	22 500$00	56 250$00
3	18 000$00	39 375$00
4	16 200$00	33 750$00
5	13 500$00	28 125$00
6	12 375$00	27 000$00
7	11 250$00	24 750$00

3. O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loures, 14 de de Abril de 1986

O Vereador do Pelouro
Duarte Nuno Alves Clímaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

AVISO

«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO, POR VENDA, DO FOGO SITO EDIFÍCIO 10 B — 3.º H — CIDADE NOVA — SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS»

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto CONCURSO POR SORTEIO, **em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 18 de Abril a 2 de Maio), para atribuição por venda, de 1 fogo-T2, sito Edifício 10 B — 3.º H — Cidade Nova — Santo António dos Cavaleiros, pelo preço de 2 342 976$00.**

1. **O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.**
2. **Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal:**

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (per capita)	Rendimento máximo mensal (per capita)
1	33 750$00	90 000$00
2	22 500$00	56 250$00
3	18 000$00	39 375$00
4	16 200$00	33 750$00
5	13 500$00	28 125$00
6	12 375$00	27 000$00

3. O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loures, 14 de de Abril de 1986

O Vereador do Pelouro
Duarte Nuno Alves Clímaco Pinto

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pelo Quarto Juízo — Primeira Secção do Tribunal de Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns Autos de Contrato Individual de Trabalho com processo Sumário registados sob o n.º 42/85 em que é Autor — Sidónio Roque da Silva, residente em Bairro Social Lote 2-3.º Dt.º Trafaria, Monte da Caparica e Ré — CELCOM — Comércio de Esquentadores e Máquinas para o Lar, Lda., com última morada conhecida em Rua do Instituto Industrial, 5 em Lisboa, é esta última Ré CITADA para contestar a acção bem como o pedido de assistência Judiciária formulado também pelo Autor, apresentando a sua defesa no prazo de oito dias que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias a contar da última publicação, sob a cominação de vir a ser condenada no pedido formulado pelo Autor e constante da petição Inicial, cujo duplicado se encontra à disposição da Ré na Secção de processos competente.

Para constar se passou o presente anúncio que vai ser devidamente publicado.

Lisboa e Quarto Juízo — Primeira Secção do Tribunal de Trabalho, aos Dezassete dias do mês de Abril de mil novecentos e oitenta e seis.

O JUIZ DE DIREITO
Sousa Prates
O ESCRIVÃO ADJUNTO
António Peniche

D.L. 24/4/86 — 2.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 11.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR HUGO PEREIRA DO AMARAL BARATA — Mm.º Juiz de Direito da 3.ª Secção do 11.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa:

FAZ SABER que, no dia NOVE DO MÊS DE MAIO PRÓXIMO, PELAS 10,00 HORAS na Secção e Juízo do Tribunal referido, nos autos de «Execução Sumária», sob o n.º 5360, em que é:

EXEQUENTE: — O BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO, c/ sede na Praça D. João I, n.º 28, no Porto

EXECUTADA: — EDITORIAL ASTER, LD.ª, Sociedade Comercial por Quotas, com sede no Largo D. Estefânia, n.º 8-1.º Esq.º, em Lisboa, há-de ser posta em praça para se arrematar ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, uma máquina de contabilidade da marca «NCR», com a referência 8 977 857, em bom estado de conservação e funcionamento da qual, é depositário, o Snr. FERNANDO LUÍS MARIA LECOCQ DA COSTA E SILVA GUERREIRO DE SOUSA, sócio gerente da executada, com residência na Travessa de Noronha, n.º 15-2.º e na sede da já referida executada.

Lisboa, 15 de Abril de 1986

O JUIZ DE DIREITO
Hugo Pereira do Amaral Barata
O ESCRIVÃO ADJUNTO
Manuel Palma do Espírito Santo

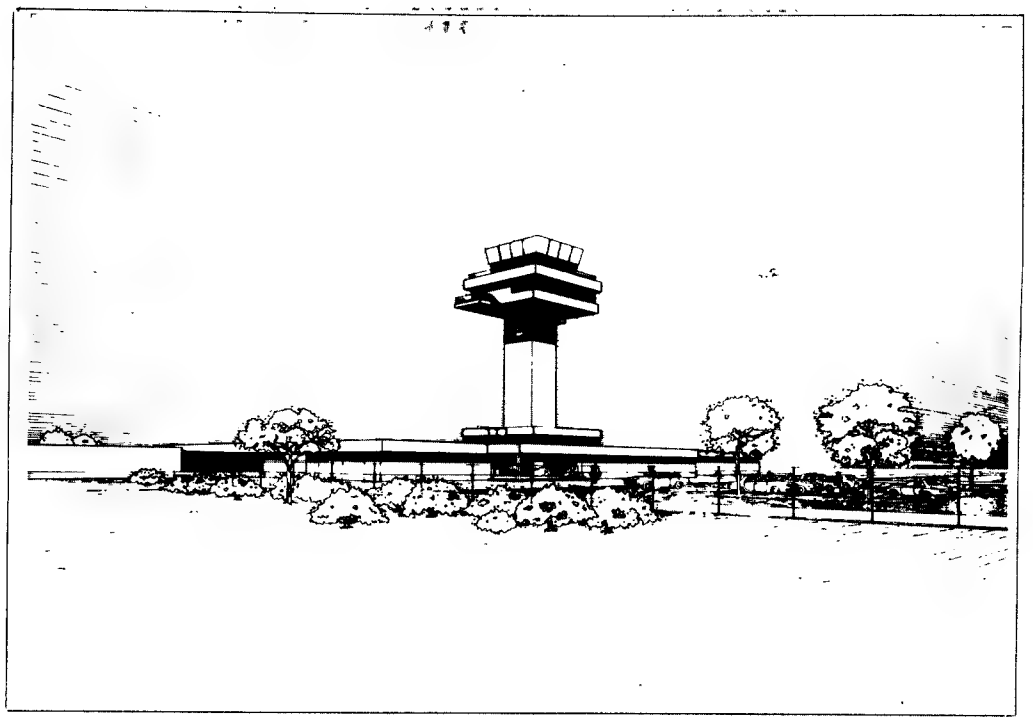
D.L. 24/4/86 — 2.º Pub.

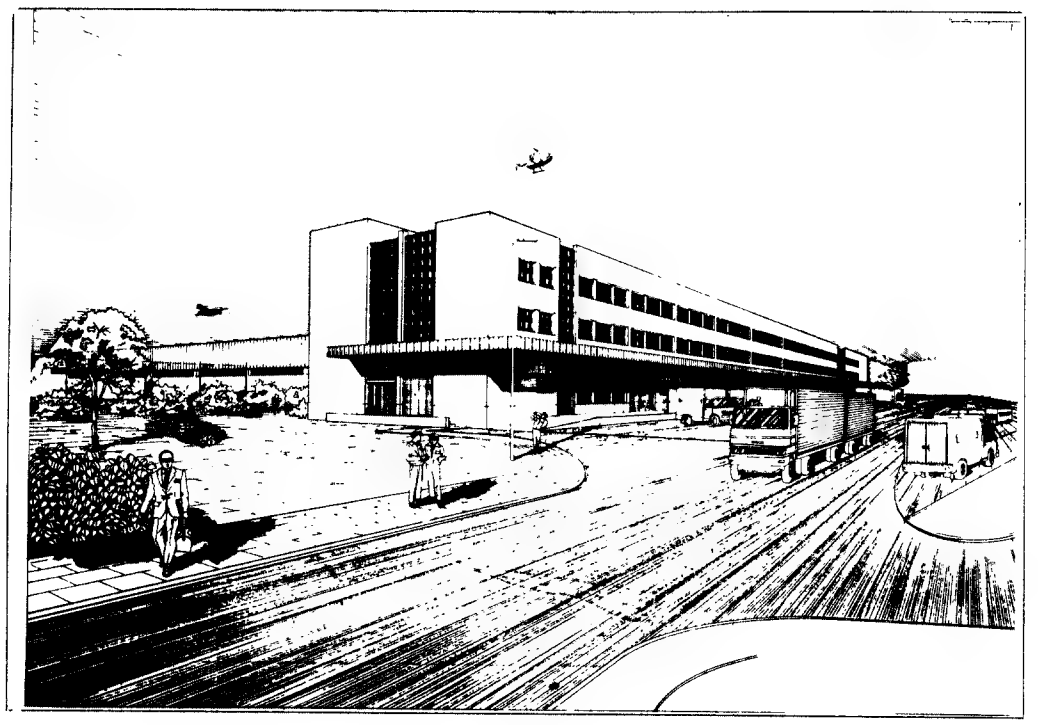
QUELUZ – MASSAMÁ

PAPELARIA CLÁU – XANA

VENDE O DIÁRIO DE LISBOA
Rua Direita de Massamá, 181 – Casal do Belo — Massamá

RECEPÇÃO DE ANÚNCIOS





Pedras Rubras: à esquerda o estudo prévio da torre de controlo, serviços técnicos, à direita o estudo prévio do complexo de carga do aeroporto. Projecto: GPA – Gabinete de Planeamento e Arquitectura (arq.º Maurício de Vasconcelos)

Para três milhões de passageiros/ano

Nova aerogare de Faro estará operacional em Novembro de 1989

A nova aerogare do Aeroporto de Faro, instalado na zona de maior desenvolvimento turístico do continente, será utilizada por cerca de três milhões de passageiros/ano depois de construída. O projecto que a ANA aprovou prevê que nas horas de ponta nela se movimentem 1400 passageiros em cada sentido (embarque e desembarque), valor a que aquela empresa pública de aeroportos e navegação aérea atribui grande importância, devido ao tráfego deste aeroporto.

Recorde-se que Faro envolveu 1 758 888 passageiros em 1985 e que o Governador Civil de Faro, Cabrita Neto, em entrevista concedida ao «DL» e aqui recentemente publicada, chamava a atenção para a urgência do avanço dessas obras. Há já datas previstas: a plataforma deverá estar pronta em Maio de 1988 e a aerogare em Novembro do ano seguinte.

A ampliação e modernização da aerogare do Aeroporto de Faro insere-se numa nova iniciativa da ANA-EP, no sentido de dotar Pedras Rubras e a capital do Algarve de novas infra-estruturas neste campo, tendo em conta a sua importância. Aliás, numa nota ontem tornada pública, a ANA sublinha que «os aeroportos de Porto e Faro têm vindo a sofrer dificuldades de exploração, motivadas por deficientes capacidades das plataformas e dos edifícios, o que levou à decisão de implementar uma primeira fase dos Planos Directores de Desenvolvimento de cada um dos aeroportos».

Por essa razão, a Empresa Pública Aeroportos e Navegação Aérea-ANA, E.P. lançou em 1983 um concurso público internacional para pré-qualificação de empresas ou consórcios candidatos à construção das novas infra-estruturas e elaboração dos respectivos projectos, entre elas a de Faro.

De autocarro até ao avião

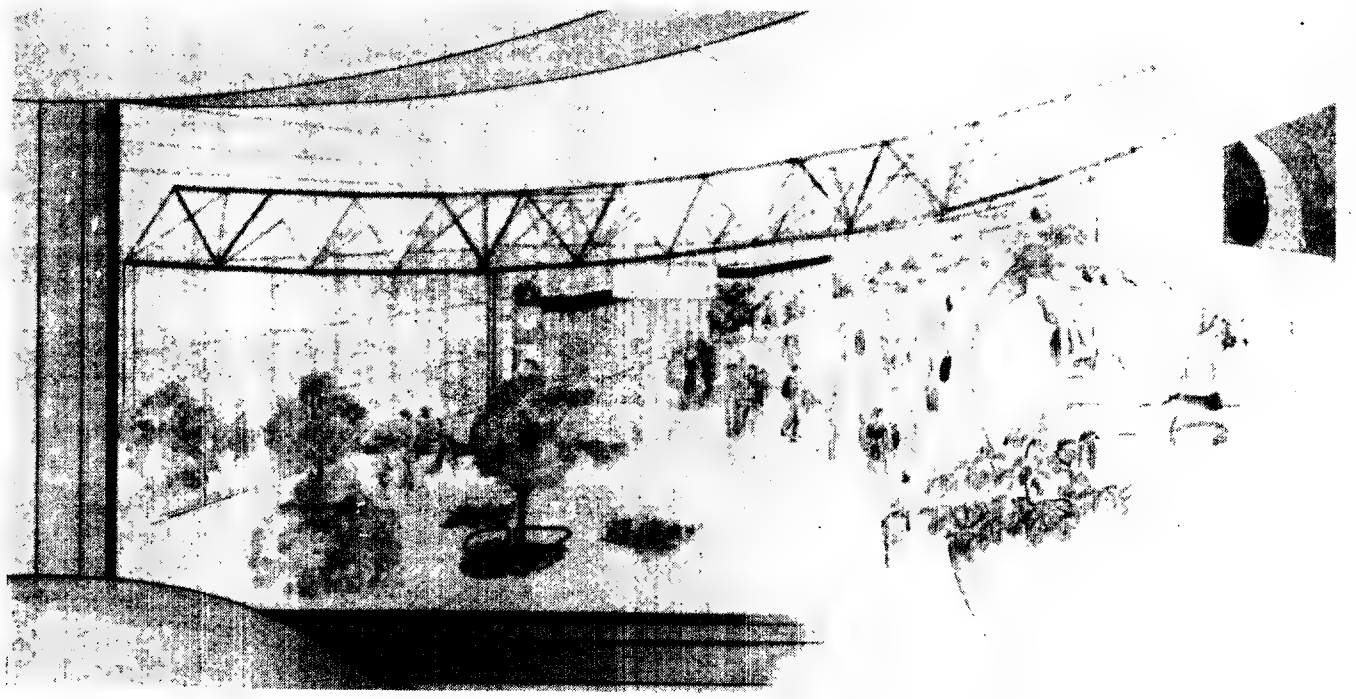
De forma rectangular, com 280 metros e 80 como dimensões gerais, o edifício prevê que o embarque e desembarque de passageiros se processe num só nível térreo, sendo o transporte para os aviões feito por autocarros — como na Portela.

O átrio público dará, por seu turno, acesso a um conjunto de facilidades não só para os passageiros como para os seus acompanhantes e o público em geral: balcões de informações, balcões das companhias transportadoras, balcões de agências de viagens, aluguer de automóveis, turismo, banco, lojas, correios, telefones, posto de primeiros socorros, áreas para assistência especial (a idosos, crianças e deficientes físicos), guarda de bagagens, bar e restaurante (com capacidade para 360 lugares), terraço com visibilidade sobre a plataforma e pista e salas de conferências e exposições.

A sala de embarque para voos internacionais tem capacidade para o número de passageiros correspondente a duas horas de ponta máxima, em boas condições de conforto, os passageiros terão acesso exclusivo a lojas francas de venda de ourivesaria, fotografia, electrónica, brinquedos, artesanato, e um grande supermercado com 400 m2 na venda de vinhos, tabacos e perfumaria. Ainda com acesso da sala de embarque existem um bar, dois restaurantes (um em sistema self com 530 lugares, outro de mesa posta para 50 lugares) e salas de assistência especial.

O edifício será equipado com sistemas sofisticados de ar condicionado, de informação, de sinalização, de controlo de segurança, de controlo de consumo de energia, de detecção de incêndios, de circuitos fechados de televisão, de comunicações. A aerogare é servida por um conjunto de parques de estacionamento com capacidade para 700 autos ligeiros, 70 autocarros de turismo, 140 automóveis de aluguer e 80 táxis.

A nova área de plataforma para estacionamento de aviões, na proximidade imediata da futura aerogare, terá capacidade para parquear até 5 aviões B-747 e é compatível com a utilização de todos os outros tipos de aviões comerciais.



O interior da nova aerogare de Faro, segundo um estudo prévio da ANA/EP, vai apresentar-se assim. No concurso para as obras de Faro qualificou-se em primeiro lugar a PROFABRIL, seguida do GPA (arq.º Maurício de Vasconcelos)

Pedras Rubras também está na rota das obras da ANA-EP

Pedras Rubras: nova aerogare em fins de 1989

O Aeroporto do Porto serve, como se sabe, uma região de grande desenvolvimento industrial, geradora de tráfego regular de importância significativa — passageiros e carga. Por isso, será dotado de um terminal de carga, para além de uma aerogare e um edifício para os serviços técnicos e Torre de Controlo.

Também nele serão remodeladas a rede geral e plataforma, prevendo-se a conclusão de todas as infra-estruturas em fins de 1989. A nova aerogare, segundo o projecto aprovado, apresenta-se com dimensões para um movimento anual de 1,5 milhões de passgeiros, cerca do triplo tráfego actual, e com horas de ponta de cerca de 900 passageiros em casa sentido, embarque e desembarque.

O processamento de passageiros operar-se-á num só nível térreo, sendo o seu transporte, para os aviões, feito por autocarros.

A aerogare é um edifício de configuração geral rectangular, paralelo à nova plataforma de estacionamento de aviões com dimensões gerais de cerca de 200 m por 80 metros.

Segundo um critério que a ANA diz ter sido previamente estabelecido, o qual, de resto, mereceu o acordo do Ministério da tutela, aquela empresa pública de aeroportos e navegação adjudicou as obras a um consórcio liderado pela AERCO -Construções de Aeroportos constituído por seis empresas de construção civil, entre elas a Amadeu Gaudêncio, Eduardo Rodrigues, Alves Ribeiro e Obrecol.

PUBLICAÇÕES PROJORNAL, LDA.

Proprietária dos semanários
«O Jornal», «Se7e» e «JL»
e dos mensários
«O Jornal da Educação» e «História»

ADMITE
PARA OS SEUS QUADROS

FUNCIONÁRIOS PARA O SEU DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Resposta manuscrita com «curriculum vitae» ao n.º24 404 deste jornal.

PROFLUIDOS – GABINETE DE PROJECTOS DE INSTALAÇÕES ESPECIAIS, L.DA

Certifico, narrativamente que, por escritura de 20 de Fevereiro de 1986, lavrada de fl 24 26 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 109-F do 9 º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notaria licenciada Maria Alice Ribeiro Fernandes, foi entre Eduardo António Oliveira Vicente Nunes, Fernando de Magalhães Claro Fernando Manuel Mendes Esperto e José Manuel Boullosa Perez da Graça constituida uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe, que se ficou a reger pelo pacto constante dos artigos seguintes

1.º

A sociedade adopta a denominação PROFLUIDOS – Gabinete de Projectos de Instalações Especiais, L.da, tem a sua sede e estabelecimento na Rua de Luís Cristino da Silva, lote 248, 2.º, 97-E, em Lisboa, freguesia de Marvila.

§ 1 º, A sede social poderá ser transferida para qualquer outra localidade dentro do território português, por simples deliberação da assembleia geral, podendo a gerência, quando o entender, estabelecer ou encerrar filiais, delegações ou qualquer outra forma de representação da sociedade no local ou locais que tenha por convenientes.

2 º

A sociedade tem por objecto a consultadoria, estudos e projectos de instalações mecânicas e eléctricas e redes de distribuição de fluidos e esgotos.

3.º

O capital social é de 300 000$, integralmente realizado, em dinheiro, já entrado na caixa social e corresponde à soma de quatro quotas iguais de 75 000$ cada uma, sendo uma de cada sócio.

4.º

Não poderão ser exigidas prestações suplementares de capital mas qualquer sócio poderá fazer suprimentos à sociedade, com ou sem juros e nas condições de amortização que forem deliberadas em assembleia geral.

5.º

A gerência, dispensada de caução e remunerada ou não, conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, será exercida pelo sócio Eduardo António Oliveira Vicente Nunes, que desde já fica nomeado gerente.

§ 1.º Para que a sociedade se considere validamente obrigada, em todos os seus actos e contratos, será necessária e suficiente a assinatura de um sócio gerente ou delegado seu.

§ 2.º Os gerentes não poderão em caso algum obrigar a sociedade em abonações, fianças, avales, letras de favor ou em quaisquer outros actos estranhos ao objecto social.

§ 3 º Os gerentes poderão delegar, no todo ou em parte, os seus poderes de gerência e a sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo 256 º do Código Comercial.

6.º

A cessão de quotas entre sócios é livremente permitida, porem, a favor de estranhos depende do consentimento da sociedade, em primeiro lugar, e de quem mais for sócio, em segundo

7 º

1 – A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer socio nos seguintes casos

a) Por infracção ao disposto no § 2 º do artigo 5.º,

b) Quando a quota for objecto de penhora, arresto ou outra providência cautelar em processo judicial, fiscal ou administrativo ou se for dada em penhor sem consentimento expresso da sociedade,

c) Insolvência ou falência do respectivo titular judicialmente decretada e não suspensa,

d) Por acordo,

e) No caso de interdição ou falecimento de qualquer sócio, se neste último caso a sociedade não aceitar como sócios os herdeiros do falecido.

2 A amortização da quota será feita pelo respectivo valor nominal, excepto na hipótese prevista na alínea e) do número anterior, em que será feita pelo valor da quota apurado em balanço especial realizado para o efeito, devendo num e noutro caso o correspondente preço ser pago no prazo máximo de um ano, em quatro prestações trimestrais e iguais, sem que o capital em divida vença juros, considerando-se para efeitos sociais realizada a amortização com o pagamento da primeira prestação ou com o seu deposito, na Caixa Geral de Depósitos, à ordem de quem de direito

8.º

Quando a lei não exigir outras formalidades especiais, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por meio de carta registada, expedida com a atencedência mínima de oito dias

9 º

1 - No caso de dissolução ou liquidação da sociedade, serão os sócios os liquidatarios.

2 Na falta de acordo, os bens sociais, incluindo activo e passivo, serão adjudicados ao sócios que melhor preço e condições oferecer

Está conforme

9 º Cartorio Notarial de Lisboa, 27 de Fevereiro de 1986 – A Ajudante, Cremilda Pinteus Marques da Silva Malvar

D.L 24/4/1986

Primeiro réu a assumir-se, em Monsanto, como membro da ECA

"Referências a bombas em Lisboa? Eram bombas de gasolina..."

Um réu do processo FUP/FP-25 assumiu-se ontem, pela primeira vez desde o início do julgamento, como elemento da Estrutura Civil Armada (ECA), a componente clandestina do «Projecto Global», identificada na acusação com aquela alegada «associação terrorista».

Trata-se de José António Fernandes da Silva Pereira, 32 anos, ex-militante do extinto PRP, que durante a 107.ª sessão do julgamento a decorrer em Monsanto declarou também ter pertencido à Comissão Central da OUT, a organização que antecedeu a FUP como componente **aberta** do referido «PG».

Segundo contou, desempenhou no seio da ECA as funções de comissário político para o distrito do Porto de 1979 a «finais de 80», e do Verão de 83 até à sua detenção em Junho de 84.

Durante aquele intervalo, devido ao «desgaste» e «frustração» das campanhas eleitorais de 80, decidiu «arrumar as malas» e passou a «militante de base».

Conforme observou o juiz-presidente, Silva Pereira encontra-se numa situação «privilegiada» por ter pertencido a duas componentes do «PG», ao contrário de quase todos os seus co-réus, que afirmaram sempre a existência de «estanquicidade» entre as componentes.

O réu, em resposta, disse que as componentes eram «autónomas», mas adiantou por outro lado que «cada companheiro tinha a liberdade de se integrar na componente onde se considerasse mais útil».

Ser da Polícia

José António Silva Pereira não se furtou a responder ao juiz-presidente, mostrando até um certo à-vontade — a dúvida é saber até que ponto foi convincente...

Afirmou, por exemplo, que a ECA foi criada para «resistir» à eventualidade de um golpe «fascista» e «lutar pela revolução socialista». Além disso, sublinhou, desconhecia se aquela componente armada tinha armas, e quanto à prática da luta armada só a admitiu «numa situação de fascismo» ou «insurreccional».

No rol dos seus desconhecimentos encontram-se também os «plenários da ECA», referidos várias vezes nos cadernos de Otelo.

Depois, confrontado com um documento apreendido na sede da FUP e na casa de dois dos seus co-réus onde se define a ECA como «estrutura para a violência», Silva Pereira disse tratar-se de «violência de massas», designadamente «retenção de patrões» e «greves selvagens».

Quanto à recuperação de meios e à «recuperação de fundos» debatida no «Conclave», Silva Pereira afirmou que podiam ser «policopiadores» e «recuperação de empréstimos» feitos pela organização.

Perante um documento manuscrito por um seu co-réu onde se fala em «acções de bombas em Lisboa», Silva Pereira não esteve com meias medidas e adiantou calmamente: «Pode ser uma referência a bombas de gasolina».

- «Se o documento estivesse datado até se podia dizer que eram bombas de carnaval» — ironizou o juiz-presidente.

Noutro ponto do interrogatório foram abordadas as relações de Silva Pereira como o «arrependidíssimo» Macedo Correia, que, como recordou o juiz-presidente, «raro foi o dia em que não falou do Silva, Pereira».

Este, em resposta, asseverou ter conhecido o Macedo Correia em 79, no âmbito da dinamização da OUT. Voltaram a ver-se depois, mas, acrescentou, «nunca estivemos juntos em nenhum organismo».

Macedo Correia, pelo contrário, afirmou durante o interrogatório em Monsanto ter entrado para o «PG» através do Silva Pereira, com quem terá participado em várias «operações».

«Ele ou é da Polícia ou foi comprado pela polícia» — respondeu de imediato Silva Pereira ao negar, com veemência, aquelas declarações do «arrependidíssimo».

O julgamento prossegue esta tarde, ainda com o interrogatório deste mesmo réu.

Luís de Sá e a "teoria do Estado"

Ontem, no salão da Casa da Imprensa, com Vital Moreira a presidir e introduzir o tema, foi apresentado o livro de Luís Sá: «Introdução à Teoria do Estado». A teoria do Estado, como foi assinalado, permite conhecer melhor essa realidade política, jurídica, social. Baseado numa grande soma de conhecimentos de História, de Direito, de Ciência Política, o livro de Luís Sá é uma obra que terá leitores, apologistas e críticos. Edição da «Caminho».

Se acções de retaliação continuarem

Reagan ameaça voltar a atacar a Líbia

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, advertiu que os Estados Unidos «actuarão de novo» se a Líbia continuar o seu «terror contra cidadãos americanos». E acrescentou que seriam empreendidas também acções militares contra a Síria e o Irão, se se obtiverem provas de que este países estão também envolvidos em actos terroristas contra alvos norte-americanos.

Reagan apelou a uma forte acção conjunta para impedir os terroristas de erigirem «o muro do medo» e exortau o mundo árabe a aderir à acção dos EUA e seus aliados ocidentais no combate às actividades terroristas.

«Os Estados Unidos não ficarão impassíveis, enquanto os nossos cidadãos inocentes são assassinados. Como provámos na semana passada ninguém pode matar norte-americanos e fazer alarde disso. Ninguém», disse Reagan, num discurso produzido na Câmara do Comércio, em Washington.

O presidente norte-americano referiu que a decisão de atacar a Líbia, no passado dia 15, foi tomada «já depois de termos tantado resolver a questão diplomaticamente, mas, o assassínio de cidadãos norte-americanos continuava», disse.

Reagan, que se prepara para iniciar amanhã uma visita ao Extremo-Oriente, afirmou que não deixará de abordar a questão do terrorismo com as autoridade japonesas.

Reagan disse também que o Governo sandinista de Manágua tinha «laços fortes com a rede de terrorismo internacional».

Kadhafy moderado

Entretanto, o líder líbio, coronel Muammar Kadhafy, apelou para a imediata mudança da Organização das Nações Unidas de Nova Iorque para a Suíça.

Kadhafy declarou, citado pela agência soviética TASS, que no ataque da semana passada os Estados Unidos testaram a cooperação militar com os aliados da NATO para «possíveis operações numa escala maior».

O líder líbio, que falava a jornalistas soviéticos em Tripoli, adiantou que a Líbia tinha possibilidades de ter retaliado contra a sexta esquadra norte-americana e bases da NATO no

Sul da Europa, mas absteve-se de o fazer por não pretender uma escalada das actividades militares.

«Queremos derrotar o imperialismo através da nossa resistência corajosa, sem nos deixarmos guiar por um desejo de vingança», revelou a TASS, citando o entrevistado.

«Defendendo a nossa terra, lutamos contra o imperialismo que ameaça todas as forças progressistas do mundo», disse Kadhafy.

O líder líbio referiu ainda que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não merecem ser membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas e sugeriu que a sede da ONU fosse transferida imediatamente de Nova Iorque para a Suíça.

Kadhafy revelou que teve conhecimento antecipado do bombardeamento norte-americano contra Tripoli, em 14 de Abril.

«Ao lançar o seu ataque de agressão contra o Governo, os norte-americanos esperavam surpresa», disse, «mas as suas esperanças falharam».

«As forças líbias estavam alerta e defrontaram o inimigo com fogo forte, impedindo que os pilotos norte-americanos atingissem locais previstos anteriormente», acrescentou.

Depois do ataque, o presidente Reagan passou a ser designado por «assassino de crianças», salientou.

Ministros da CEE examinam medidas contra o terrorismo

Os ministros responsáveis pelas questões de segurança nos países da CEE estão hoje reunidos para estabelecer um plano de acções comuns contra o terrorismo e para examinar a aplicação de sanções à Líbia, revelaram fontes comunitárias.

A reunião, em que participa o ministro português da Justiça, Mário Raposo, foi convocada na semana passada por Hans Van Der Broek, ministro dos Negócios Estrangeiros da Holanda, país que actualmente preside a CEE, na sequência do ataque dos Estados Unidos à Líbia e na expectativa de possíveis represálias contra alvos europeus.

Em Haia, os ministros examinarão também as conclusões que um grupo de trabalho especial sobre a segurança e antiterrorismo vai apresentar a esta reunião que complementa os contactos estabelecidos nos últimos dias pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da CEE.

Também os responsáveis da política externa dos países do Conselho da Europa decidem hoje formalmente em Estrasburgo, promover uma Conferência Europeia sobre o Terrorismo — informou à Anop o secretário de Estado português, Azevedo Soares.

A decisão de realizar a conferência foi proposta pela Suíça numa reunião informal ao fim da tarde de ontem em que só participaram os ministros e secretários de Estado dos Negócios Estrangeiros.

Na reunião de hoje de Estrasburgo, irá igualmente ser discutido o problema da vice-presidência turca do comité de ministros, problema que traz controvérsia porque a ela se opõem, pelo menos, o Chipre, a Grécia e a Noruega.

As sanções

Entretanto vários países da CEE começaram já a aplicar as sanções contra a Líbia decididas esta semana no Luxemburgo numa reunião do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade, como ontem noticiámos.

Assim, a Grã-Bretanha, que não mantém relações diplomáticas com Tripoli, expulsou 21 líbios residentes; a França expulsou seis líbios, dois dos quais diplomatas; a Itália estuda a forma de pôr em prática as medidas da CEE; a Espanha anunciou que iria expulsar alguns líbios; a RFA expulsou 22 dos 44 elementos da Embaixada da Líbia; e a Holanda não tem actualmente diplomatas líbios. Quanto a Portugal, as autoridades transmitiram à representação diplomática líbia, em Lisboa, as decisões da Comunidade que implicam também restrições à livre circulação de cidadãos líbios no nosso país.

O número de diplomatas líbios é em Portugal de três pelo que não se prevê a redução do pessoal na representação, segundo uma fonte oficial.

O governo de Tripoli já condenou as decisões da CEE contra os seus diplomatas, afirmando reservar-se o direito de tomar as «medidas apropriadas».

Atentados

Uma bomba explodiu esta madrugada no centro de Londres junto ao edifício onde estão instaladas agências das companhias British Airways e American Airlines, causando elevados estragos, mas não provocando feridos graves — informou a Polícia.

A bomba causou um incêndio no edifício, de seis pisos, situado na Oxford Street, mas os bombeiros dominaram as chamas em menos de uma hora. O atentado ainda não foi reivindicado.

Ontem, a organização revolucionária de muçulmanos socialistas reivindicou ter executado o sequestrado jornalista britânico Alec Collett.

A organização divulgou um vídeo mostrando um homem identificado como sendo o jornalista, a baloiçar num cadafalso.

A gravação, com a duração de quatro minutos, enviada ao jornal independente de Beirute «An-Nahar», juntamente com um comunicado dactilografado em árabe, indicava que Collett, de 64 anos, foi «executado» na passada quarta-feira em retaliação pela cumplicidade britânica no ataque aéreo norte-americano contra a Líbia.

24 HÓRAS

"Lei do passe" abolida

O Governo sul-africano aboliu a contestada «Lei do Passe», e anulou ou emendou outras 33 leis que restringiam as liberdades civis conforme a raça de cada cidadão. A «Lei do Paasse» entrou em vigor em 1913. Desde então e até hoje, cerca de 18 milhões de negros passaram pelas cadeias sul-africanas por, ao serem interceptados pelas autoridades, não terem consigo o passe onde eram definidos os locais em que podiam trabalhar ou viver. O pacote de reformas governamental foi apresentado ao Parlamento sob o título «Livro Branco da Urbanização» onde se reconhecem erros na implementação da segregação racial. E a maior reforma de leis raciais, desde que o partido Nacional chegou ao poder, em 1948. O passe será substituído por um documento de identidade vulgar, igual para todas as raças.

Situação de Mandela

O Presidente sul-africano, Pieter Botha, reafirmou que não libertará Nelson Mandela a menos que o líder negro renuncie à violência. «A bola está no campo de Mandela», declarou, acrescentando que bastará ao dirigente negro dizer que «não continuará com a violência se for posto em liberdade» para ser solto. O chefe de Estado sul-africano disse que cerca de duas dezenas de presos políticos aceitaram a sua proposta e foram soltos depois de declararem que não utilizariam a violência para atingir objectivos políticos.

Expulsão de jornalistas

Um porta-voz da Embaixada Líbia disse em Roma que a expulsão de correspondentes Ocidentais da Líbia era apenas uma «rotação» destinada a dar lugar à vinda de outros jornalistas. O porta-voz negou que as expulsões ontem anunciadas fossem uma «retaliação» pela expulsão de Líbios da Grã-Bretanha e outros países europeus Ocidentais. «O que acontece é que em Tripoli estão mais de 320 jornalistas estrangeiros e a sua partida é indispensável para arranjar lugar para outros que solicitaram a vinda a Tripoli», disse o diplomata. Disse ser uma rotação necessária devido ao limitado parque hoteleiro da cidade.

EUA e a Renamo

A Embaixada norte-americana no Maputo refutou «categoricamanete» uma notícia da revista «Jeune Afrique» segundo a qual o director da CIA e o secretário da Defesa estariam a sofrer pressões para apoiar uma ajuda secreta à Renamo.

Em nota enviado à agência AIM, que ontem citou a «Jeune Afrique» com base num despacho da NP, a Embaixada afirma que carecem «absolutamente» de base e são «falsas» as alegações de que William Casey e Gaspar Weinberger estariam a sofrer pressões da direita do Partido Republicano para apoiarem a concessão de auxílio encoberto à Renamo.

Ajuda à UNITA

A Comissão de Relações Externas da Câmara de Representantes norte-americana aprovou ontem medidas para impedir o Governo de ajudar os rebeldes angolanos da UNITA. Por 22 votos contra 18, a comissão aprovou uma medida que forçará o Governo de Washington a apresentar publicamente ao Congresso qualquer futuro plano de ajuda à UNITA. O representante Dante Fascell, presidente da Comissão, foi um dos democratas que se opuseram à medida, afirmando não acreditar que alguma vez ela se torne lei.

Governo de S. Tomé

O ministro são-tomense da Administração Territorial, Defesa e Segurança, Tomé Dias da Costa, foi exonerado numa remodelação governamental, soube a NP de fonte oficial. Raul Wagner Bragança foi nomeado para o substituir e o Ministério passou a designar-se, simplesmente, de Administração e Defesa. A medida foi justificada no preâmbulo de uma decisão da Presidência da Republica como «decisão dos órgãos superiores do MLSTP, no que respeita ao fortalecimento das suas estruturas com quadros experimentados, com vista a garantir um funcionamento mais dinâmico à organização de vanguarda».

Sociedade Nacional de Fósforos comemora 60 anos

A Sociedade Nacional de Fósforos foi fundada em 1926, após a abolição do monopólio dos fósforos em 1925, e comemora este ano o seu 60.º aniversário.

Na passada semana, no Porto, e após uma visita às suas instalações fabris situadas na zona do Lordelo, realizou-se um almoço oficial comemorativo da efeméride, onde participaram o representante do Presidente da República e o embaixador da Suécia, entre outras individualidades representantes da Comunicação Social de várias associações empresariais e empresas portuguesas, seguindo-se também no Palácio da Bolsa uma exposição da actividade da SNF desde a sua fundação até hoje.

A SNF é uma das primeiras indústrias em Portugal a utilizar modernas tecnologias na produção de fósforos, um dos artigos mais importantes na nossa vida diária. Em 1930, a «Swedish Match» adquire 75% da empresa, sendo presentemente representada no Conselho de Administração por Axel Beselin.

O interesse público tem sido — e continua a ser — salvaguardado pela participação estatutária de 25% do Estado na Empresa, boa parte dos quais na posse do I.P.E.

A relação com a «Swedish Match» assegurou, desde 1930, que os nossos consumidores recebessem um produto de nível internacional igual ao que foi consumido em mais de 60 países espalhados por todo o mundo, para os quais a «Swedish Match» vende os seus produtos.

Nova estrutura directiva na "Alcatel Internacional"

Louis-Jacques Companyo, antigo director dos Assuntos Internacionais da **Alcatel** é o novo presidente da **Alcatel Internacional-Télécommunicationes Publiques,** nova designação da **Alcatel Thompson Internacional,** empresa que proveio da fusão, em 1 de Janeiro deste ano, entre a **CIT Alcatel** e a **Thompson Telecommunications.**

Louis-Jacques Companyo, com mais de 20 anos de experiência em empresas do ramo da electrotecnia e informática, como a Soucor, a Thompson, a Allis Chalmers e a Alcatel, substitui no cargo **Christian Fayard, e nomeou já Pierre Samuel** para director geral da **Alcatel International,** tendo confirmado **Gérard Dega** como director geral adjunto.

Semanas de Comida Portuguesa no "Fernando" em Albufeira

Localizado no Largo Eng. Duarte Pacheco no centro de Albufeira, o restaurante **O Fernando** — que foi o primeiro aberto por **Fernando Barata** nesta vila e tem como director **Manuel Pereira Vilaça Pinto** (30) anos de carreira, o Hotel Internacional em Lisboa ao «Catavento» em Monte Gordo e ao «Sol e Serra» de Castelo de Vide) — deu início em 20 do corrente a uma série de **Semanas de «Comida Portugesa, Com Certeza»,** a realizar sem interrupção até ao final deste ano.

Cada uma delas apresentará, de domingo a sábado, sete sopas, sete pratos de peixe ou carne e sete doces regionais diferentes de dia para dia, podendo, na primeira — dedicada ao Minho e Douro Litoral —, ser apreciadas, entre outras, iguarias como o Caldo Verde de Marco de Canaveses e o Rancho Minhoto, o Bacalhau à Margarida da Praça (Viana do Castelo) e as Trutas do Rio Coura, os Rojões à Moda de Vila Verde e o Arroz de Pato à Moda de Braga, as Rabanadas à Antiga com vinho quente e o pudim do Abade de Priscos.

Seguir-se-lhe-ão — supervisionadas pelo chefe **Amândio de Jesus Pereira,** há 10 anos ao serviço do **Grupo Fernando Barata —,** semanas de Trás-os-Montes, da Beira Alta e Baixa, do Ribatejo, da Estremadura, do Alentejo, do Algarve e da Madeira e Açores.

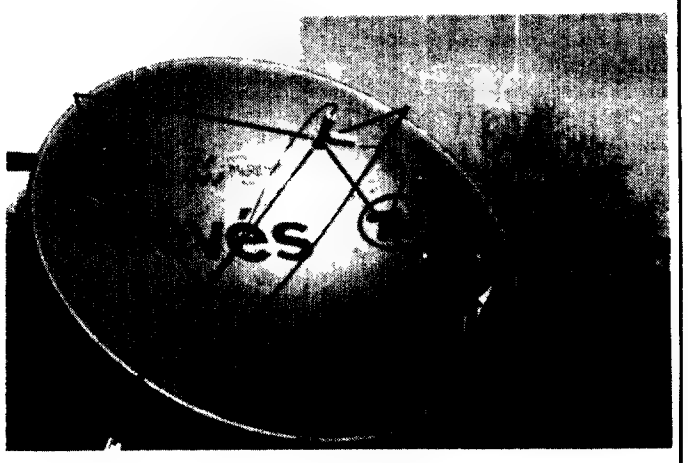
Segundo **Ernesto Marques** (director-supervisor dos similares do **Grupo Fernando Barata**) e **Vilaça Pinto** anunciaram num jantar oferecido no restaurante promotor a 25 guias turísticos, o objectivo da iniciativa — subordinada, em inglês, ao «slogan» — convite «Eat Portuguese, If You Please!» — é o de divulgar a cozinha regional portuguesa entre a clientela nacional e estrangeira e apurar, em relação à segunda, quais as especialidades a que melhor «responde» e que serão, depois, incluídas a título permanente nas ementas não só do **O Fernando** mas também dos outros restaurantes do grupo em Albufeira **Alfredo, Alfredo Grill, António, Oásis)** e em Portimão **(Arabela 2).**

Aqueles responsáveis salientaram ainda que todos os restaurantes referidos passam a proporcionar sistematicamente, nesta época turística, programas de animação e acabam, além disso, de ser objecto de acentuado melhoramento, através de obras que custaram cerca de 5 mil contos e que, por exemplo, ampliaram a capacidade do **O Fernando** para 150 lugares (50 na sala de baixo, 70 na de cima e 30 na varanda-esplanada).

"Blue Ghost" com Elvis 1º "disc-jockey" luso

«**Blue Ghost**» (a discoteca nascida na Rua Andrade Corvo, 27-B, em Lisboa) ganhou «a melhor qualidade de som», com a contratação de **Elvis,** o 1.º classificado no concurso português de «disc-jockeys». Outros atributos: pista transparente e aquática, painéis de luzes computorizados, espaço totalmente insonorizado e festas periódicas, como aconteceu agora com a «**Noite dos fantasmas**», onde «**Os dancer's**» interpretaram a peça «**Rock Horror Show**», culminando com um concurso que tinha no júri os artistas Adelaide João, Natália de Sousa, Isabel Mota, Helena Ramos e Ruy Castelar. O primeiro prémio é uma viagem até Madrid, com visita ao Museu de Cera.

Hotel Meridien Lisboa oferece T.V. via satélite



No decorrer de uma conferência de Imprensa realizada no **Meridien Lisboa,** foi apresentado pela primeira vez num hotel desta cidade um sistema de recepção e distribuição de sinais de TV satélite, procedentes do satélite ECS-1. Assim, **o Meridien Lisboa** pode actualmente oferecer à sua clientela 4 canais de televisão europeia, para além dos já existentes e que são: **ATN-Filmnet** (Bélgica), filmes em estreia, **Olimpus** (Holanda), desporto, **RAI** (Itália), Rádio Televisão Italiana — 1.º programa e **Teleclub** (Suíça), filmes/programação vária.

O **Hotel Meridien Lisboa,** após ter levado a cabo esta iniciativa, está apto a oferecer um programa de televisão «à la carte» em qualquer um dos seus 331 quartos. O sistema foi instalado pela empresa luso-espanhola, **Televês Electrónica Portuguesa, Ld.ª** A excelente qualidade de imagem recebida deve-se segundo os técnicos da **Televês,** à utilização de unidades compactas em cuja fabricação é utilizada a tecnologia de montagem superficial (SMA) conjuntamente com «microships», os quais conferem grande fiabilidade, elevada integração e reduzido tamanho ao sistema. A importância desta tecnologia, de que a **Televês** é pioneira na Europa, foi reconhecida pela prestigiada revista espanhola **Actualidade Electrónica** que lhe atribui em 1985 o prémio de «O melhor produto electrónico desenvolvido no ano».

Café Concerto "Old Dream" do C.Comercial Babilónia escolhe "Miss Amadora" 1986

Com organização do **Café-Concerto «Old Dream»,** do Centro Comercial Babilónia da Amadora, está em curso a eleição de «**Miss Amadora-86**», cuja final se realizará às 21.00 horas do próximo sábado, dia 26, no **Cinema Babilónia,** integrado naquela estrutura comercial e com a participação de 12 finalistas.

Tendo concorrido 30 jovens daquele concelho agrupadas em 6 grupos, foram escolhidas duas participantes em cada eliminatória, a que se juntaram 6 concorrentes repescadas entre as mais votadas.

Hoje e amanhã, dois grupos de 9 candidatas cada participarão nas meias finais, a ter lugar pelas 23.00 horas no **Café-Concerto «Old Dream»,** sendo apuradas 5 concorrentes em cada semifinal, a que se juntarão as duas mais votadas, dentro das não apuradas destas meias-finais.

"Conselho de Gerência não negoceia: só empata"

Greve dos ferroviários até ao dia 6 de Maio

A greve na CP vai prolongar-se até ao próximo dia 6 de Maio, sem que se perspectivem soluções para a resolução de um conflito que dura há 37 dias. Na previsão da continuação de dificuldades para se chegar a um acordo, a Federação dos Ferroviários decidiu entregar hoje o pré-aviso de greve que lhe dará cobertura legal por mais sete dias.

«O Conselho de Gerência da CP, ao contrário do que anunciou aquando da tomada de posse, não negoceia, empata», afirmou José Antunes, dirigente da Federação dos Ferroviários, justificando a decisão dos trabalhadores da empresa de entregarem hoje novo pré-aviso.

Aquele sindicalista responsabiliza o Conselho de Gerência pela «continuação do conflito na empresa», afirmando que os gestores da empresa «não se preocupam em resolver os problemas e as injustiças que afectam os trabalhadores».

A Federação dos Ferroviários decidiu, ainda, marcar uma concentração de trabalhadores da CP para a próxima terça-feira, junto a estação do Cais do Sodré.

Ontem, em comunicado subscrito pelo Conselho Nacional da Federação, os representantes dos trabalhadores ferroviários declinaram «toda e qualquer responsabilidade relativamente aos prejuízos que o conflito está a causar ao País e aos utentes».

O documento da FSTPF, depois de acusar o Governo e o Conselho de Gerência da CP de «irresponsabilidade» e «chocante insensibilidade» pela forma como têm mantido a sua intransigência perante as reivindicações dos ferroviários portugueses, afirma-se disposto a «negociar com flexibilidade, mas sem tibieza» e informa que nos últimos dias já apresentou várias propostas destinadas a pôr fim ao conflito, através de um acordo «honroso para ambas as partes».

Conselho de Gerência apela ao bom senso

Por seu lado, o Conselho de Gerência da CP, também em comunicado divulgado quarta-feira, apela ao «bom senso dos ferroviários na defesa dos interesses da empresa e da população que serve.»

No seu documento, o CG da CP, depois de explanar a situação resultante do conflito que se arrasta desde 19 de Março, manifesta a intenção de «continuar a reforçar as medidas de excepção tendentes a minorar os prejuízos para os utentes e, por outro lado, promover um amplo esclarecimento dos trabalhadores sobre a sua firme intenção de corrigir eventuais desequilíbrios resultantes da implementação do actual regulamento de carreiras.»

A gestão dos caminhos-de-ferro portugueses declara também que, no que concerne às exigências da Federação dos Ferroviários sobre o rescalonamento de categorias no âmbito do regulamento de carreiras, «as decisões sobre esta matéria necessitam de ser previamente objecto de estudo e ponderação». Caso contrário, «correr-se-ia o risco de originar conflitos em cadeia com os diversos sindicatos representativos dos trabalhadores da empresa.»

A «intransigência» e a «inflexibilidade» são os adjectivos aplicados pelo CG da CP, à atitude da FSTPF, que acusa ainda de «fazer tábua-rasa da posição de total abertura em que se colocou o Conselho de Gerência para estudar e enfrentar as dificuldades existentes.»

O comunicado termina exprimindo a convicção de que, com serenidade, será possível «encontrar soluções que permitam reparar eventuais distorções decorrentes do processo de regulamentação de carreiras» na CP.

Secretário de Estado chamado ao Parlamento

Entretanto, a Comissão Parlamentar de Equipamento Social decidiu ontem, por unanimidade, solicitar a presença do secretário de Estado dos Transportes e Comunicações numa próxima reunião devido à greve que opõe o Conselho de Gerência aos trabalhadores da CP.

A comissão — segundo informou um dos deputados que a integra — pretende analisar com o secretário de Estado, em reunião a marcar, a possibilidade de solução para o conflito, assim como as, consequências resultantes das greves sectoriais que se realizam há mais de um mês, designadamente em termos de segurança do equipamento ainda em circulação.

A comissão recebe terça-feira uma delegação da Federação dos Transportes Ferroviários para debater o mesmo assunto.

Nos primeiros meses do ano

Mais empresas em Lisboa com salários em atraso

O número de trabalhadores com salários em atraso no distrito de Lisboa atingiu 28.235 num total de 246 empresas nos finais de Fevereiro de 1986, revelou a União dos Sindicatos de Lisboa.

Segundo a U.S.L., entre Outubro de 1985 e Fevereiro de 1986 o aumento das empresas do distrito com salários em atraso foi de sete por cento; em contrapartida, houve um decréscimo de 1,2 por cento no número de trabalhadores.

A União dos Sindicatos de Lisboa assinala que o sector mais atingido é o da metalurgia, sublinhando que de Janeiro para Fevereiro de 1986 se verificou um aumento de 23 por cento, correspondendo a mais de 440 mil contos de salários em atraso.

A USL sublinha, ainda, que o balanço indica uma progressão cada vez maior das empre- - do distrito com situações de salários em atraso.

UGT vai propor contrato social

A UGT anunciou ontem que vai apresentar no início do próximo mês uma proposta de contrato social para a modernização. O secretario-geral daquela central sindical, Torres Couto, falava no decurso de uma reunião do Conselho Superior da Comunicação Social, a que mais uma vez não compareceram os representantes da CGTP, por não terem sido ainda satisfeitas as condições por eles apresentadas para integrarem aquele órgão.

O dirigente da UGT afirmou que a proposta em questão se debruçará golbalmente sobre a modernização da economia, incluindo capítulos sobre a política de rendimentos, preços e salários, bem como sobre a legislação laboral.

Finalistas do IST no Forum Picoas

A primeira Exposição Nacional de Sistemas e Computadores está a decorrer desde ontem até ao próximo dia 27 no Fórum Picoas, por iniciativa dos estudantes finalistas de engenharia de sistemas e computadores do Instituto Superior Técnico. A iniciativa realiza-se em paralelo com o primeiro encontro dos estudantes com as empresas do ramo e visa não só os contactos com os empregadores e a divulgação das novas tecnologias de informação junto do grande público, como a divulgação do curso dos seus promotores.

Por outro lado, o mesmo grupo de finalistas tomou a iniciativa da organização das primeiras Jornadas Pedagógicas do Departamento de Engenharia Electrónica e de Computadores do IST, que se realizam igualmente durante aquele período.

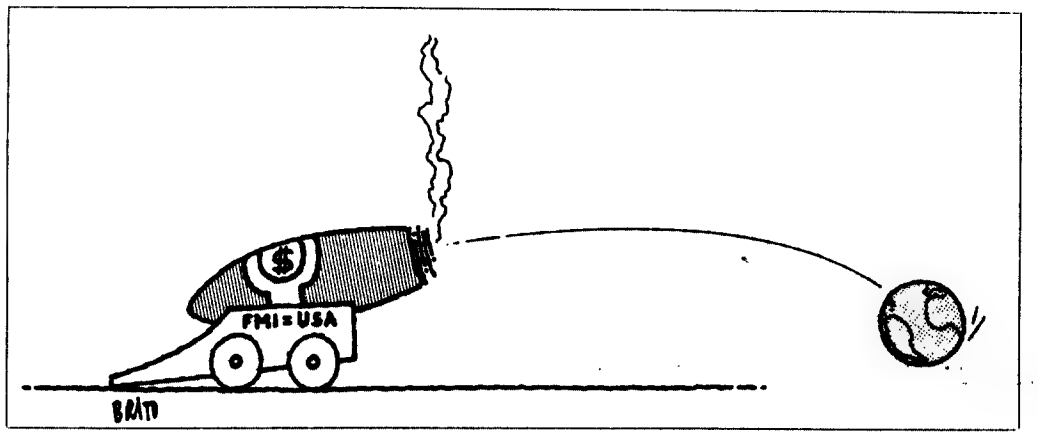
Sindicato contra o encerramento das minas da Borralha

O Sindicato Democrático das Minas (Sindeminas-UGT) vai exiger do ministro da Industria um inquérito sobre a venda das Minas da Borralha que diz ter tido o beneplácito da Direcção-Geral de Minas.

«De facto — diz o Sindeminas — torna-se estranho que o actual administrador possa adquirir aquela mina, já que, por si só, não conseguia proceder à viabilização da mesma, que regista um passivo de 600 mil contos».

O Sindeminas exige a imediata punição dos responsáveis pela transacção das Minas da Borralha que diz não passar de «uma verdadeira fraude».

O Sindicato refere que «os trabalhadores necessitam de saber qual o seu futuro, não querem viver de esmolas, como é o caso do subsídio de desemprego» e salienta que «numa região pobre como aquela onde estão situadas as Minas da Borralha, não existem alternativas de emprego».



Alternativa africana ao FMI ainda não tem luz verde

Ministros africanos do Plano e da Economia não conseguiram chegar a acordo para criar um Fundo Monetário africano que funcionaria como alternativa suplementar ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

Um comunicado divulgado no final da reunião da Comissão Económica das Nações Unidas para Africa (ECA) afirma que a questão voltará a ser retomada num encontro dos ministros africanos das Finanças, a realizar em Junho, em Libreville.

Fontes próximas da conferência, disseram que os representantes de alguns países disseram não poderem contribuir para uma organização de capital tão elevado (três mil milhões de dólares).

Uma outra divergência recaiu sobre se tal fundo seria ou não aberto a contribuintes de fora do continente ou se seria exclusivamente africano.

Os participantes não chegaram também a acordo sobre que proporção do novo fundo deveria ser realizada em moeda convertível e nacional, uma vez que grande parte das moedas africanas não são sequer convertíveis.

Vêm aí 32 milhões de contos do Fundo Social Europeu

Portugal vai receber este ano cerca de 32 milhões de contos de comparticipação do Fundo Social Europeu para acções de formação profissional e apoio ao emprego - disse uma fonte comunitária.

O director-geral do departamento para os assuntos do Fundo Social Europeu, Joaquim Pinto Coelho indicou à ANOP que este montante teve já parecer favorável do Comité do Fundo na reunião do dia 20 e 21 de Março e deverá ser aprovado até ao fim de Abril pela Comissão das Comunidades Europeias.

Os montantes aprovados pelo Comité do Fundo para Portugal são de 164 milhões de unidades de conta europeiaa (ECU), cerca de 23,3 milhões de contos, para acções a favor de jovens (até 25 anos) e de 57.050 milhões de ECU (cerca de 8,1 milhões de contos) para adultos.

Para iniciativas específicas, serão pagas pelo Fundo todas as acções elegíveis, devendo Portugal receber cerca de 560 000 contos.

Joaquim Pinto Coelho disse que o Comité do Fundo Social Europeu elogiou a qualidade dos projectos portugueses apresentados, salientando que Portugal conseguiu que 97,4 por cento do montante pedido tivesse parecer favorável e fosse considerado prioritário, o que representa a mais elevada percentagem na Comunidade este ano.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$95	57$95
ALEMANHA FED. (marco)	66$15	67$35
ÁUSTRIA (xelim)	9$35	9$55
BÉLGICA (franco)	3$080	3$280
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	104$05	106$55
(notas de 5 a 1000)	104$55	107$05
DINAMARCA (coroa)	17$90	18$30
ESPANHA (peseta)	1$010	1$130
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	144$10	147$60
(notas de 5 a 1000)	144$60	148$10
FINLÂNDIA (marka)	29$10	29$70
FRANÇA (franco)	20$75	21$45
HOLANDA (florim)	58$55	59$65
IRLANDA (libra)	201$45	205$45
ITÁLIA (lira)	$088	$098
JAPÃO (iene)	$838	$873
NORUEGA (coroa)	20$70	21$20
REINO UNIDO (libra)	222$05	226$55
SUÉCIA (coroa)	20$45	21$95
SUÍÇA (franco)	79$00	80$50
VENEZUELA (bolívar)	6$95	7$95

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Belenenses dá outro safanão no "Pacto dos clubes"

O decantado «Pacto dos clubes» desmantela-se como um castelo de cartas, parecendo não conseguir (sequer) atravessar o defeso futebolístico e ter alguma consistência na próxima época: depois de outros parceiros, esta semana abriu com a saída do Marítimo do conclave, atitude agora também perfilhada pelo Belenenses. Se os funchalenses proclamam que alguns dos seus jogadores foram contactados por diversas colectividades sem qualquer consentimento prévio do Marítimo, o Belenenses denuncia o Chaves como tendo abordado o defesa Artur, convidando-o a mudar de ares: só que o «back» do Restelo já renovou contrato com o clube de Mário Rosa Freire por mais duas temporadas.

De qualquer modo, adeus casamento: Marítimo e Belenenses não querem mais nada com o famigerado «Pacto».

Águeda responde ao Feirense

O presidente do Recreio de Águeda, da 2.ª Divisão Nacional de Futebol (Zona Centro), afirma que existe um «equívoco» em relação a expulsão de um jogador da sua equipa. Juvenal Martins declara que **toda a situação nasceu de um equívoco, pois no jogo referido no comunicado do Feirense não foi expulso o Gervásio, mas sim o Diego.**

A direcção do Feirense anunciara que pediu um inquérito ao Águeda, por este clube ter utilizado um jogador expulso com o cartão vermelho num jogo do campeonato de reservas de Aveiro: e ele ter alinhado seguidamente, no nacional da 2.ª divisão.

O presidente do Recreio de Águeda sublinhou que tem consciência de que estão dentro da razão e acrescentou que se a 1.ª divisão é do Águeda, ela foi ganha dentro das quatro linhas e com todo o trabalho realizado ao longo da época. Lamentamos que alguém nos queira roubar na secretaria os dois pontos conquistados em campo acrescentou, anunciando que a direcção do Recreio de Águeda vai distribuir hoje um comunicado **a fim de esclarecer todo o problema.**

Setúbal: Câmara apoia Vitória

A Câmara Municipal de Setúbal afirmou-se disponível para **«integrar uma ampla frente de mobilização»** que contribua para o regresso do Vitória de Setúbal, na próxima época, à I Divisão nacional de futebol. A moção, apresentada pelo presidente da edilidade sadina (Mata Cáceres) foi aprovada por unanimidade e refere que **«ao longo da época futebolística o Vitória de Setúbal foi manifestamente infeliz, uma vez que, não obstante o valor da sua equipa, perdeu alguns pontos em várias jornadas precisamente nos últimos minutos e, em certos casos, até nos últimos segundos do tempo regulamentar dos jogos».**

«RAMOS & CAPITÃO, LIMITADA»

NOTARIADO PORTUGUÊS
SÉTIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DA NOT LIC. OLÍVIA DA CONCEIÇÃO NUNES PINTO CAPELO RAMOS

PARA O EFEITO DE PUBLICAÇÃO

Que, por escritura de vinte e cinco de Março de mil novecentos e oitenta e seis, exarada de folhas trinta e oito verso, a folhas quarenta, do Livro Trinta e Oito-E das notas deste Cartório, foi constituída entre ANTÓNIO RODRIGUES NUNES RAMOS e ALICE DA SILVA CAPITÃO RAMOS uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá pelos artigos constantes da fotocópia anexa, que com esta se compõe de quatro folhas e vai conforme ao original a que me reporto

Lisboa, três de Abril de mil novecentos e oitenta e seis

A AJUDANTE
(Natália de Sá Martins Braz)

A socieade adopta a firma «RAMOS & CAPITÃO, LIMITADA», fica com a sua sede na Rua dos Cavaleiros número trinta, freguesia do Socorro, concelho de Lisboa, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

SEGUNDO

O seu objecto consiste no comercio de revenda de quinquilharias e brinquedos

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de QUINHENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas iguais, do valor de DUZENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada sócio

QUARTO

A cessão de quotas entre os sócios e livre, a estranhos depende do consentimento da sociedade, que terá em primeiro lugar e os restantes sócios em segundo o direito de preferência.

QUINTO

A representação e gerência da sociedade, em juízo e fora dele, activa e passivamente, será exercida por ambos os sócios, que desde já, ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, sendo necessária a assinatura de qualquer dos gerentes para obrigar validamente a sociedade

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Os gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes em quem entenderem por meio de procuração.

PARÁGRAFO SEGUNDO - Em caso algum, porem, os gerentes poderão obrigar a sociedade em actos e documentos estranhos aos negócios sociais, designadamente em letras de favor, fianças ou abonações

SEXTO

Quando a lei não exigir outras formalidades as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com antecedência de, pelo menos, oito dias

D L. 24/4/1986

Diamantino versus Figueiredo

Nunes e Teixeira: duelo sob a luz

Meia final da "Taça": Benfica, 4-Penafiel, 1

Fraca plateia passou pelas "brasas"

Neves de Sousa

Pouco para relembrar: o Benfica (paulatinamente, deixando correr o marfim) esperou pelo desgaste penafidelense e, depois, deu um toque no acelerador e passou a concretizar em números a vantagem de sempre ter tido nas mãos as rédias de um duelo que escolhia o último parceiro para o Jamor, para a apetecida festa com o Belenenses, domingo próximo.

Todavia, foi de tão má qualidade o espectáculo que quase toda a (pequena e bocejante) plateia ficou com uma inveja danada de quem preferiu vale de lençóis: por mais um bocadinho e com umas dúzias de colchões tiha-se dormido rica soneca, ali, na Luz que (monumento grandioso) não merece servir de palco a tão paupérrimos espectáculos. De um lado, penafidelenses (muito briosos, cheios de vontade, altos profissionais na defesa do seu emblema, mas completamente enferrujados e a carecerem urgentemente de viagem para sol e banhos) e, na outra face, um Benfica espremido até ao tutano, com unidades-base ausentes (Carlos Manuel, Shéu, Samuel) e outras figuras sem se poderem aguentar nas pernas ou então em noite de tal desacerto que nos escusamos, para própria defesa do prestígio que granjearam de citar os seus nomes. Damos apenas nota elogiativa à abnegação com que todos se dispuseram a dar o restinho do que tinham lá dentro, antes da mesa posta para a última aposta: que, nuns casos se chama apenas final de «Taça» mas em outros compreende uma viagem ao México, onde é forçoso que apareçam já retemperados de uma época desgastante e que parece não mais baixar o pano.

Dizer que num dos golos do Benfica e em dois ou três outros lances houve certo desencontro entre a decisão arbitral e aquilo que vimos, será pura estultícia: para onde estamos atirados, no luxuoso porque benfiquista, pouco mais nos resta que ir vendo o que indica o marcador e saber pelo barulho das clientelas, quem está atacando ou defendendo.

Uma última palavra para Rui Pedro e César Brito, mais tempo no palco o menino da Luz que o rapagão nascido no Fundão: quando os colocarem a rodar mais vezes, há quem se sinta imediatamente ameaçado, pois não acreditamos que, na perspectiva de Mortimore, existam lugares vitalícios. No resto, aplausos para Cerqueira e Bruno, Oliveira e Diamantino, António Bastos Lopes e Figueiredo, Manniche e Álvaro. Foram eles (apenas e só) que impediram hipnotização colectiva ao cair da noite lisboeta, lá por bandas de Benfica.

Manniche: 1.º golo ante penafidelenses

Com razoável arbitragem de Azevedo Duarte (Braga), que esteve acompanhado por Joaquim Ferreira e Pinto Pereira, as equipas alinharam:

BENFICA: Bento; Veloso, Bastos Lopes, Oliveira e Álvaro; Diamantino (José Luís, 65 m); Rui Pedro, Nunes e Wando (César Brito, 73 m); Rui Águas e Manniche.

PENAFIEL: Cerqueira; Cardoso (Babá, 83m), Bastos Lopes, Figueiredo e Teixeira; Elias; Afons, Bruno (Sanha, 65m), Babo e Tó-Zé; Paulo Campos.

Cartão amarelo para Bruno. Golos: Manniche (34 minutos), Diamantino (51), Afonso (de grande penalidade, aos 66), Nunes (64) e Figueiredo (72), na própria baliza).

UEFA não quer Israel

A violência nos estádios de futebol da Europa deverá ser hoje o tema central do Congresso Ordinário da UEFA (em Cascais) que reúne mais de 100 delegados de todas as Federações europeias. Apesar de não figurar na agenda de trabalhos, a violência no futebol será (certamente) a questão mais relevante do debate geral entre os participantes, devendo o Congresso debruçar-se ainda sobre matérias relacionadas com a administração e eleições para os quadros daquele organismo desportivo.

A tragédia de Heysel Park, na final da Taça dos Campeões Europeus (entre o Liverpool e a Juventus) que causou 39 mortos e a expulsão, por tempo indeterminado, dos clubes ingleses das competições da UEFA, deve ser alvo de novas reflexões por parte dos congressistas. O facto de a Inglaterra ter sido aceite para a fase de qualificação para o Europeu de 1988 deixa antever uma maior flexibilidade da posição da UEFA em relação ao futebol inglês.

Durante o Congresso da UEFA serão efectuadas eleições para os diversos cargos directivos da UEFA, estando ainda prevista a aprovação do orçamento para os próximos dois anos.

«Entente» florentina

Porém, parece que Israel não deverá ser aceite na UEFA, depois do chamado «Grupo de Florença» (reunido no Estoril) se ter manifestado contra a admissão. Os 16 países do Sul da Europa (que constituem quase 50 por cento dos membros da UEFA) reuniram-se ontem e sobre a questão do ingresso israelita a posição foi desfavorável. Assim, tudo indica ser essa a posição do Congresso, onde vão participar 33 dos 34 membros da organização continental, faltando apenas a Albânia.

O dr. Silva Resende (presidente da Federação Portuguesa de Futebol e vice-presidente da UEFA), revelou que a reunião do «Grupo de Florença» foi particularmente significativa porque, pela 1.ª vez, houve uma consciência comum sobre problemas do futebol europeu. Várias questões da ordem de trabalhos do 18.º Congresso da UEFA foram examinadas pelo grupo, para coordenar posições. Sobre a admissão de Israel (que pretende disputar as provas europeias de futebol) o presidente da FPF disse ter sido julgado pelo «Grupo de Florença» que ela **não é oportuna, nem estatutária.**

São Marino sobe

Outro ponto discutido na reunião de ontem foi a do futebol olímpico: o grupo vai recomendar que, em futuros jogos sejam admitidos futebolistas até aos 23 anos de idade, ao mesmo tempo que se considera que o futebol está a ser discriminado relativamente aos critérios sobre profissionalismo adoptados para outras modalidades.

Entretanto, a Comissão Executiva da UEFA, que também se reuniu no Estoril (preparando o Congresso) manifestou-se favorável à futura admissão de São Marino como 35.º membro da organização europeia de futebol.

Federação de Futebol desemprega empregado do União de Paredes!

Incrível mas autêntico: O Conselho de Disciplina da Federação de Futebol aplicou a pena de «**Suspensão por três anos a António Jorge de Sousa Costa, empregado do União de Paredes**». Não se sabe o motivo, mas nasce já uma dúvida: será que o douto areópago da Praça da Alegria alargou a lista dos desempregados no nosso país?

Odivelas: desabafo público

O Odivelas Futebol Clube remete para a Imprensa o seguinte comunicado:

«O Odivelas Futebol Clube, considerado «de utilidade pública», não pode calar por mais tempo as diatribes de que tem sido alvo. Tudo começou aquando do jogo de futebol da 1.ª volta, do campeonato da 3.ª divisão, com o Lusitânia dos Açores. Já perto do fim do encontro, com o resultado em 0-0, o árbitro, um tal sr. Varandas, sancionou como bom um pseusogolo, em que a bola entrou na baliza do Odivelas empurrada pela mão de um avançado açoriano. Apercebendo-se que o sr. Varandas apontava o centro do terreno, a esmagadora maioria dos nossos atletas rodearam o «juiz», empurrando-o desde a marca de grande penalidade até à linha lateral. O sr. Varandas, estava de tal maneira comprometido que, a reacção humana (mas incorrecta) dos nossos atletas, nem um cartão amarelo mereceu.

«No entanto, o golo foi validado. Após a bola ter ido ao centro do terreno, viu-se o auxiliar do lado do peão (note-se, do lado do peão), agitando a bandeira. Verificou-se ter sido atingido por uma pedra, atirada do peão por qualquer energúmeno que, se fosse sócio do nossos clube, estaria na respectiva bancada. Os nossos julgadores, em vez de decidirem com a celeridade lógica num caso destes, só ditaram a sua douta sentença quando Odivelas Futebol Clube já tinha realizado três jogos fora do seu ambiente. Em vez de nos indemnizarem por já termos cumprido jogos a mais, ainda nos aplicaram mais três encontros de interdição. E isto quando, não falando em antecedentes com outras colectividades mais ricas (mas não mais dignas) na alínea B do artigo 106 se refere que para casos como o que se passou no nosso campo, haverá um a dois jogos de interdição e multa de 10 a 30 mil escudos.

«Desportivamente, não protestámos: e cumprimos em silêncio o castigo com os inerentes prejuízos desportivos e materiais. Mas, depois do jogo com o Lusitânia, continuamos a ser perseguidos pelas arbitragens; e continuamos em silêncio. Porém, não acham que temos motivos para dizer basta?»

Controlo "anti-doping" no ténis

O controlo «antidoping» é posto em pratica já a partir do «Open» de França, em Roland Garros, mas apenas no sector masculino. Os torneios internacionais em que será efectuado o controlo «antidoping» durante a presente época são o de Wimbledon, «Open» dos Estados Unidos, o campeonato internacional da Austrália e o de Boca West, além do «Open» de França.

Manda a Federação de Futebol

Benfica multado: 1870 contos por danos à equipa de árbitros

Na vasta lista de castigos aplicados pelo Conselho de Disciplina do futebol, avultam três jogos de suspensão ao brasileiro Nivaldo (Portimonense), dois a Dito (Braga), Futre (Porto), Mito e Bandeirinha (Académica de Coimbra) e um a Raul Machado (Aves). Na 2.ª divisão: quatro jogos de obrigatória paragem a Alhinho (Estoril) e três a Beck ((Moreirense), Oliveira (Fafe), Pimenta (Gil Vicente), Alcides Coimbra (Águeda), António Teixeira e Fernando Faria (União de Leiria).

Ao mesmo tempo, o Benfica sofre duríssima punição: **por danos materiais causados à equipa de arbitragem constituída por Vítor Correia, Gomes Heitor e Pinto Beja (que dirigiu, a 22 de Dezembro de 1985, em Alvalade, o jogo entre os «leões» e as «águias») é obrigado a pagar a quantia de 1.870.271$00.** Trata-se de uma das maiores punições aplicadas dentro do futebol português.

FC Porto: nulo na Argélia

O FC Porto (bi-campeão nacional!) empatou sem golos frente à selecção da Argélia, em encontro particular de futebol disputado em Argel. A turma portista encontra-se em digressão pela Argélia, seguindo posteriormente para França.

Como se sabe, o clube das Antas conta nas suas fileiras com o avançado argelino Rabat Madjer, um nome seguro na equipa argelina para o «Mundial» no México. A Argélia está no grupo D do «Mundial» com o Brasil, Espanha e Irlanda do Norte.

Braga dispensa

O Sporting de Braga já divulga dispensas: Guedes, Palhares, Barradas, Marcelino, Titó, Leão, Lourenço, Sérgio Pinto, Nelinho, António Barbosa e ainda os brasileiros Oliveira e Nel. Vão ser emprestados Rui Barbosa, Quim Alberto e Litos (que tem estado no Merelinense). Outro lote, que estava cedido ao Maximinense, fica fora de domínio bracarense: Canário, Paulo Rafael, Delfim, Fernando Castro, Machado, José Manuel, Botiça, José Faria, Teixeira e Jerónimo.

Venâncio: nova operação

O sportinguista Venâncio vai ser sujeito a mais uma intervenção cirúrgica ao joelho, marcada para a próxima semana.

Calendário muda

Foram antecipados para sábado à tarde, a partir das 16 horas, três encontros das competições dos escalões etários mais jovens.

Para o Nacional de Juniores: FC Porto - Académica defronta-se no campo de treinos do Estádio das Antas, enquanto que para a Taça Nacional de Iniciados jogam Abrantes - Juventude e Cartaxo - Campomaiorense.

Entretanto, no domingo, registam-se duas alterações em jogos da 2.ª e 4.ª divisões, com o Leixões - Fafe, no Estádio do Bessa, e o Penalva do Castelo -Guarda, no campo dos Trambelos, em Vildemoinhos, ambos às 16 horas, estando os encontros Santa Clara - Lusitânia e Praiense - «Os Elvenses» marcados para às 15 horas.

Edevaldo foi embora

Não interessava ao FC Porto. Não era «craque». Já voltou à sua terra. Trata-se do brasileiro Edevaldo, que viera para as Antas para funcionar como defesa-direito.

Marítimo: Reforços

Roldão (Vitória de Guimarães) e Jorge Silva (Chaves) são dois dos futebolistas que estão a ser contactados pelo Marítimo, com vista à próxima temporada. Os verde-rubros mantêm ainda contactos com Freire (Portimonense), Barradas (Braga), Nascimento (Portimonense), Mariano (Salgueiros) e Vitinha (Setúbal). O «Jornal da Madeira» aponta ainda o irlandês Walsh (Porto) como um dos futebolistas cuja contratação seria desejada por largos sectores da direcção do clube madeirense.

Chalana vem embora

Os dirigentes decidiram: Chalana não alinhará mais pela equipa francesa de futebol do Bordéus. Fontes ligadas ao clube tricolor não adiantam, contudo, qual o futuro a dar ao antigo «internacional» português, que se encontra ligado ao Bordéus por mais uma época. Todavia, parece que o Bordéus dispõe este ano de 1,5 milhões de contos para a aquisição de novos jogadores, o que aconteceu com os irmãos Vujovic (da Jugoslávia) e os «internacionais» franceses Vercruysse (anteriormente no Lens) Touré (Nantes) e Ferreri (Auxerre), enquanto Bocanda e Amorós são os dois outros «internacionais» franceses apontados como possíveis transferências para o Bordéus, motivo porque Chalana ficaria «sem lugar no team».

O jornal desportivo francês «L'Equipe» refere, na sua edição de ontem que o Bordéus pode alinhar na próxima época com 13 «internacionais», mas o nome de Chalana já não consta da lista elaborada pelo periódico.

Torneio de companhias de aviação

Vinte e oito equipas disputam, na Figueira da Foz, a 5.ª edição do «Torneio Internacional de Futebol de Companhias de Aviação, designado por «Mundialito». O torneio termina no sábado.

O «Mundialito» reúne equipas de companhias aéreas da Africa, Europa e América.

Por aí fora

Vários países vão preparando as suas turmas com vista à fase final do campeonato mundial, efectuando jogos particulares. Mais embates: Bélgica, 2 - Bulgaria, 0; República da Irlanda, 1 - Uruguai, 1; Inglaterra, 2 - Escocia, 1; Irlanda do Norte, 2 -Marrocos, 1 e Roménia, 2 -URSS, 1. Por seu lado, a Italia qualificou-se para a final do «europeu» de «esperanças ao empatar (1-1) com a Inglaterra, em jogo da 2.ª «mão» das meias-finais da prova. A turma italiana havia ganho a 1.ª «mao» por 2-0.

PROGNÓSTICOS DOS OS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 17 DE 27 DE ABRIL DE 1986

Penalty 111 112 211 12X1; O Jornal de Amarante 111 111 21X 1111; A Comarca de Arganil, 111 x1x 2xx 11x1; Jornal da Beira, 111 112 2x1 12x1; Cardeal Saraiva, 111 x11 211 1x21; Correio de Coimbra, 111 x1x 221 121x; Correio do Vouga, 111 112 2x1 2211; Jornal «A Defesa», 1x1 1x1 x2x 1xx1; Jornal «Defesa de Espinho», 112 111 211 1111; Diário de Viseu, 2x1 x12 2x1 12xx; Dribling, 111 111 x11 x211; Folha do Domingo, 111 111 x11 1211; Ecos do Cacia, 111 11x 211 x21x; O Emigrante, x1x 211 2x1 2x11; Eu Sei Tudo, 111 111 21x 1x11; O Jornal de Felgueiras, 1x1 111 x11 111x; Gazeta das Caldas, 111 111 x1x xx11; Gazeta de Felgueiras, 1x1 1x1 211 x111; Rádio Totobola, x11 112 2xx 122x; Jornal Linhas de Elvas, 111 111 21x 1211; Litoral, 111 111 211 x221; O Jornal da Lixa, 111 xx1 11x 111x; Maria da Fonte, 111 x11 211 1211; No Estúdio e no Estádio, 11x 11x 2x1 12x1; Notícias do Douro, 111 x11 211 xx1x; Notícias de Felgueiras, 111 11x x11 xx11; Jornal Notícias de Gouveia, 111 21x 211 1x11; Notícias de Guimarães, 111 1x1 211 211x; Notícias de Viseu, 111 x12 2x1 xx1x; Reconquista, 111 212 221 12x2; Rádio Altitude, 111 xxx 2x1 1112; Clube da Manhã, 111 112 x12 x221; Manhã Manhã, 111 21x 2xx x2x1; RDP/Secção Desportiva, x11 x11 211 1211; Tempo de Desporto, 1x1 xx1 2x1 x2xx; Boomerangue, 111 x1x xx1 1x22; Programa da Manhã, x21 11x xx1 2xx2; A Arte de Bem Madrugar, xx1 112 x11 x221; O Diário, 1x1 x12 x21 x2x1; Canal Mais, x22 x1x 221 12xx; Fotogramas, x1x x1x x11 2x11; Palavra Puxa Palavra, 11x 111 221 x1x2; Fora de Jogo, 111 111 x2x 1xx1; Grande Sábado, 1x1 2x1 11x 2xx1; Sintonia Desportiva, 11x x12 221 1x21; Bola ao Centro, 111 1xx 2xx 1x2x; Diário do Desporto, 1x1 1x1 221 1x11; Bola Branca, x1x 111 2xx 2xxx; RR-/Desporto, 11x 11x 2x1 x2x1; Rádio Sports, 111 11x 211 11x1; Jornal de Santo Tirso, x11 12x 21x 12xx; Jornal de Sintra, 111 1xx 211 1x11; Voz do Ave, 111 111 211 x11x; A Voz do Domingo, 1x1 111 2x1 1211; Voz de Lamego, 1x1 x1x 211 1111; Radio Guarda, 11x 2x1 1x2 x111; Horizonte, 111 211 211 x111; O Mensageiro, 111 x1x 211 x11x; Comércio de Leixões, x11 21x 211 1221; De Tudo Um Pouco, 111 xx2 x21 121x; Jornal de Gaia, 1x1 111 2x1 x1xx; Jornal da G raça, 1x1 11x 211 12x1; Jornal de Notícias, 111 111 2xx 12xx; O Primeiro de Janeiro, 111 x11 221 12xx; Quadrante Norte, 111 112 2x1 121x; Repórter do Dia, 111 112 21x 1212; Resenha Desportiva, 111 x1x 211 1xxx; Alvo Desportivo, x11 x1x 21x 1xxx; Rádio Alvo, 111 x11 x11 1x11; Alvo, 111 211 x11 2212; Alvo Suplemento, 111 112 211 1121; A Voz dos Ridículos, 111 111 211 111x; Rádio Placard, 111 21x 212 1x11; Estúdio 64, 111 x11 121 12x1; Diário de Lisboa 111 1xx 21x 12x1.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (*) 1	X	2
1. Espinho-Tirsense	62	11	1	9	2	1
2. Leixões-Fafe	59	13	2	9	2	1
3 P. Ferreira-Lourosa	64	8	2	10	1	1
4 Amarante-Paredes	40	24	10	6	4	2
5. Vizela-Felgueiras	61	12	1	9	2	1
6. Caldas-Peniche	35	24	15	6	4	2
7. Almeirim-Aguêda	4	16	54	1	3	8
8. Alcobaça-Mangualde	41	21	12	7	3	2
9. A.Viseu-Viseu Benfica	54	17	3	8	3	1
10. Torralta-Sacavenense	46	20	8	8	3	1
11. Lusitano-Montijo	18	23	33	2	5	5
12. Estoril-E. Amadora	38	26	10	6	4	2
13. Atlético-Nacional	43	24	7	7	4	1

(*) – Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
111 111 211 1X ou 211

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
7.º JUÍZO

ANÚNCIO

O 7.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA.

Faz saber que por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando o réu FERNANDO DA SILVA COSTA, ausente em parte incerta mas com última residência conhecida no Lugar de Azevedo, Caldas de S. Jorge, 4535 Lourosa-Vila da Feira, para no prazo de 10 DIAS findo o dos éditos contestar a acção, na qual a autora pede a condenação do Réu no pagamento da quantia de 115 070$00, bem como custas, selos e procuradoria, sob pena de não o fazendo ser condenado no pedido, tudo como melhor consta no duplicado da petição inicial, que se encontra à sua disposição na Secretaria deste Tribunal, sita ao 5.º Piso do Palácio da Justiça em Lisboa, na Rua Marquês da Fronteira.

Acção Sumária n.º 3458/85, 3.ª Secção.

Autora: – TV NOVA COR – ALUGUER, INSTALAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE VIDEO, LD.ª.

RÉU: FERNANDO DA SILVA COSTA.

Lisboa, 14 de Abril de 1986

O JUIZ DE DIREITO
(Assinatura ilegível)

O Escrivão Adjunto
João Martins Peixoto

«DL» – 24/4/86 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LOURES

ANÚNCIO

O Doutor Guilherme Pires Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho de Loures

Faz anunciar que nos autos de carta precatoria extraida do auto de execução por quantia certa em que são exequente Orlando João Pereira e executada Materiais Novobra SARL, que correm os seus termos pela 1.ª secção deste Tribunal, foi designado o dia 16 de Maio de 1986 pelas 10 horas para se proceder a arrematação em hasta publica e em 1.ª praça, à porta deste Tribunal sito na Rua da Republica n.º 50 em Loures do bem abaixo indicado e penhorado nos autos acima referidos o qual sera arrematado pelo maior lanço oferecido e superior ao valor indicado no processo

BEM A VENDER. Uma betoneira marca «Noe», com capacidade para 400 litros, com motor diesel «tetter» n.º 31 090, que se encontra no estabelecimento fabril da executada, sito na Quinta da Portela em Loures.

E para constar se lavrou o presente anúncio e outro de igual teor afim de serem publicados.

Loures, 17 de Abril de 1986

O JUIZ DE DIREITO
(assinatura ilegível)
O ESCRIVÃO-ADJUNTO
(assinatura ilegível)

D.L. 24/4/86 – 1ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
8.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 8.º Juízo Cível de Lisboa, nos autos de Acção Sumária n.º 4042, que TV NOVA COR - ALUGUER, INSTALAÇÃO E REPRESENTAÇÕES DE VIDEO, LD.ª, com sede na Avenida Álvares Cabral 58/60, em Lisboa move a HENRIQUE JÚLIO SEQUEIRA CORDEIRO PERES com última residência conhecida na Vivenda Adelaide Silva, lote 171 / 173, Pinhal do Rei, Charneca de Caparica, correm éditos de 30 dias a contar da segunda e última publicação do anúncio, para no prazo de 10 dias, contestar a acção na qual a autora pede a condenação do réu no pagamento da quantia de 68 300$00, juros de mora vincendos à taxa legal desde 26/7/85, sobre 62 400$00, custas e procuradoria, pelos fundamentos constantes do duplicado da petição inicial que se encontra à disposição do citando na Secretaria deste Juízo.

Lisboa, 10 de Abril de 1986

O Juiz de Direito
a) Fernando da Costa Soares

A Escrivã Adjunta
a) Isménia J. Salvador

«DL» – 24/4/86 – 1.ª Pub.

Sesimbra festeja o "25 de Abril"

Uma vez mais Sesimbra comemora, condignamente, o 25 de Abril, com um programa recheado de notas salientes: actividades culturais e desportivas em todas as freguesias, destacando-se em Santiago, amanhã, (às 10 horas) uma romagem ao cemitério em homenagem aos democratas sesimbrenses falecidos, seguindo-se a inauguração de uma exposição alusiva ao Ano Internacional da Paz e à Conservação da Natureza, por iniciativa do Movimento Ecologista Português, Partido «Os Verdes». Depois da manhã infantil, realiza-se, às 14 e 30, um espectáculo no Largo do Município e às 21 e 30, a sessão comemorativa do 12.º aniversário do 25 de Abril, no gimnodesportivo de Sesimbra, que integra um espectáculo musical.

Na freguesia do Castelo, destaque, amanhã, para a Estafeta da Liberdade, às 9 horas; jogo de solteiros e casados em Azóia, às 11; jogo de futebol sénior, às 16; e para o torneio do chinquilho. No lugar de Alfarim, destaque para o futebol de onze e de salão, corridas de arcos e de sacos e jogo do pião. No Zambujal, às 14 horas, há uma corrida de ciclismo, seguindo-se diversos espectáculos que terminam com um baile popular.

Na freguesia da Quinta do Conde, depois da alvorada e da matança do porco, há um jogo de futebol de iniciados às 10 horas, corta-mato para todas as idades às 10 e 30; torneio de chinquilho, às 16; demonstração de karaté, às 17 e um espectáculo, às 18 e 30, com baile às 22.

A Comissão de Honra das Comemorações do 12.º aniversário do 25 de Abril, em Sesimbra «saúda a população do concelho de Sesimbra e apela à sua participação em mais esta grande jornada de convívio democrático, manifestando o seu empenho na defesa dos ideais de Abril e da Paz».

Xadrez: recordar Alekhine

A Federação Portuguesa de Xadrez e a Associação Portugal-URSS vão realizar, de 26 do corrente a 7 de Maio no Palácio da Cidadela (em Cascais) o Torneio Internacional Alekhine, reconhecido internacionalmente pela FIDE (categoria 7 — Média ELO: 2405), que possibilitará pela primeira vez em Portugal a obtenção de normas para o título de «grande mestre» (galardão máximo atribuído pela Fderação Internacional). Participarão os seguintes xadrezistas:

	PAÍS	ELO FIDE
Adrian Mikhalchisin	URSS	2510
Vladimir Bagirov	URSS	2485
António Antunes	Portugal	2455
J. Bellon	Espanha	2430
Niguel Davies	Inglaterra	2410
António Fernandes	Portugal	2400
Luís Santos	Portugal	2380
José P. Santos	Portugal	2345
António Fróis	Portugal	2335
Luís Galego	Portugal	2330
João Sequeira	Portugal	2310

Para recordar o 40.º aniversário da morte de Alekhine (a 24 de Março de 1946 precisamente no Estoril) o torneio visa prestar homenagem ao grande jogador que foi campeão mundial constituindo-se como uma das figuras inelutavelmente ligadas à história do xadrez.

À pedalada: de Saint-Maur até Leiria

Uma prova inédita de ciclismo liga, a partir de amanhã, duas cidades europeias, que distam entre si cerca de dois mil quilómetros: Saint-Maur (França) e Leiria. A corrida Saint-Maur - Leiria, que surgiu no âmbito da geminação das duas cidades, inicia-se amanhã, à tarde, diante do município da cidade francesa (situada nos arredores de Paris) e termina em Leiria (a 8 de Maio).

A prova não estabelece limites para quem quiser correr cerca de dois mil quilómetros, apresentando 26 concorrentes (dos quais 3 mulheres) e o mais idoso dos participantes conta 63 anos. Os ciclistas deverão percorrer os 1900 quilómetros que separam as duas cidades em 12 etapas: e enfrentar diversas dificuldades topográficas, desde o País Basco aos montées do vale do Douro.

Em França, o trajecto é o seguinte: Val-de-Marne, Essone, Loir-et-Cher (paragem em Romorantim a 6, à noite), Indre, Haut Vienne (paragem em Chateauponsac, a 27, à noite), Dordogne (paragem em Mussidan, a 28, à noite. Seguem-se etapas por Gironde, Landes (paragem em St. Sever, a 29, à noite) e Pireneus Atlânticos (paragem em Ascain, a 30, à noite). Em Espanha, estão previstas etapas em Vergara, Briviescia, Villoldo e Zamora. Finalmente, em Portugal, a caravana passa por Moncorvo (dia 5 de Maio, à noite), Aregos (Dia 6, à noite) e Figueira da Foz (dia 7, à noite), com chegada prevista a Leiria, no dia 8.

Carlos Vieira, campeão do mundo de resistência na modalidade, que foi de «visita» a Saint-Maur de bicicleta, o ano passado, foi a figura escolhida para acolher a chegada dos concorrentes em Leiria.

A prova, que tem o apoio publicitário de diversas empresas portuguesas e francesas, é acompanhada por um automóvel de apoio cedido pela municipalidade de Saint-Maur.

Volta ao Algarve

A 12.ª edição da Volta ao Algarve que se realiza de 30 do corrente a quatro de Maio, será apresentada aos órgãos de Comunicação Social no próximo sábado, nas instalações da Cerveja Cristal (em Loulé). A Volta ao Algarve, que apresenta este ano o seu trajecto mais longo, percorre todos os concelhos do Algarve e termina no Alentejo (Almodôvar), facto que sucede pela 1.ª vez.

Organizada pela Associação de Ciclismo de Faro, a prova apresenta um percurso total de 700 quilómetros, distribuídos por sete etapas. Estão inscritas 14 equipas: uma francesa, a espanhola do Clube de Ciclismo de Sevilha, a inglesa da ANC (que já esteve presente na edição do ano passado, mas abandonou na 4.ª etapa, por discordâncias com decisões da organização, todas as equipas profissionais portuguesas e a selecção de amadores do Algarve, perfazendo um pelotão de 110 ciclistas, o maior de sempre na prova.

«Vuelta»

O francês Marc Gomez, ao serviço da equipa espanhola «Reynolds», venceu a 1.ª etapa da Volta à Espanha. Gomez pedalou sozinho durante mais de 150 dos 190 quilómetros da tirada, disputada nas Canárias, com partida e chegada a Palma de Maiorca.

Turismo-desporto: Algarve arranca

Notícia muito agradável e que reflecte como é possível (a quem pode e deseja) apoiar o desporto: com a realização do Torneio das Quatro Nações, no Algarve, o turismo-desporto volta a conhecer, entre hoje e 27 do corrente, novo e importante impulso.

A organização está a cargo do Clube Dom Pedro (de Vilamoura) e conta com os patrocínios das federações de Golfe, Ténis e Bridge, modalidades escolhidas para o torneio, que conta com a presença de praticantes profissionais e amadores de Espanha, Inglaterra, RFA e Portugal, naturalmente interessados nos atraentes «prize money» e nos magníficos prémios em disputa.

Também na Póvoa de Varzim (Hotel Vermar Dom Pedro), no decorrer da Convenção de vendas Garnier (e a apresentação de um novo produto de perfume-desodorizante), foi divulgado que a conhecida firma francesa, em colaboração com aquela unidade hoteleira, se propõe promover uma competição desportiva alargada a praticantes nacionais e estrangeiros de atletismo. Recorda-se que, por mútuo acordo, a Sopete e o Grupo Saviotti firmaram novo compromisso para a exploração do Vermar pela Dom Pedro Hotéis. Mais um motivo para se acreditar que o binómio turismo/desporto terá belo incentivo na Póvoa de Varzim.

Na sua agenda

Ciclismo: na área da Associação de Santarém, realiza-se amanhã, pelas 9 horas, uma prova ligando Porto Alto e Alpiarça, será um contra-relógio por equipas, que definirá os campeões nacionais.

Karate: organizado pela Liga Portuguesa de Karate Do (no âmbito das realizações da Association Shito-Ryu Karate Do Europe, da qual aquela organização portuguesa é membro) realiza-se em 25, 26 e 27 do corrente, no Pavilhão dos Salesianos (Estoril) um estágio de karate ministrado por mestre Yasunari Ishimi (7.º Dan) cujo nome está ligado aos espectaculares êxitos desportivos das equipas nacionais espanholas em campeonatos da Europa e do Mundo. Este estágio, que permite a frequência de praticantes de todos os estilos, foi considerado pelo Conselho Técnico Nacional de Karate da Comissão Directiva as Artes Marciais (organismo de Estado que controla a prática) como Estágio de Interesse Nacional, pelo que os exames de graduação que nele forem efectuados terão diploma e homologação nacional a atribuir por aquele Conselho Técnico.

Atletismo: para comemora mais um aniversário do 25 de Abril, um grupo de moradores do Casal do Rato e Presa (Pontinha) leva a efeito amanhã pelas 10 horas, uma prova de atletismo.

Modalidades

Râguebi na Tunísia

A selecção de râguebi de Portugal vai a caminho da Tunísia onde defrontará (dia 26) a sua congénere local, em jogo do grupo «A» do torneio FIRA. A comitiva portuguesa é formada por Picão de Abreu (presidente da FPR), Albano Rodrigues (Tesoureiro), Dídio Aguiar, (médico), Graça Gordo (massagista), Mata Pereira (árbitro) e 21 jogadores: Carlos Reis, Octávio Sousa, Nuno Morais, Luís Luís, Faustino Pires, José Rodrigues, António Ferreira, Pedro Ferreira, Bernardo Marques Pinto, João Marques Pinto, João Queimado, Domingos Megre, Nuno Durão, António Almeida, José Belo, João Amaral, Luís Morais, Eduardo Morais, Ricardo Durão, Paulo Maló e Vasco Paulo.

Corrida de patins

Integrado nas comemorações do 25 de Abril, vai realizar-se em Sines, amanhã, pelas 10 horas, um encontro internacional de corridas em patins em que participam as selecções nacionais da Itália e da Espanha, e as equipas do Sport Lisboa e Benfica, CDM de Serpa, CDM de Sines, Vasco da Gama Atlético Clube, Associação Juventude Salesiana, Clube Atlético Cacém, Grupo Dramático de Cascais, o Castrense e o Grupo Desportivo Amador de Lagos.

Castelos de Portugal vistos por artistas contemporâneos

Aguardada com muita expectativa a colectiva de pintura, desenho e gravura sobre os Castelos de Portugal será inaugurada hoje, às 22 horas, na Galeria de Arte do Casino Estoril.

Este salão regista a participação de meia centena de alguns dos mais destacadós pintores portugueses que, na sua própria linguagem plástica, têm vindo a pintar os castelos e as fortalezas que enriquecem o nosso património arquitectónico e cultural. São os seguintes os artistas participantes nesta mostra: Álvaro Perdigão, Américo Silva, António Joaquim, Armando Anjos, Araújo Soares, Barata Moura, Boavida Amaro, Carlos Dores Marques, Clara D'Ovar, Correia Pinto, Correia de Morais, Costa Coutinho, Cunha Rocha, David Levy Lima, E. Salvado Pena, Eduardo Alarcão, Elias Farinha do Nascimento, Estevão Soares, Eugénio Silva, Fernando Silva Ferreira, Fernanda Pissarro, H, Mourato, Jesus Ferreira, João Ayres, João Mourão, João Orvalho, José Salomão, Jorge Gamito, Leopoldo Batalha, Lima de Freitas, Luís Aniceto, Luís Filipe de Abreu, Luís Gonçalves, Luís Miguel Alcide D'Oliveira, Manuel da Silva, Manuela Pinheiro, Maria Fernanda Amado, Maria Irene Ribeiro, Maria de Lourdes Mello e Castro, Maria Luísa, Maria Luísa Afonso, Maria Toscano Rico, Marília Nunes, Mongenet, Nuno Barreto, Osório, Paulo Ossião, Paulo Silva, Puskas, Ribeiro Farinha, Rui Alpuim e António Lino.

Entendendo interessante fazer o registo dos monumentos nacionais vistos pelos nossos pintores, a Direcção da Galeria de Arte do Casino Estoril convidou os citados autores a participarem nesta iniciativa tendo conseguido, da parte dos mais inventivos, peças de grande qualidade.

São os seguintes os castelos representados: Guimarães, S. Jorge (Lisboa, Torre de Belém, S. Filipe (Setúbal), Leiria, Almourol, Óbidos, Sintra, Monsaraz, Evoramonte, Palmela, Marvão, Vila da Feira, Bragança, Viana do Castelo, Vila Viçosa, Melgaço, Vila Praia de Âncora, Monsanto, Sortelha, Lagos, Penedono, Beja, Vila Nova de Mil Fontes, Sesimbra, Lousã, Montemor-o-Velho, Campo Maior, Mértola, Pombal, Serpa, Estremoz, Alandroal, Arraiolos, Nazaré, Porto de Mós, Santiago do Cacém, Porto Covo, Valença do Minho; Póvoa de Lanhoso, Torres Vedras, Alcanede, Castelo Rodrigo, Tomar, Portel, Castelo de Vide, além de outros.

«Tema central e dominante em numerosas obras, noutras elemento importante da composição, ainda como discreta mas sugestiva presença em fundos panorâmicos, a vultuosa representação da arquitectura castrense nas artes plásticas justificaria volumoso livro de análise. Códices e mosaicos paleocristãos, depois a pintura de grandes mestres, dão eloquente e alargado testemunho desse interesse — Duccio, Giotto, Lorenzetti, Simone Martini, Fra Angelico, Fouquet, Pisanello, Carpaccio, Bellini, citam-se como alguns de copioso cortejo onde não podem faltar as preciosidades dos Limbourg no «Três Riches Heures du duc de Berry», nem a misteriosa fortaleza entre outros indecifráveis mistérios da «Tempestade» de Giorgione, nem os longínquos e serenos castelos góticos dos Van Dyck e de Van Der Weyden, nem as inquietantes torres redondas de Bosch.» — afirma Júlio Gil no Catálogo.

Lançamento do livro «Os Mais Belos Castelos de Portugal»

Em simultâneo com esta amostra de pintura terá lugar o lançamento do livro «Os Mais Belos Castelos de Portugal», mais uma edição da Verbo Postal, que inclui uma descrição histórico/arquitectónica de 103 castelos e fortalezas, sendo a selecção e os textos da responsabilidade do arquitecto Júlio Gil e o prefácio da apresentação de Joaquim Veríssimo Serrão.

Esta obra é ilustrada com mais de 500 fotos da autoria de Augusto Cabrita.

MAIS TURISMO, EDIÇÕES E PUBLICIDADE, LDA.

Manuel dos Santos Portela, ajudante do 19.º Cartório Notarial de Lisboa

Certifica que, por escritura de 5 de Fevereiro de 1986, lavrada de fl. 44 v º a fl. 46 do livro de notas n º 51-H deste Cartório, foi constituída entre Maria Helena Barão Pinto Duarte, Edmundo José Mota Duarte e Zita Barão Pinto uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada Mais Turismo, Edições e Publicidade, Lda , com sede em Lisboa, a qual se rege pelo constante dos artigos seguintes

1.º

A sociedade adopta a denominação de Mais Turismo Edições e Publicidade, Lda , tem a sua sede na Rua de Maria Veleda, torre 2, 1 º, B, freguesia de Carnide, concelho de Lisboa, e durará por tempo indeterminado, com início nesta data.

2.º

O objecto social consiste na publicação de edições, promoção e publicidade de actividade turística em Portugal

3 º

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, e de 60 000$ e corresponde à soma das 3 seguintes quotas 1 do valor nominal de 30 000$, pertencente à sócia Maria Helena Barão Pinto Duarte, e 2 do valor nominal de 15 000$, pertencentes uma a cada um dos socios Edmundo José Mota Duarte e Zita Barão Pinto

4.º

A cessão de quotas entre sócios é livremente permitida, mas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, à qual, em primeiro lugar, e aos sócios, em segundo, é conferido o direito de preferência.

5 º

Os socios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que ela careça, nas condições de juro e reembolso a fixar em assembleia geral.

6.º

A gerência, dispensada de caução, será exercida pela sócia Maria Helena Barão Pinto Duarte, que desde já fica nomeada gerente, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

§ único. Para obrigar a sociedade é necessária e suficiente a assinatura de um gerente.

7.º

As assembleias gerais, salvo os casos para que a lei exija outra forma, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias.

Está conforme ao original

19.º Cartório Notarial de Lisboa, 6 de Fevereiro de 1986.

O AJUDANTE,
Manuel dos Santos Portela

D L 24/4/1986

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21.30H TEL 726 08 18

2ª MES

CALIGULA DE ALBERT CAMUS • ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA

MAIORES 12

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS

PATROCINIO DA F. GULBENKIAN 3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150$00

PRAÇA DE ESPANHA • APOIOS F GULBENKIAN E RADIO COMERCIAL SUB SEC

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO

TEATRO

VASCO SANTANA

ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇO DE: LUZIA MARIA MARTINS

CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE: ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEMOR•CARLOS SANTOS•CLARA JOANA• HELENA FÉLIX•LUÍSA ORTIGOSO•FERNANDA COIMBRA•JOÉ BRÁS•VÍTOR HUGO• MANUEL MENDONÇA•PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

Teatro da Cornucópia

CICLO STRINDBERG
A ILHA DOS MORTOS

A SONATA DOS ESPECTROS

Amanhã
não há espectáculo

De 3 ª sábado às 21.30 h
Domingo às 16 h
2 ª feira Descanso
De terça a quinta preços reduzidos

no
TEATRO DO BAIRRO ALTO

R Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef.: 66 15 15/66 92 05

PRÉMIO DO MELHOR REALIZADOR
FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO

PRÉMIO O.C.C.I.C.
FESTIVAL DE BERLIM

Seleccionado para os festivais de Londres, Los Angeles, Nova Iorque, S. Francisco e Locarno.

um filme de JOÃO BOTELHO

O PRIMEIRO FILME PORTUGUÊS SOBRE A GUERRA EM ÁFRICA

UM ADEUS PORTUGUÊS

Ruy Furtado • Isabel de Castro • Maria Cabral
Fernando Heitor • Cristina Hauser • João Perry
Henrique Viana • Luis Lucas • Diogo Dória

quarteto 3.ª SEMANA

M 12 ANOS

DOPERFILME

Crónica de Touros

O velho professor

Soliloquio

«Esquecido acabará Miguel Avellan, «El Maletilla de Oro», bandarilheiro da quadrilha de Pepin Jimenez. Colhido em Valência, a 21 de Julho, para o salvar não houve remédio senão o de lhe amputarem uma perna. Morto ficou para o toureio, e vivo para a caridade dos festivais, e a do alcaide de Madrid, Don Enrique arranjou-lhe um posto de vender lotaria — de vender a sorte que não teve».

Don Enrique. O Velho Professor, como era conhecido e chamado desde os tempos da sua cátedra na Universidade de Salamanca. Dele falavam, por via da desfortuna de um bandarilheiro, essas linhas com que fechou a crónica derradeira do passado ano. E que do Velho Professor sejam as primeiras linhas da crónica de abertura desta temporada de 1986. Por alguma razão, aqui, os extremos se tocam. Mesmo tratando-se de alguém como Enrique Tierno Galván — para quem os extremos não eram zonas desejáveis do seu (nosso) universo.

Nem mesmo do universo tão particular das arenas. Don Enrique manifestava-se contra aqueles que em Espanha pretendem (também por cá temos disso) identificar com progressismo a atitude de estar contra a Festa. Para o Velho Professor, nela se rompem as hierarquias, se estabelece um diálogo permanente e polémico; a praça, amálgama de classes sociais, torna-se lugar de participação e, ao mesmo tempo, em vez da barbárie dos espíritos que tantos proclamam, um lugar onde a sensibilidade se educa para a perfeição estética, fim último do toureio, razão de existir do trágico ritual em que a morte tem de estar presente. A morte era, para Tierno Galván, «elemento essencial e constitutivo da Festa». Um elemento que nela não será o extremo, mas o centro que queremos inatingido.

Sobressaltou-se a capital de Espanha ao pressentir que o Velho Professor, apesar do corajoso disfarce da sua compostura, se aproximava do centro da arena de sua vida. De um alcaide assim não se recordava Madrid, cidade dessas tão grandes que seus filhos ausentes, quando a ela tornam em férias ou festas, não dizem «Vou à Terra»: porque a sabem, e sentem, terra de todos. Com Don Enrique, Madrid não se curou de seus males de grandeza, mas povoou-os de ilusões. Sentiu-se outra vez castiça, simbolisada no exemplo vivo e respeitado desse homem corajoso e honrado, gentil e clemente, sábio e próximo. Ele chegara vindo de uma longa caminhada, anarquista quando jovem, soldado da República, catedrático professor, vítima sem alardes do franquismo, participante esclarecido da mudança, marxista sem perder o dom da ironia. E falando de algum desvio de Felipe e do seu jovem governo socialista, dizia «estos muchachos».

Quem sabe se isso terá ajudado à ideia de proporem o Velho Professor para a prateleira da alcaldia: sem adivinharem a simplicidade com que dela faria pedestal.

As gentes diziam-no vermelho, e sabiam que deixara ficar na secretária o crucifixo que nela encontrou. Queriam-lhe pôr coisas assim diversas: por não ter dado ao Reagan as chaves da cidade,e por ter falado em latim com o Papa, e por ser ateu, e por usar fato completo, com colete e gravata, nas quatro estações do ano, e por ser erudito, e por dançar com uma qualquer nas festas de rua, e porque defendia as corridas de touros contra não sei que ameaças da Comunidade Europeia, sustentava que a Espanha não se metera na CEE para deixar que lhe minassem esse acontecer espontâneo da sua cultura popular.

Espontâneos também podiam ser aqueles que da emoção do ritual das arenas não compartilhassem. A tolerância era, para Tierno, um elemento vital da sua ética: em que não se servia do conceito de Nietzche, ser a ética apenas uma arma dos fracos contra os poderosos. E a tolerância, usava-a na prática do dia a dia. E da noite também, pelos vistos. Recordo-o no camarote principal do Campo Pequeno, corria Junho de 1980, convidado de honra numa tourada nocturna a que atrevidamente chamaram «goyesca», como se «tourada goyesca» não fosse uma coisa que, além de não poder ser, é impossível. E o Velho Professor suportando aquela mistela intragável, sem um gesto de enfado, como se já fosse reconfortante cumprir o dever de estar ali, presente naquele número da Semana de Madrid em Lisboa, e esse dever incluisse o ter de fingir que tomava a sério aquela pangaiada.

Quem sabe se nessa noite, rendido ao esforço de procurar uma semelhança, por leve que fosse, entre aquilo que se passava na arena lisboeta e o dramatismo das imagens que retinha de Don Francisco de Goya y Lucientes, teve o Velho Professor esse sonho que ele confessava ser o mais familiar e frequente: «Sonho que me chamam de mais além do mar, e que vem o mar e se interpõe entre mim e essa chamada». Um dia, o mar não veio. Viu-lhe o rosto afilado e pálido, as mãos buscando-se uma à outra, e ajudarem-se na força expressiva. Sentiuque o Velho Professor precisava descansar dessa agonia que queria aguentar de pé, até ao último alento que sabia próximo, alcaide seria quando ele chegasse. Em frente da clínica para onde o levaram, a gente foi-se juntando, a esperar esse pequeno resto de esperança, acompanhado do rezar de terços, garrafas de água milagrosa, flores. E quando a notícia chegou à rua, quebrou-se o sussurro breve, e as palmas estalaram, espontâneas e comovidas.

Era uma tarde do Janeiro último, quando o levaram, ao som de um «chotis», numa carroça de ébano puxada por seis cavalos negros, entre um oceano de gente onde talvez estivesse «El Maletilla de Oro», perdido nessa multidão que do seu alcaide se despedia, ricos e pobres, chulos e doutores, operários e freiras, punhos ao alto, acenar de lenços, Madrid feita uma praça imensa, donde o Velho Professor saía em triunfo, levado para longe: para onde não pudesse sentir a pena de ouvir a chegada da Primavera anunciando a nova temporada, outra vez esses clarins em que os medos se disfarçam de alegria.

Com "Ain't Love Grand"

Os "X" por caminho mais pessoal

«Ain't Love Grand» é o quinto Lp dos «X» e, na sua obra uma revolução. Isto é, depois de terem passado pelo hard-rock, pelo punk, pelo country-rock, «X» mudaram de produtor, agora Michael Waneger, e fizeram um disco bem diferente dos anteriores, difícil de catalogar, com uma magia que não se compra com modas.

Dos temas sobressaiem «Burning House of Love», um potencial hit, para o que concorre a voz de John Doe, e a sobreposição das guitarras acústicas e eléctricas; «My Goodnes» é uma balada em acordes de blues; «Around My Heart» é talvez o melhor tema e sensacional a guitarra de Zokom; «What's Wrong With Me» é um bom exemplo do que um dueto de vozes, de Jonh e Exena, no rock 'n'roll.

A sua história remonta ao auge do punk em Los Angles. John Doe e Exene Cervenka encontraram-se numa livraria especializada em poesia, onde é encontrado frequentemente Tom Waits.

Desse conhecimento formaram o grupo. Em 1980, os X surgiram no circuito punk, com o álbum «Los Angles», do qual venderam 60 mil cópias, tendo sido aclamados pela crítica e público.

A formação dos membros da banda atirou-os em breve para outros cenários. Aos textos de Exena e às músicas de Doe, juntava-se Billy Zoom, com o seu passado de rockabilly, tal como o baterista de batida agressiva, Don Bonebrake. Há quem diga que foram eles os pioneiros do novo rock americano, talvez não seja bem assim, mas o certo é que eles depressa ultrapassaram o vírus de Los Angeles.

Os X são fans dos Doors e isso nota-se em temas como «Soal Kitchen» do álbum «Los Angles», e de escolha do ex-organista de Jim Morrinson, Ray Manzarek, para a gravação dos quatro primeiro Pl's da banda. Esta ligação foi talvez o que os impediu de vencer mais rapidamente, apesar da nomeação por várias vezes para me por banda do ano.

Foi com «More Fun In The New World», o álbum mais incisivo dos X, onde se criticava ferozmente as posições políticas da administração Reagan, chamaram também à atenção da rádio para a sua negligência relativamente ao novo rock

Grande prémio de tradução

O grande prémio de tradução «Cultura Latina» com um valor de 25 mil francos foi atribuído a Jacques Terriot pelas suas traduções em francês de obras de literatura brasileira.

O prémio agora atribuído a Terriot foi criado em 1983 pela Associação de Cultura Latina e pretende «chamar a atenção para as letras hispânicas, hispano-americanas, italianas, portuguesas e brasileiras, romenas e catalãs».

Jacques Terriot, o laureado deste ano, é particularmente conhecido em França pela sua tradução de «Macunaima» de Mário de Andrade, sendo também autor de traduções de textos literários e de romances.

Sérgio Godinho na Amadora

Por iniciativa da Câmara Municipal da Amadora, tem esta noite lugar, às 21 horas, no Parque Delfim Guimarães desta cidade, um espectáculo público comemorativo do 25 de Abril, com actuações de Sérgio Godinho e do Rancho Folclórico de Belas.

Roteiro Cultural

Uma das obras de Tomás Henriques

Exposições

• A exposição de pintura e desenho do artista plástico **Tomás Henriques** continua patente ao público na Galeria Tempo (R. Nova de S. Mamede, 17-A), das 16 às 20 horas, até 7 de Maio. Sobre o seu trabalho, escreve no catálogo Eduardo Xavier: «Criando com permanente insatisfação, Tomás Henriques sabe, também, que o seu trabalho nunca está pronto mas que a determinado nível do percurso pode ser dado como tal. Fluente mas comedido, gestual e emotivo ou meramente racional quando surge a fase selectiva, na qual dominam as opções cruciais, este artista tem vindo a merecer a atenção que se reserva apenas aqueles cujo mérito ultrapassou já o limiar da potencialidade para brotar, definitivamente, no primeiro plano da nova pintura nacional».

• Dezassete trabalhos de desenho, gravura, e pintura dos artistas **Gil Teixeira Lopes, Rocha de Sousa, Matilde Marçal, Marília Viegas, José Cândido, Lima de Carvalho** e **Hélder Baptista** integram a exposição colectiva que está patente até ao final do próximo mês, das 12 às 24 horas. no bar-restaurante «Goodies», aos Anjos, em Lisboa.

• Cerca de **uma centena de fotografias da autoria de alunos do curso de formação fotográfica do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) compõem uma exposição inaugurada no Porto.**

A mostra, que estará patente ao público até ao dia 24, é complementada com a projecção do vídeo «Viana do Castelo» esta tarde.

• Um concurso de fotografia subordinado ao tema «**Aspectos Típicos do Concelho de Moimenta da Beira**» está a decorrer naquela vila por iniciativa da Comissão de Coordenação de Educação de Adultos Local.

Os trabalhos, a que poderão concorrer todos os interessados na modalidade de amador ou profissional, deverão ser enviados até 15 de Junho de 1986 para a entidade coordenadora.

Haverá prémios pecuniários para os primeiro, segundo e terceiro classificados, qu serão entregues, antes da exposição dos trabalhos, no dia 22 de Junho, por altura da realização das festa concelhias.

Cinema

• Na Cinemateca Portuguesa continua a decorrer o **ciclo de cinema espanhol,** hoje pelas 21.30 horas com a projecção do filme de Carlos Saura, «Mama Cumple Cien Años», realizado em 1979.

• No Teatro Académico de Gil Vicnete, em Coimbra, também pelas 21.30 horas, é exibido o filme «O Mistério de Oberwald realizado pelo cineasta italiano **Michelangelo Antonioni.** O filme não é aconselhado a menores de 13 anos.

Música

• Pelas 18.30 horas, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian a **Orquestra Gulbenkian** realiza um concerto, tendo como maestro **Christopher Hogwood** e como solista, em violoncelo, o músico **Heinrich Schiff.** O programa do espectáculo consta da interpretação de obras dos compositores Dvorak, Elgar, e Schumann.

• Integrada nas comemorações do 25 de Abril a organização do M.D.M. da Amadora vai realizar uma iniciativa «**As Mulheres em Abril**» e que terá lugar no ex-Cine-Plaza da Amadora. A iniciativa consta de um espectáculo no qual participarão Maria Guinot, Fernanda Lapa, Leandra Baptista e a Classe Acrobática do Sport Clube Sacavenense e que tem início às 21.30 h.A partir das 16.30 poderão ser visitadas uma exposição «A Mulher e a Paz» e a Exposição venda de artesanato português e estrangeiro.

Opera

• A ópera em três actos de Gaetano Donizetti «**Roberto Devereux**» tem esta noite, pelas 20.30 horas no Teatro Nacional de S. Carlos, estreia moderna em Portugal. Do elenco fazem parte os cantores líricos Mara Zampieri, Manuela Castani, Vincenzo Bello, Fernando Teixeira, António Silva, Costa Coutinho e Alberto Silveira. A direcção musical é de Franco Ferraris, a encenação de Paolo Trevisi e a cenografia Ferrucci Villagrossi.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
14.00 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 24 h

Apolo 70
JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
SINDROMA DA CHINA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
FOGO NO RABO
(int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358
SEXO FRACO... JOGA FORTE
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
O GRANDE ESPIÃO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do novo filme de ERIC ROHMER, «NOITES DE LUA CHEIA». Com PASCAL OGIER e VIRGINIE THEVENET. Em exibição no Estádio 444.

Cinebloco
— T. 556824
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
FINALMENTE A PRIMEIRA VEZ
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194
O GRANDE COMBATE
(n. acon. 13 anos)
14.45, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
A NOITE FEZ-SE PARA AMAR
(int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
BULLIT
(int. men. 13 anos)
24.00 h

Cinemateca
MARA CUMPTE CIEN ÃNOS/1979
21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
RAÇA VIOLENTA
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
O SOL DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
AMERICAN GIGOLO
(não acons. 18 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
REMO-DESAPARECIDO E PERIGOSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Eden
— T. 320768
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
13.45, 16.30, 19 e 21.45 h

Estudio
A GRANDE AVENTURA — SKY PIRATES
(maiores 12 anos)
13.45, 16.30, 19 e 21.45 h

Estudio ACS
— T. 887255
O MISTÉRIO DE GORKY PARK
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
ROCKY IV
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 6 anos)
16, 19 e 21.30 h

Forum Picoas
— T. 541037
OS INVASORES EXTRA-TERRESTRES
(não acons. 13 anos) 21.30 h

Gemini
— T. 734009
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
13.45, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
A JÓIA DO NILO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Sala 2
REMO-DESARMADO E PERIGOSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134
COM ASAS NOS PÉS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
REMO-DESAPARECIDO E PERIGOSO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362
AGNES DE DEUS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
A REVOLTA DO HERÓI
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
AS FANÁTICAS DO SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933
JOÃO BRONCAS, O ETERNO REPETENTE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
CHAMAVAM-LHE O BULLDOZER
(maiores 13 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
UM ADEUS PORTUGUÊS
(maiores 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
CÉLEBRES E RICOS
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
O ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
OS SELVGES DA NOITE
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 3
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 4
RUMBLE FISTO — JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30

N'Gola
— T. 573407
O HOMEM DE MAIORCA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Restelo
T. 610375
AS NOITES DE CHINA BLUE
(maiores 18 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192
PELA NOITE DENTRO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
O SILÊNCIO DAS MULHERES VIOLADAS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2
PELA NOITE DENTRO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715
O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
13.45, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
A COMPANHIA DOS LOBOS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
O CAMINHO DA VERDADE
(n. acons. a m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «Um domingo diferente», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «O encontro», às 15.30 e 21.15 h (maiores 16 anos)
AMADORA — Babilónia — «Espiões como nós», às 15.15, 16.30, 21.30 e 23.45 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestudio Flores — «Silverado», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos). «A bomba H desaparecida», às 24.00 h (n. acon. 18 anos)
CINETEATRO CHABY — MEM MARTINS — Descanso
ESTÚDIO DOIS EME — «Rambo — A vingança do herói», as 21.30 h (maiores 18 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «As minas de Salomao», às 17.00 e 21.15 h (para todos)
ALGES — CINEMA 2000 — «Cotton Club», as 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)
OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «A joia do Nilo», as 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «Caça-polícias», as 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CASCAIS - MIRAMAR/ SALA 1 — «A jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «Carmen», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
CARCAVELOS - ATLÂNTIDA CINE — «A Chorus line», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
OXFORD — «A Floresta Esmeralda», as 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Queres ou não queres», às 15.30 e 21.30 h (n. acons. 13 anos)
ALMADA — Incrível — «Vingança Selvagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
CINE ESTÚDIO ALMADA — «Vingança jurada», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maioes 12 anos)
CAPARICA — OCEANO - Sala 1 - «Indiana Jones e o tempo perdido», às 15.45 e 21.30 h (não acons. men. 12 anos).
Sala 2 - «Custou, mas valeu», às 16.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU - LORD - «Prisioneiros do Universo Perdido», às 16.00 e 21.45 h (maiores 6 anos)
BARREIRO - CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE - «Passagem para a Índia», às 21.15 h (maiores 12 anos)
FORTE DA CASA - FOCA CINE - «As Invencíveis Amazonas», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
LINDA-A-VELHA - CINE-TROPICAL «O sol da meia-noite», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MOSCAVIDE - STOP - «Estudante sexy (porno)», às 15.30 e 21.30 h (int. 18 anos)
ODIVELAS - CINE-ODIVEL — «Os salteadores da selva perdida», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AJUT . Lídia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**, Av. da Igreja, 2 C (T. 897958); **AVENIDAS OVAS: Valle**, Av. Marque Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA - IGREJA: Marques**, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMÕES: Andrade**, R. do Alecrim, 125-127 (T. 322328); **CAMPO DE SANTANA: Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (T. 553308). **CAMPOLIDE: Pátria**, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **LAPA: Rodrigues & Aires**, R da Lapa, 52-54 (T. 662246); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332). **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araujo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha**, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B; **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — AREEIRO -APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **BAIRRO DO MONTE PEDRAL: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **ESTEFÂNIA: Mundial**, L. D. Estefânia, 10 (T. 545578); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **MARTIM MONIZ: Ferrão**, R. da Mouraria, 12-16 (T. 860464); **OLIVAIS NORTE: Central Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PARQUE EDUARDO VII: Gomes**, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, Poente (T. 990122); **BURACA -AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2042126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Fátima**, E. Nacional, 244-B (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Higiene**, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Permanente; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGES: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 210116). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616)I Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Corrcia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Ate às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-B (T. 970523). Permanente; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

PORTO — TURNO
Reforço: das 9 às 12 e das 14 às 22h

VITÁLIA — Praça da Liberdade, 34; CONNFIANÇA — Rua Santa Catarina, 960; **NAU VITÓRIA** — Rua de Nau Vitória, 723 (ao Semide); **MENEZES DE LIMA** — Praça Dr. Teotónio Pereira, 227; **COSTA LIMA** — Avenida da Boavista, 855.

TEATROS

Casa da Comédia

R. Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

De 5.ª a sábado às 21.45
Domingos às 16.00

«**QUASE POR ACASO UMA MULHER**», de Dario Fo. Encenação de Castro Guedes. Interpretado por António Cruz, Elisa de Guisett, Fernanda Alves, Júlia Correia, Juvenal Garcês e Rogério de Sousa.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro da Cornucópia

Ciclo Strindberg, «**A ILHA DOS MORTOS**» e «**A SONATA DOE ESPECTROS**».

Setubal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal Alvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«**JOGO DE LOUCOS**», de Michel Viala. Encenação: Domingos Semedo. **TAS**.

O 1.º Acto Clube de Teatro

Palácio dos Anjos, Algés

Às sextas e sábados, às 21.30

«**O NOIVADO NO DAFUNDO**», de Almeida Garrett, numa versão de Armando Caedos.

«**O ILUSTRE CONFERENCISTA**», de Roque e Lyra, com cenários e figurinos de Gila. Música de Carlos Alberto Moniz. Cenografia de Ruben Matos e encenação de Armando Caedos.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«**BEM-VINDO SR. SLOANE**», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Sábados e domingos às 16.00

«**AS VIAGENS DO FERRO-VELHO**», de Alvaro Faria. Grupo Pequeno Teatro.

Instituto Franco-português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«**UNE PUCELLE POR UN GORILLE**», de Fernando Arrabal, pelos alunos do Liceu Francês.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 372246

Sala Experimental

de 3.ª a sáb. às 21.45., sáb. e doms. às 16.30

«**Auto da Barca do Inferno**» de Gil Vicente pela Ass. Cultural Marionetas de Lisboa. Direcção de Carlos Cabral. Manipulação e vozes de Ana Costa, Carlos Varela, David Lopes, Fernanda Teixeira, José Neto e José Ramalho.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Às 21.30

«**VOLPONE**», de Ben Jonson pelo Grupo Novo. Encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre de Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular — Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CESÁRIO QUÊ?**». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

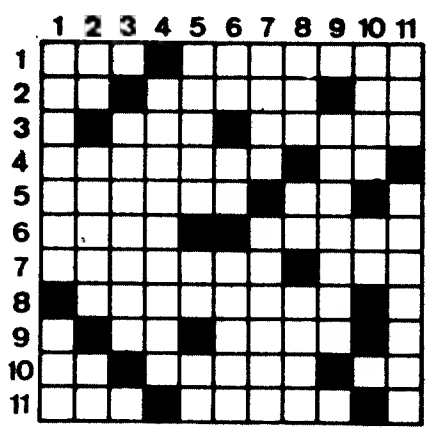
P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos às 17.00

«**CALÍGULA**», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 713



HORIZONTAIS:

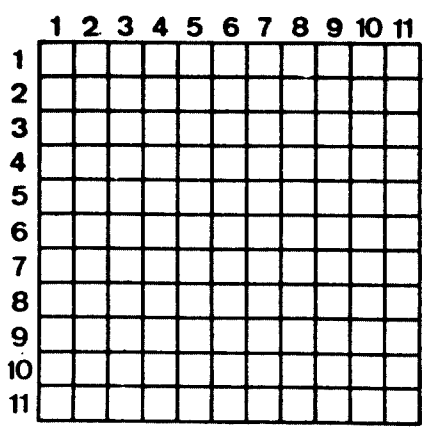
1 Espaço de doze meses. Acarretem.
2 Neon (s.q). Cidade de Portugal. Nota musical.
3 Tomba. Flor também chamada rainha-margarida.
4 Sublimes (fig). Ósmio (s.q).
5 Nevoento. Antes de Cristo.
6 Rezem. Termino.
7 Desbastais. Pesar.
8 Cáustico (fig).
9 Senhor. Flancos.
10 Nota musical. Vagas. Pertences.
11 365 dias. Gorgulhos tropicais.

VERTICAIS:

1 Príncipe troiano que abordou à Itália e fundou Pádua. Artigo indefinido.
2 Neon (s.q). Possuirás. Prefixo de negação.
3 Nutriras.
4 Instrumento para medir a pressão atmosférica.
5 Constelação zodiacal também chamada Carneiro. Nesse lugar. Sódio (s.q).
6 Aqui. O sono das crianças. Indignado.
7 Nome de letra (pl). Albergar por esmola.
8 Chefe etíope. Antes de Cristo. Sucesso.
9 Embriagados.
10 Pronome pessoal. Boro (s.q).
11 Oceano. Perfeito.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 550



HORIZONTAIS:

1 Rei lendário de Creta, um dos heróis da guerra de Tróia. Entre os Caldeus o 5.º mês.
2 Cidade da Índia. Érbio (s.q). Nome de mulher.
3 Naquele lugar (inv). Adiantar.
4 Nome de Buda, na China (inv). Efeminou.
5 Um dos doze apóstolos, filho de Alfeu. Átomo.
6 Apoio. Região do Oriente aonde Salomão mandava buscar oiro.
7 Sufixo que designa abundância. Primeira parte do nome de uma cidade do Brasil.
8 Caixa dentro da qual as abelhas fabricam cera e mel (pl.).
9 Nome de mulher. Inundar.
10 Cidade da Roménia. Um dos Estados dos EUA.
11 Ex-imperatriz do Irão. Cidade da Grécia.

VERTICAIS:

1 Romance de Dostoievski. Amanhã (ant).
2 Constelação do Hemisfério Boreal. Metal precioso de cor amarela.
3 Olé. Ancorar.
4 Nota musical. Aborrecida.
5 Rezai.
6 Rio da URSS. Cidade da Galileia.
7 Freguesia do concelho da Covilhã. Instrumento para soprar.
8 Sigla da Organização do Tratado do Atlântico Norte. Rio da Aquitânia.
9 Associação Cristã de Moços (sigla). Frâncio (s.q). Galicismo.
10 Homem de baixa estatura. Segundo. Acrescentei.
11 Nome com que os negros feiticistas da Baía, designam S. Jerónimo. Rataras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 712**

HORIZONTAIS:

1 A. CÃO. FRACO.
2 Fresco. Aira.
3 Aal. Bombas.
4 Operário. Si.
5 Asura. SM.
6 Tão. Amo
7 Crer. Pastos.
8 Ou. Avós. Rs.
9 Dão. Croca.
10 Entrada. Nau.
11 Moa. Siobas.

VERTICAIS:

1 Afão. ACODEM.
2 Rapa. Ruano.
3 Celeste. Ota.
4 AS. Ruara.
5 Oc. Aro. Vias.
6 Obra. Pó. DI.
7 Oi! Vascão.
8 Ramos.
9 Biá. Matrona.
10 Crás. MOSCAS.
11 Oásicos. Au.

PROVÉRBIO: A cão fraco acodem as moscas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 549**

HORIZONTAIS:

1 Jackson. Par.
2 Âmio. Uivos.
3 Bom. Crás. Sa.
4 Eros. El. Tui.
5 Sa. Ion. Coma.
6 Samatra.
7 Lusa. Bara.
8 Amali. Canal.
9 Figas. Alisa.
10 Ar. Al.
11 Assassinara.

VERTICAIS:

1 Jabés. Jafna.
2 Amoras. Mi.
3 Cimo. Alagas.
4 Ko. Simulara.
5 Oásis.
6 Ourenta. As.
7 Nial. Cali.
8 VS. Cabal.
9 Pó. Tô. Anima.
10 Assumiras.
11 Aia. Alaga.

Radio

ANTENA UM

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15:** Musicomania; **19.00:** Informação e música; **20.00:** Música portuguesa; **20.15:** No estúdio e no estádio (informação desportiva — 2.ª edição); **20.30:** A viver também se aprende; **21.00:** Movimento; **21.30:** Imaginário; **23.30:** Último jornal. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

16.00: Música do século XX — A sagração da Primavera, bailado de Strawinsky; **16,35:** Trechos de óperas — Madamina, il catalogo, ária da ópera «D. João», de Mozart, — Prelúdio e morte de amor, da ópera «Tristão e Isolda», de Wagner; **17.00:** Integrais — Sinfonias de Haydn; **17.23:** A sonata em lá maior, para violino e piano, de Cesar Franck; **18.00:** Quinteto em dó menor op. 51 n.º 1, de Brahms; **18.40:** Música vocal — Missa n.º 18, de Josquim des Prés — Dois hinos, de Haendel — «Exultate Jubilate», de Mozart.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00:** A feira mágica; **19.15:** Som de retorno; **20.00:** Conta-corrente; **21.00:** Discos pedidos; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de desporto; **23.00:** Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RCM-FM (91,6 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00:** O som da frente; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Nova geração; **21.00:** Jazzofone; **22.00:** As mil e uma noites. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Quiosque; **19.30:** Quando o telefone toca; **20.00:** Conversas de amigos; **21.00:** Encontro; **22.00:** Diário desporto; **22.30:** Clube dos coleccionadores; **23.30:** A vez e a voz; **23.55:** Meditando.

Onda Média Regional

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.30:** Sete colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **23.30:** Diário desportivo; **23.57:** Meditando. Noticiários de hora a hora.

Frequência Modulada

13.10: Os cem mais; **19.30:** Transmissão do Terço; **20.00:** Serra de estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico; **23.55:** Boa noite. Noticiários de hora hora.

TELEVISÃO

RTP/1

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

A FLORESTA PORTUGUESA

«A Floresta e o Lazer»

Neste filme procurar-se-á, em primeiro lugar, ilustrar o aproveitamento popular da floresta em situação tradicionais de folgar e lazer. Inúmeras, ricas e lamentavelmente ma, conhecidas situações: festas aldeãs, aspectos e métodos populares muito curiosos da caça e da pesca, e jogos como a subida ao pau encerado, o jogo do pau, o despique de serradura.

Em contraponto será evidenciado o conceito degradado, típico do citadino português, de usufruir da floresta: o piquenique dominical inserido num plano característico de fuga à cidade. Há que referir aqui as sardinhas nos pinhais, regadas com vinho, promíscuas e nacionais.

ERA UMA VEZ

18.45 — País, País

19.15 — Desporto/Debate

19.55 — O Livro Grande de Petete

«A Hora Mundial»

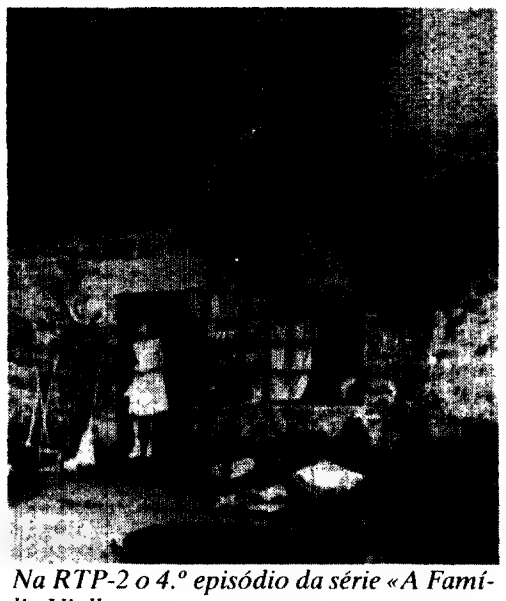
20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(33.º episódio):

Osmar aceita a proposta de Eloá e os dois decidem ir para Belém. Alfredo briga com Bia por ela ter participado da manifestação contra o encerramento da fábrica onde Rafael trabalhava. Bia, na casa de Rafael, percebe que ele ensina Português muito bem e tem a ideia de falar com Teresa para que ela o contrate como professor de Heloísa. Rafael gosta da ideia. Ronaldo chega de viagem e pede desculpas à mãe por ter tido uma reacção tão negativa contra ela, antes de embarcar. Rogério fica nervoso com o pedido de demissão de Eloá, e diz a Olavo para deixar o cargo à espera, certo de que Eloá vai arrepender-se. Sónia tenta convencer Eloá a não ir. Osmar ouve a conversa das duas e chama Eloá para conversarem.



Na RTP-2 o 4.º episódio da série «A Família Vialhe»

«As Aventuras de Sherlock Holmes»: hoje o 10.º episódio

21.25 — Europa

«Uma Ilha na Europa»

Este programa trata os seguintes assuntos: A situação britânica durante a guerra.

Política multisecular inglesa de dividir o continente para dominar na cena internacional. A criação da EFTA (1959). A Europa Ocidental dividida entre os «Seis» e os «Sete».

Breve referência sobre: importância da EFTA para Portugal. Integração no quadro da CEE começa a enfrentar dificuldades institucionais. O compromisso de Luxemburgo (1966), ainda vigente e hoje em causa.

Importância actual da questão, sobretudo após o alargamento a Portugal e Espanha.

21.50 — México/86

(7.º programa)

22.20 — As Aventuras de Sherlock Holmes

(10.º episódio)

Um jovem advogado entra, muito perturbado, em casa de Sherlock Holmes, convencido de que vai ser acusado de ter morto um construtor reformado de quem é herdeiro. Na noite do assassínio, estivera em casa do construtor onde deixara as suas impressões digitais manchadas de sangue.

Sherlock Holmes vai provar que o jovem advogado está inocente porque não existiu nenhum assassínio!

Intérpretes: Jeremy Brett, David Burke.

23.15 — 24 Horas

23.45 — Remate

RTP 2

19.30 — Notícias

19.37 — Desenhos Animados

«O Recruta Bailey»

20.00 — Conheça Melhor

«Columbofilia na Bélgica»

20.30 — A Família Vialhe

(4.º episódio)

1930. Os tempos mudam em Saint-Libéral: surge um outro comboio, é instalada a electricidade e aparecem novas e mais modernas máquinas agrícolas.

Léon Dupench, agora presidente da câmara, faz um bom casamento. Para os agricultores os tempos são cada vez mais difíceis.

Intérpretes: Maurice Barrier, Bruno Devoldere, Jean-Jacques Moreau.

Realização de Philippe Monnier

21.25 — Notícias

21.30 — Encontros com Jennifer Smith

Encontros com Jenniffer Smith, Miguel Esteves Cardoso entrevista Jenniffer Smith, cantora, que interpretará «Vida e Amor de uma Mulher» de Schumann acompanhada pela pianista Gary Peacock

Realizador: Teresa Olga

22.10 — Condução defensiva

Documentário

22.30 — Últimas Notícias

AMANHÃ

RTP 1

09.50 — Telejornal Especial
11.30 — Assembleia da República
18.00 — Sumário
18.10 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Curso de Inglês
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.40 — Corpo a Corpo
21.25 — O Ano dos Franceses
22.25 — Sarilhos com elas
22.55 — 24 Horas
23.20 — Remate

RTP 2

19.30 — Notícias
19.37 — Desenhos Animados
20.00 — Os Açorianos
20.25 — Adágio
20.50 — Viagem pelo Tempo
21.15 — Notícias
21.25 — Directo/2
22.30 — Últimas Notícias

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC

A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

T. 88 27 86 - 89 98 26

Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

MELO INFORMÁTICA

MICROCOMPUTADORES AMSTRAD — ATARI TIMEX — SINCLAIR — Q.L.

JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.

Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º

Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C

Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/85)

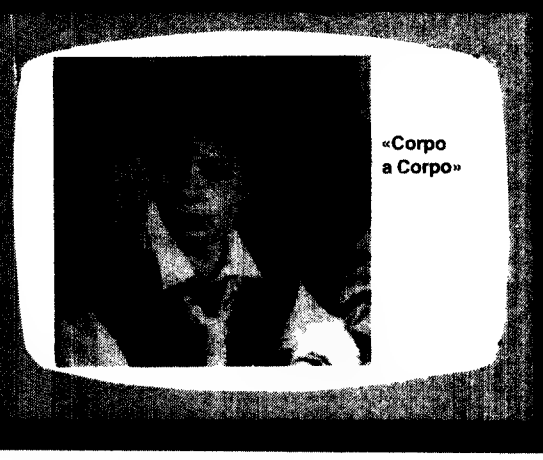
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA

Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1 — 21.45 — México / 86

RTP 2 — 21.35 — Da... Música



GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça 17

Cruz Quebrada-1495 LISBOA

Telef.: 4197570

DL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
02.41	**4,20 m**	08.28	**0,60 m**
15.04	**4,20 m**	20.46	**0,60 m**
Dia 25			
03.24	**4,20 m**	09.08	**0,60 m**
15.46	**4,20 m**	21.28	**0,60 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	3º
VIANA DO CASTELO	6º
VILA REAL	4º
PORTO	6º
COIMBRA	7º
CABO CARVOEIRO	10º
CASTELO BRANCO	4º
PORTALEGRE	6º
LISBOA	9º
EVORA	7º
BEJA	8º
FARO	11º
SAGRES	13º
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	14º

Nova "urgência" hospitalar

Continuação da pag 1

A área total do novo hospital, a funcionar a partir já do próximo Verão, é de dezanove mil metros quadrados. Ainda em fase de adaptação, o novo estabelecimento hospitalar terá oito pisos. Estão acautelados os acessos: de acordo com a mesma fonte do Ministério da Saúde, são «excelentes, práticos e rápidos».

O Hospital do Restelo, como já é chamado apesar de só dentro de meio ano abrir as suas portas para aliviar as «urgências» do S. José e do Santa Maria, terá inicialmente 250 camas. No entanto, o projecto avança com a instalação de mais 166 numa outra fase, repartidas (as 416 camas) por 57 enfermarias.

O novo atendimento permanente estará preparado para acorrer a todo o tipo de necessidades e emergências, incluindo entre o seu equipamento e aparelhagem um TAC (para tomografia axial computorizada), visando «descongestionar» os hospitais de S. José e Santa Maria, que em média acolhem 1200 urgências por dia. Ora, o Restelo estará apetrechado para atender numa primeira fase 400 pessoas.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO – 60 880 – 60 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 39 718 – 10 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 51 947 – 3 000 CONTOS

O 3.º prémio foi vendidos aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a proxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

APROXIMAÇOES AO 1º PRÉMIO

60 879 - 85.500$00
60.881 - 85.500$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

4.513; 6.808; 8.621; 10 555, 22.435; 23.568, 24.823; 25.248; 25 660; 28 369; 28 864; 29 324; 29 836; 30 505, 32 696; 33 154; 34 433; 35.052, 36 333; 50 491, 50 915; 52 4'3; 52 602, 52 789, 32 995; 53.281; 53 649; 55 708; 59 488; 63 049, 64 731; 65 347; 65 968; 66.624, 67.731, 69.367, 72.878; 74 693; 76 520 e 79.327

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

20.000$00 - 718; 880 e 947
10.000$00 - 099; 112; 315; 427; 439; 757; 834 e 995
5.000$00 - 0 (terminação do 1º prémio)
4.000$00 - 1 a 9 (terminação das aproximações do 1º prémio)

PRÉMIOS DE 6.000$00 (CENTENAS)

39 701 a 39 800; 5. 901 a 52.000; 60.801 a 62 900

Nota: O direito aos prémios prescreve em 24/ 10/86

ESTA INFORMAÇAO NAO CONTEMPLA A ACUMULAÇAO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

A **CASA VIOLA** paga todo e qualquer prémio da Lotaria Nacional mesmo que tenha sido comprado a outras casas.
CASA VIOLA a sorte que toca

CASA VIOLA

LISBOA • BRAGA • COIMBRA • VISEU

/D/E/C/A/R/A/S/

KARL MARX: uma primeira edição do «Manifesto do Partido Comunista», obra de Marx e Friedrich Engels, deverá atingir entre 19 500 e 27 mil dólares num leilão a realizar no próximo mês de Maio em Londres. A casa de leilões Sotheby anunciou ontem na capital britânica que o livro, editado em 1848, e ao qual falta a primeira página, irá a leilão no próximo dia 28 de Maio. Aquela conhecida casa de leilões não adiantou, no entanto, a proveniência do livro.

JORGE LUÍS BORGES e Umberto Eco são dois dos escritores que colaboraram numa obra sobre a cultura latina, lançada recentemente em Paris. «Civilização latina; dos tempos antigos ao mundo Moderno», é o título do livro de 375 páginas, editado por Olivier Orban sob a direcção de Gilles Hertzog.

NORBERTO LOPES vai receber hoje o prémio da Imprensa «Artur Portela», instituído pela Casa da Imprensa, e que se destina a distinguir um nome vivo do jornalismo português que, ao longo dos anos, se tenha destacado pelas suas qualidades humanas e profissionais. A entrega do prémio ao antigo director do «DL» coincide com o 81.º aniversário da Casa da Imprensa que será também assinalado com um colóquio subordinado ao tema «A segurança social e os média».

IAN SMITH, ex-primeiro-ministro rodesiano, foi admoestado pelo Parlamento e aconselhado a pedir desculpas pelos comentários depreciativos que fez, no ano passado, sobre a maioria negra do Zimbabwe. O presidente do Parlamento ordenou ao líder da minoria branca que, dentro de uma semana, faça uma nota por escrito comprometendo-se a não fazer mais apreciações depreciativas contra o seu povo. Smith tinha afirmado que os cidadãos negros eram analfabetos, incivilizados, não compreendíam a democracia e que não deveria ter sido adoptado no país o sistema de um homem um voto...

AZEVEDO SOARES, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, defendeu que os 21 países membros do Conselho da Europa adoptem um documento comum sobre a luta contra o terrorismo. «Os 21 países membros da Europa Democrática têm o dever de se preocuparem com esta matéria e tomarem as medidas necessárias para combaterem o terrorismo», disse aquele membro do Governo à agência Anop.

A DUQUESA DE WINDSOR, Wallis Simpson, morreu esta manhã em sua casa perto de Paris, segundo anúncio formal feito no Palácio de Buckingham, em Londres. A duquesa, de 89 anos, era viúva do rei Eduardo VIII, que abdicou do trono em 1936. A morte da duquesa não constituiu surpresa, pois há oito anos não saía de casa devido a problemas de saúde.

Queimados poderão ter alta já na próxima semana

As quatro vítimas da explosão provocada pela caldeira dos balneários da Escola Preparatória de Camarate poderão ter alta, caso continuem a reagir como até agora, já na próxima semana. Uma fonte hospitalar de S. José, em cujo «Serviço de Queimados» os quatro se encontram, admitiu esta manhã ao «DL» que «dentro de duas semanas já cá não deverão estar».

Manuel Faria, de 69 anos, contínuo, os alunos Nélson da Costa Chaves e Nuno Alexandre Carvalho, de 13 e 10 anos, respectivamente, e Rui Manuel Oliveira, professor de Educação Física, são as quatro vítimas que continuam internadas naquela unidade de S. José.

Como referimos na nossa edição de ontem, os funcionários Sara Bruno Teixeira e Domingos Custódio Rodrigues, ambos de 29 anos, regressaram a suas casas depois de assistidos em S. José.

A inspecção ao termoacumulador que aquece água dos balneários foi ontem levada a cabo por uma comissão de inquérito constituída por dois técnicos da Direcção-Geral do Equipamento Escolar, os comandantes dos BV de Loures e de Camarate e representantes da Triunvari e da Shell. Esta, responsável pelo fornecimento de gás aos balenários da Escola Preparatória de Camarate, aquela, porque lhe coube a tarefa de instalar o referido termo-acumulador.

Um responsável da Triunvari negou entretanto que o Ministério da Educação lhe tenha solicitado a inspecção da respectiva caldeira, mas, apenas, uma reparação à dita. A Shell, por seu lado, assegura que a canalização foi vistoriada há uma semana. O Governo anunciou a sua firme determinação de pedir responsabilidades à empresa que faz as vistorias.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

N.º 250

Queixas de Mário Ventura

É inaceitável que um júri dê um prémio como se este lhe queimasse os dedos...

'VIDA e Morte dos Santiagos', de Mário Ventura, foi um dos melhores romances escritos em Portugal em 85. É uma afirmação pacífica, não susceptível de controvérsia. Penso eu. E embora não seja um jornalista cultural (salvo seja!), atrevo-me até a dizer que, independentemente do ano em que foi escrito, 'Vida e Morte dos Santiagos' é um grande romance, daqueles que vale a pena ler — pelo que conta e pelo modo como conta. E por aqui me quedo quanto a comentários sobre o livro — o resto fica para os críticos.

De qualquer modo, 'Vida e Morte dos Santiagos' esteve a um passo de ganhar o Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa dos Escritores, prémio que será entregue no domingo durante uma cerimónia em Tróia, com a presença do Presidente da República. Além disso, o livro e o seu autor continuam na berra, envolvidos que estão na polémica criada pela atribuição do Prémio — e por isso (embora não apenas por isso) falamos com Mário Ventura, um escritor e jornalista que apareceu em público na década de sessenta, com o romance *A Noite da Vergonha*.

Começamos pela 'velha' questão da fronteira entre o jornalismo e a literatura. ***Ser jornalista ajuda a ser escritor? Ou mata o escritor? De qualquer modo ele há tantos jornalistas que nos últimos tempos tem vindo a publicar livros...***

«Em princípio, não existe uma séria incompatibilidade entre a literatura e o jornalismo, nos casos em que este é a profissão dominante» — começou Mário Ventura. «Em todo o caso, também não me parece que o escritor ganhe com o facto de ser jornalista, ou vice-versa. O que existe é boa ou má escrita, seja numa ou noutra profissão. Noutro tempo, tive a ilusão — e essa foi uma das razões da escolha da minha profissão — de que o jornalismo me poderia proporcionar vivências necessárias à escrita literária...»

«... Ilusão?»

«Sim, ilusão. Com os tempos foi-se desvanecendo, mas sinto apesar disso que, como escritor, devo alguma coisa ao jornalista».

«O quê, por exemplo?»

«Por exemplo, o facto de me ter proporcionado o conhecimento íntimo do Alentejo, que é a região sobre a qual mais escrevi até hoje. Foi como jornalista que aí fui pela primeira vez e lá voltei muitas vezes, adquirindo sobre a região e o seu povo uma experiência que influenciou uma parte da minha ficção e a maior parte das narrativas que publiquei».

«Vida e Morte dos Santiagos também, ao que suponho...»

«Também. A ideia do livro surgiu-me logo na minha primeira viagem ao Alentejo, há mais de vinte anos.»

«Como é que foi isso?»

«Olha, um dia, ao fim da tarde, cheguei a uma aldeia isolada na planície, distante das estradas por onde normalmente se circula. As pessoas rodearam-me, receberam-me nas suas casas sem me perguntarem quem eu era ou ao que ia, e contaram-me a história da sua vida: a aldeia estava localizada no centro de um latifúndio, cujo proprietário se recusava a dar trabalho aos habitantes, e não permitia sequer a apanha de bolota ou o pastoreio de uma simples ovelha na sua terra. Para sobreviver deslocavam-se, diariamente, muitos quilómetros, que percorriam a pé, a fim de trabalhar em herdades distantes. Com filosófica tranquilidade, apelidavam a sua terra de 'aldeia prisioneira'. Foi então que tive a ideia de escrever uma história que explicasse o porquê de uma tal situação. Mas foram necessários vinte anos para me sentir possuidor de todo o conhecimento que permitiria escrever este livro com inteira verdade».

O único que investe...

'Voltando à questão do jornalismo e da literatura. Como é possível ser jornalista, obrigado a um trabalho de escrita diária, e ter ainda fôlego e 'paciência' para escrever romances?'

«Penso que se deve a uma espécie de teimosia obsessiva, que rouba a tranquilidade e obriga a todos os esforços para transmitir ao papel coisas que talvez não sejam importantes, que poucos lerão, mas que não se podem calar. Então, para que isso seja possível, sacrificam-se as horas vagas, os fins-de-semana, as férias, no meio da indiferença que caracteriza a atitude de quase toda a nossa sociedade perante o fenómeno cultural».

«Isso é uma deixa para a tão badalada (ainda que sem resultado) questão da falta de apoio ao escritor e ao livro?»

«A verdade é que esse apoio não existe e parece que ninguém se preocupa com isso. Embora toda a gente fale no fenómeno... Ou seja: todos lamentam o pobre escritor, mas confia-se no seu segundo (quase sempre primeiro) emprego para financiar o acto da escrita. De todos os agentes que intervêm na produção do livro, o escritor é o único que investe no escuro — e sem a certeza sequer de publicar — apenas porque sente a necessidade de escrever, e que só recebe, tarde e a más horas, uma paga que quase sempre constitui uma indignidade relativamente ao esforço despendido».

«Se bem entendo é uma crítica, forte, aos editores deste país...»

«Não só, não só... Repara: todos contam com esse trabalho, que alimenta uma parte da actividade de editores, tipografias e distribuidoras — e os próprios políticos, que recorrem às citações para fazer discursos 'cultos' —, mas ninguém se preocupa em remunerá-los condignamente. E se os escritores deixarem de escrever também ninguém perde o sono por causa disso. Os livros vendem-se cada vez menos, mas os responsáveis — porque os há, embora não se sintam como tal — não se preocupam absolutamente nada com o factor de empobrecimento que o fenómeno introduz na nossa cultura».

Estórias

«Voltando ao Prémio da APE que não te foi atribuído apesar de muito se ter falado nessa hipótese. Afectou-te a decisão do júri?»

«Não recebi o prémio como não o receberam cerca de 40 autores que publicaram obra original em 1985. Não me afecta, nem ponho o resultado em causa...»

«É simpático dizeres isso...»

«Pois. Um júri é constituído por pessoas, que julgam consoante os seus preconceitos, a sua formação, as suas influências. Se um júri é constituído, por exemplo, por pessoas que detestam a estória como objectivo primeiro de uma narrativa — e isto não é assim tão inverosímil como possa parecer — é evidente que as estórias estão à partida excluídas. É uma limitação inerente à própria natureza da instituição júri...»

«Continuas a ser simpático...»

«... Agora o que é inaceitável é que um júri não assuma plenamente os seus juízos — e os seus desacordos — acabando por dar um prémio como se este lhe queimasse as mãos. Penso que os escritores não merecem esta situação».

«Referes-te, suponho, ao Grande Prémio da APE deste ano.»

«Não é preciso ser bruxo...»

«E verdade, sim senhor. Já agora só mais uma pergunta: leste o livro premiado, o 'Auto dos Danados', do Lobo Antunes?»

«Não, não li.»

«Porquê? Não tens pelo menos curiosidade?»

«O Lobo Antunes embora seja uma pessoa muito estimável, como escritor não me interessa».

«Isso até parece uma resposta directa ao que o Lobo Antunes disse do teu e dos outros livros que discutiram o Prémio...»

«Pode parecer, mas não é. Penso que todos têm direito às suas opiniões e não vejo porque motivo devemos ocultá-las. E como a pergunta me foi colocada, respondi. Só isso».

Ribeiro Cardoso

Genet

■ *Entrevista inédita*

Fevereiro de 1982: uma jornalista da sua confiança consegue de Jean Genet uma segunda entrevista — dele que falava pouco, e ainda menos com jornalistas, essas «virgens de cacifo». Ele explica porque escreveu na bela língua daqueles que considerava os seus «torcionários», sem a modificar, e preferindo-lhe o calão, que, no entanto estaria mais de acordo com o seu vivido de «ladrão» e de presidiário. Além disso, Genet explica também porque preferia que os brancos perdessem as guerras em que se vão envolvendo. No entanto — diz — ele nunca foi um desses escritores que quis «mudar um mundo»: a sua pátria seriam, no máximo, três ou quatro pessoas. Ele não se bateria «nem pelos Panteras Negras». **Págs. 6 e 7**

Beckett

■ *Falsa partida aos 80 anos*

Pág. 5

Lemos para si

■ *Rusty Brown, Patrícia Highsmith, Scerbanenco*

Págs. 2 e 3

Lemos para si

Estante infantil

TÍTULO — O mistério do quarto bem fechado
AUTOR — Leonel Neves
ILUSTRADOR — TOSSAN
EDITOR — Livros Horizonte

São quatro amigos, o comandante Inácio Galinha, reformado da Marinha Mercante; Gilberto Macarrão, professor de Física; Horácio Patavina, inspector da Polícia Judiciária; e João Careca, «famoso detective particular». Que têm estes homens em comum? «Geralmente — conta Leonel Neves — a amizade tem menos a ver com a idade, a profissão, a cor ou a raça, do que com os ideais, as esperanças, os gostos e até as manias...»

Aqueles quatro amigos tinham em comum o gosto pelo jogo do bilhar e para jogá-lo se reuniam todas as noites...

Estamos, pois, dentro de uma história com gente, história de gente, com imaginação de gente. Em resumo: o crítico sente-se com a sua gente...

E a sua gente também pode ser um papagaio e um cão. Está tudo em família quando um problema comum os envolve. Como é o caso.

Leonel Neves apresenta à curiosidade dos leitores um problema policial. Sem mortos, é claro, sem situações mórbidas ou preconceituosas que tantas vezes nos policiais «a sério» deformam o espírito crítico.

E não faz cachinha: põe logo tudo às claras, isto é um jogo, a gente vai-se entretar um bocado, vamos lá ver quem adivinha...

As lindíssimas estatuetas orientais. Um quarto **completamente** fechado. E cá em baixo o Kaiser, que não não era para brincadeiras...

Fiquemo-nos por aqui, pois, em histórias policiais mesmo a brincar, manda a boa ética do leitor não desvendar a mínima pista.

Chega-se ao fim, como direi? Com a sensação de que **aquilo** podia ser diferente. Sabe a pouco, como diria Sérgio Godinho. Parece que nada mais fizemos do que ler um guião, um projecto de romance. Há em Leonel Neves uma passada de corredor de fundo. Tem uma respiração larga que gostaríamos de ver amplamente utilizada. Estas trinta páginas poderiam ser 150, tantos são os pormenores humanos, as notações sociais, as situações pitorescscas que ganhariam com o desenvolvimento. Não se trata de «fazer render o peixe», trata-se de bem aproveitar a excelente qualidade do peixe.

O volume apresenta-se altamente valorizado com as ilustrações de Tossan, com aquele seu traço cheio de movimento, de ironia e de poesia de que as histórias infantis já tinham saudade.

Mário Castrim

Rusty Brown e Patricia Highsmith

Ulmeiro
Europa América
Gradiva

Um detective particular (in «Crime à Pressão» de Rusty Brown) encontra-se num «bar da rua 35 esquina com a Broadway a afogar as figadais amarguras numa mistura de vodka, absinto e gelo moído a que davam o nome de «Descida para o Vácuo» quando «uma miragem em celulóide» entra no recinto para, ao exaltar-lhe o coração de pinga-amor, lhe atirar uma sensual vida que o envolverá numa série de crimes. Crimes dos quais é a mulher «de celulóide» a primeira vítima e isto enquanto o detective, na casa-de-banho do apartamento dela, se banhava numa água promissora de voluptuosa noite...

Marilyn Pudding é morta num «décimo segundo andar na 7.ª avenida com vista para uma loja sexy em frente e um reformatório de raparigas órfãs ao lado. «E com uma facada no peito.

Rusty Brown (o detective) começa a indagar a causa do crime sob o olhar desconfiado do inspector Jones. Este julga-o culpado...

Rusty Brouwn, por causa das suas pesquisas, acaba por ir contactar a agência «Uma Casa Ao Seu Dispor» porque é nela que se alugam os apartamentos do prédio da vítima Marilyn Pudding. Nesta, e só depois de ter dado «um beliscão no sedentário rabo» de Linn (a secretária de Morris) enquanto pensava que «acariciava o ficheiro dos clientes», consegue falar com Morris (o gerente) que, contrariado, o encaminha para Arthur Crane (o proprietário).

A Rusty Brown coloca-se o problema de como se introduzir na mansão de Arthur Crane. Mas, com o humor que o caracteriza, lá consegue invadir o escritório do milionário. Passo a citar: «— Mr. Crane não está e não sabem quem o senhor é! / — Isso espanta-me! Ainda estive cá a semana passada. Não sei se se lembra, Mr. Crane e eu vínhamos de jogar golfe... / — Mr. Crane não joga golfe! / — Ah! Eu também não. Aí é que é curioso. Mr. Crane mostrou interesse em aprender e como eu sou membro director do clube de golfe «Dá a tua Própria Tacada», levei-o a ver as nossas instalações. E ele disse-me que viesse hoje (...). / — Curioso! — comentou o guarda e eu ouvi os seus pensamentos como ferro a bater no casco de uma mula — Mr. Crane anda num carrinho de rodas. / — Vê o que faz a força de vontade! Mas está bem. Volto noutro dia.»

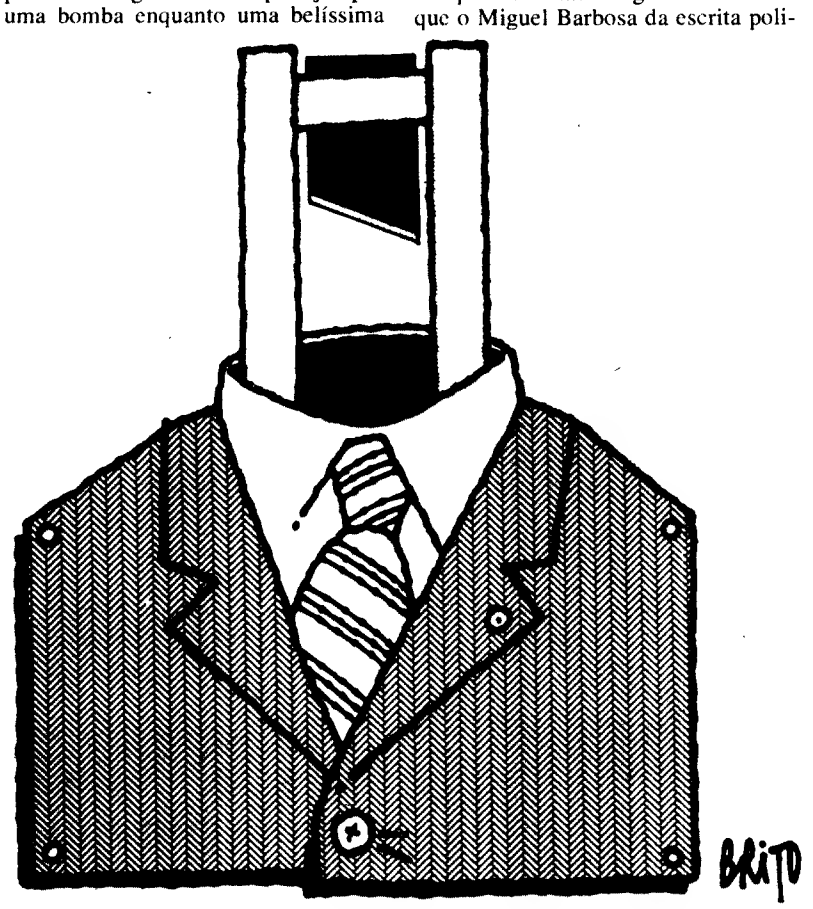
À sucapa Rusty Brown penetra o casarão depois de ter adormecido os cães com clorofórmio. E é recebido por um lobisomem que se lhe atira «ao pescoço». Salva-o o aparecimento de «uma rapariga ruiva de robe de seda transparente e nada mais por baixo» que afirma ao lobisomem: «— John! Quieto!»

O lobisomem é irmão da rapariga e filho psicopata de Arthur Crane... Rusty Brown sente-se fascinado pela mulher e por ela será acompanhado até ao final deste romance policial perpassado de um cáustico gargalhar que tem a sedução de tudo o que, ironicamente, descodifica o real. Como se a realidade da ficção policial não passasse de um baile de máscaras onde os personagens se liquefizessem no ridículo que lhes confere solidez. Existência.

Por isso a ironia atravessa a palavra jocosamente corrosiva de Miguel Barbosa, o criador deste «Crime à Pressão» (Ed. Ulmeiro) que me aprouve ler. Por isso, ainda deste autor, vou comentar «Um Crime Plagiado» (Ed. Ulmeiro).

Num escritório, o detective saúda a sua secretária Brigite. Secretária para todo o serviço, embora tenha um patrão mau-pagador. Com ela joga o detective os seus ritos eróticos ao ritmo daquele humor mordaz típico de Miguel Barbosa no policial de que falci...

Porque o insólito e o riso se fundem na escrita do autor, vejo-me a contemplar uma Brigite feita em pedaços por uma bomba enquanto uma belíssima



mulher entra no escritório do detective. A mulher (Ecstasy Rose) deslumbra o detective, que é contratado para demonstrar que foi ela a assassina de um tio morto (no final da estória saber-se-á que o tio se suicidou e que através do seu testamento continuou a gozar os familiares). Interessa-a o facto de a herança ter sido legada àquele que dentro do círculo de parentes o tivesse matado... E, a partir deste encontro, outros se sucederão, pois todos os familiares querem provar que foram os causadores da morte do velho ricaço. Encontros divertidíssimos e dos quais transcrevo o seguinte (tido com um sobrinho padre):» — Entre depressa — diziam abrindo a porta — A noite está fria como a alma de Jesebel.

«Hésito apesar da tentação, mas a cara parece-me familiar e tranquilizadora, bem como o colarinho e a sotaina de padre./ — Obrigado — Agradeço sentando-me a seu lado.

«Arranca como se fosse dar a extrema unção a um moribundo já com os pés na eternidade e chego a temer que eu também tenha de lhe pedir ali mesmo a última absolvição. / — O irmão anda a treinar para Indianápolis ou vai levantar voo para o Céu?/ — Ámen! / — Ámen! — Repito, julgando ter dado com um doido ou um S. Le Mans. / — O amen é pela redenção da sua alma pecadora! — afiançou — Penso que vou ter de lhe dar um tiro se persistir em roubar a Igreja.»

Miguel Barbosa realiza nestes dois policiais uma festa discursiva onde o «suspense» é maravilhosamente transformado em energia lúdica. Onde os seres humanos se movem bizarramente num jogo bélico destituído de qualquer veracidade. Quem se identificaria com este detective, eternamente apaixonado e deliciosamente pindérico, e com as situações claramente fantasistas que enfrenta? Ninguém! E é nisto que o Miguel Barbosa da escrita policial me atrai. Claro que o seu verbo pertence ao reino do finito. Daquilo que nos ocupa num instante, luminoso e sorridente, para se desfazer na seriedade do quotidiano. Refiro-me à quotidianeidade de um género policial que desafia o tempo ao apresentar-se-nos como um «puzzle» engenhosamente elaborado e de que é exemplo a literatura (exceptuo «A Casa Negra», da Distri-Editora, porque os seus contos são mais do que policiais) de Patricia Highsmith em «O Talentoso Mr. Ripley» (Ed. Europa América), em «Ripley Underground» (Ed. Gradiva) e em «O Rapaz Que Seguiu mr. Ripley».

Patricia Highsmith, com uma mestria própria de um grande romancista (ler «Ripley Underground») inventa um personagem (o Ripley) que tem a particularidade de respirar uma atmosfera envolvente pela caracterização psicológica que dele nos mostra. Ripley (ler «O Talentoso Mr. Ripley»), o jovem americano que tem jeito para as falsificações de assinaturas, vê-se, sem dinheiro, a dialogar com o pai de um jovem que pela Europa se passeia sem pensar nos estaleiros do pai. Ripley vai à Europa para levar o jovem à casa paterna... Porém, acaba por ter de o matar. E, a partir deste facto, começa a passar pelo jovem morto. Isto é: por Dickie. Acaba por ser descoberto, mas sai imune da situação e, ainda por cima, como o herdeiro de Dickie. Ripley (em «Ripley Underground») aparecer-nos-á como um homem casado e sobre quem paira o espectro do amigo que assassinara... Contudo, Ripley goza tranquilamente os rendimentos de Dickie, os lucros que obtém através dos quadros falsificados que os seus sócios vendem numa galeria de Londres e de umas transacções misteriosas com um contacto que tem na Alemanha. E, além disso, um homem de sensibilidade (gosta de pintar, ouvir música sinfónica, de coleccionar quadros, de tratar do jardim) e um marido dedicado à francesa rica e despreconceituada que desposou. Ora, porque um americano desconfia que os Derwatt vendidos na galeria são fasificações, encontra-se Ripley, mais uma vez, metido em actividades marginais que o levam a matar o americano...

Criminoso, Mr. Ripley é-o por acidente. E é divertido observar-lhe a beleza de alma quando (em «O Rapaz Que Seguiu Mr. Ripley») se liga a um rapaz pelo qual arrisca a vida e se vê metido em complicações na Alemanha.

Evidentemente que Patricia Highsmith é criadora de um género de ficção em que a psicologia do crime é minuciosamente dissecada. De tal modo o é que, ao lê-la, nos defrontamos com uma moral onde os princípios éticos não passam de fantasistas abstracções. Isto é: uma prática humana onde o SER se manifesta ditado pelo circundante. A ele se adaptando porque o instinto de vida domina o instinto de morte. Assim, não é por acaso que o Ripley matador de Dickie se nos apresenta mais puro do que a sua vítima...

Só nomeei os livros que referem as peripécias de Mr. Ripley por me parecerem aqueles que melhor ilustram o contraste que existe entre o detective e os criminosos de Miguel Barbosa e os criminosos e detectives de Patricia Highsmith. Porém, um livro há desta autora que magistralmente reúne as características do policial que se assume como tal. Refiro-me a esse arrepiante romance que é «Inocência Perversa» (Ed. Gradiva).

Há romances policiais que desafiam a corruptibilidade. A estes não pertencem os da autoria de Miguel Barbosa. Porém, e porque o instante prazenteiramente saboreado é raro, agradam-me estes policiais que se riem de si mesmos. Mais! Em meu entender, consegue Miguel Barbosa nos policiais aquela comunicabilidade que a sua escrita dramática e ensaística não possui. Por isso, os meus aplausos a estes dois livros (pese o facto de neles reconhecer a influência do Boris Vian do policial, a influência de Alphonse Allais e de Raymond Chandler) que me divertiu ler e reler...

Ana Paula Portugal

Ler História

PROPRIEDADE de Miriam Halpern Pereira, Maria Alexandra Lousada e Valentim Alexandre, com redacção no Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa do ISCTE, parcialmente subsidiada pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e pela Fundação Calouste Gulbenkian, a revista LER HISTÓRIA, cujo 7.º número acaba de ser publicado, conquistou um lugar de prestígio no conjunto de publicações do campo das ciências sociais e históricas. Revista de História aberta a outros saberes e diversos tipos de investigação, LER HISTÓRIA no presente fascículo apresenta o seguinte sumário: Valentim Alexandre, «Um Momento Crucial do Subdesenvolvimento Português: efeitos económicos da perda do império brasileiro»; João B. Serra, «Um modelo de análise política do sistema liberal republicano — Raul Proença na **Seara, 1421-1931**»; **Maurice Agulhon, «Direita e Esquerda em França: Luta de Classes ou Luta de Ideias?»; Vítor Matias Ferreira, «Modos e Caminhos da Urbanização de Lisboa: A Cidade e a Aglomeração de Lisboa, 1890-1940»; Maria de Fátima Bonifácio, «Uma Carta do Embaixador de França (1836), um documento revelado e apresentado; Carlos Coelho Maurício, «Quando a Historiografia interroga o seu passado — a História dos Annales»**; José Manuel Sobral e Mary Bouquet, «Património e Paternidade, Factos e Ideias num estudo sobre uma aldeia do Nordeste Transmontano»; Recensões e as secções: «Bibliotecas e Arquivos» e Actualidade Científica».

Lemos para si

Uma Vénus privada, ed. Gradiva, col. Não Incomode, e **O anjo da vingança,** ed. Caminho, col. Policial, Giorgio Scerbanenco (títulos originais: **Venese Privata** e **Traditori di Tutti,** Garzanti Editore).

TAMBÉM Baudelaire conhecia a vítima, o assassino e os lugares do crime como objectos pulsionais, e depois como objectos atmosferizados, literários... Mas, como sublinhou Walter Benjamin em 1938, se ele nunca escreveu narrativas policiais foi «porque a identificação com o detective lhe era impossível, segundo a sua estrutura pulsional; o cálculo, o elemento construtor, estava, nele, do lado da associabilidade».

É curioso que o posicionamento de um autor «do lado da associabilidade» leve Benjamin a considerar improvável que ele escreva «policiais» — e que a sua conjectura se mantenha, ainda hoje, apesar das metamorfoses do «género», tão actual. Como se a narrativa **com criminosos** e **com quem os caça** supusesse, para merecer a arrumação entre os «policiais», esse exercício ético prévio que consiste em identificar o **detective** com a Lei, por mais tortuosos que se mostrem os atalhos que levam a essa identificação.

Nem Genet nem Lautréamont poderiam, de facto, ter estado do lado do escritor «de policiais». Qualquer texto escrito **na postura do criminoso**, assumindo-se o narrador como agente do **mal,** deriva hereticamente para as margens do «género», como já acontece com os textos escritos na postura do **caçado:** tais são as experiências-limite de David Goodis **(Disparem sobre o pianista),** de Patrícia Highsmith com o seu persuasivo vilão que escapa a todas as perseguições (a série Ripley) ou de Ruth Rendell com a assunção do comportamento desviante **(A árvore das mãos).** Feitas as contas, porque é que **O homem que via passar os comboios,** de Simenon, ou **O destino bate à porta,** de James A. Cain, nunca «passaram» por policiais?

A identificação do detective com a Lei, mesmo criticando-a amargamente ou legitimando, até, um comportamento «ilegal» para, afinal, mais eficazmente a servir — eis o que o **policial** exige de quem o escreve. A Lei pode estar mal servida pelos seus braços institucionais, desde o primeiro dos juízes ao último dos polícias, mas apela a que o detective, em última instância, se lhe confine. Esse confinamento vai de Conan Doyle, Hammett, a... Chandler, a Ross Mac Donald. O que foi suprimido em todos eles, para que pudesse haver **policial,** foi o **satanismo** de Baudelaire e de Lautréamont, a legitimação do caçado como o Kees Popinga de Simenon ou o Frank Chambers de James Cain.

Giorgio Scerbanenco, lançado primeiro pela Caminho **(O anjo da vingança),** e agora pela Gradiva **(Uma Vénus privada)** é, por tudo isto e muito exactamente, um escritor de **policiais.**

O seu herói, — o dr. Duca Lamberti, está irradiado da Ordem dos Médicos e cumpriu três anos de prisão acusado de eutanásia, mas multiplica os **flirts** com a Polícia até entrar para ela. É o regresso, ao redil, da ovelha tresmalhada: condenado pela Lei, posto em situação de «médico maldito», ele insiste em representar essa Lei, quer representá-la tanto quanto o seu protector, o dr. Carrua, polícia como seu pai morto. Ele só aceitará trabalhos marginais — a himenoplastia em **O anjo da vingança,** a recuperação de um alcoólico «sem fazer ondas» em **Uma Vénus privada** — se a Polícia lhe der cobertura e o acompanhar. Quando escapa a essa cobertura, paga o desvio: a sua amiga Livia Ussaro ganha um rosto desfigurado por setenta e sete cortes feitos por um sádico.

O que há, talvez, de mais original em Scerbanenco é precisamente essa travessia de deserto por um médico maldito que procura a identificação com a Lei, apesar da expiação discutível a que Ela o obrigou. E identificação com o lado mais sórdido da Lei: com o polícia que ignora a Constituição, que não quer respeitar os direitos dos detidos, que bate primeiro e pergunta depois.

Aliás, ele ameaçará com a cadeia e com o risco de septicémia uma mulher que o procura para que ele a faça abortar, em **O anjo da vingança.** Será generalizada, esta vontade de «normalização», entre os autores italianos de policiais? E porquê?

Scerbanenco, cujos livros se devem ler por ordem inversa da sua publicação em Portugal (Gradiva primeiro, Caminho depois), está em pleno no policial também através de outro movimento — o culto da **crueldade associada ao cinismo,** predicados que, no seu óptimo prefácio a um livro de Kracauer, Rainer Rochlitz definiu como «catarses divertidas do homem de negócios moderno». São trabalhadamente cruéis a desfiguração de Livia Ussaro com um aparo em **Uma Vénus privada,** o assassínio de um talhante com uma máquina de cortar ossos e o de um oficial americano por um casal de agentes duplos, que lhe espetam no fígado agulhas de «tricot» aquecidas ao rubro, em **O Anjo da Vingança.** Histrionismo perverso: as armas do crime são, de preferência, como na melhor tradição de algumas narrativas **negras,** objectos da vida quotidiana:

«Não usemos mais facas — diz ele em **O Anjo da Vingança** — sabres, espadas, e então matemos com aquilo que encontramos à mão (...) quando estivermos num automóvel tomemos a chave de parafusos da caixa do «tablier» e quebremos o pescoço daquele que nos ultrapassou pela direita. Em casa, ao invés, no são ambiente doméstico, entre os últimos utensílios caseiros, escolhamos a tesoura...»

Finalmente, Scerbanenco é um autor **italiano** de policiais urbanos. Claro que a sua Milão de 1963-1966 **(O Anjo da Vingança** foi premiado em França em 1968, dois anos depois da sua publicação) não é a Milão da segunda metade dos anos 80. Mas a Milão de que ele fala é a **grande cidade,** lugar mítico de crime, lugar também da indispensável multidão solitária. Como, de novo, ele diz:

«Há pessoas que ainda não compreenderam que Milão é uma grande cidade (...), ainda não compreenderam a mudança de dimensões, essas pessoas continuam a falar de Milão como se acabasse na Porta Venezia, como se a gente não fizesse mais do que comer **panettoni** ou **pan meino.** Se alguém fala de Marselha, Chicago, Paris, essas sim, é que são metrópoles, cheias de delinquentes, Milão não. Aos imbecis não dá a sensação de grande, grande cidade, procuram ainda aquilo a que chamam a cor local, a balança de mão, até a perna de pau, o pitoresco».

Ademais, o médico maldito que prefere ser polícia ama a sua cidade, mais inocentemente, até, do que os detectives da série negra amam as deles: «Quando se tem uma janela aberta sobre a Praça Leonardo Da Vinci, com as árvores todas vestidas de um novo verde pela Primavera, tem-se tudo (...) Às onze da manhã, a Praça Leonardo Da Vinci é um plácido e periférico deserto atravessado até por carrinhos com inocentes bebés e por eléctricos inacreditavelmente quase vazios, e àquela hora, naquela estação, e naquele sereno e nublado dia de Abril, podia-se ainda amar Milão».

Scerbanenco escreveu um terceiro livro com o personagem Duca Lamberti: **I Ragazzi del Massacro,** que espera ainda editor português.

João Mendes

Revista de história económica e social

O fascículo n.º 16, referente ao segundo semestre de 1985, da «Revista de História Económica e Social», publica uma notícia breve sobre o falecimento do grande historiador Fernand Braudel e uma página sobre a morte de Maria Manuela Fazenda Martins, colaborador da revista e que neste número colaborou com o artigo: «Reler o 'Suícidio' de E. Durkheim», Joaquim Romero de Magalhães publica «Reflexões sobre a estrutura municipal portuguesa e a sociedade colonial brasileira»; Daniel A. Pereira escreve sobre «as Insolências do Capitão Domingos Rodrigues Viegas e do seu irmão Belchior Monteiro de Queiroz contra as autoridades da Ilha de Santiago (1653-1665)»; António Carreira trata de «Conflitos sociais em Cabo Verde»; J. Costa Leite ocupa-se da contribuição de RH Tawney para o debate histórico «On Lords and Peasants». Mas merece especial destaque e atenta leitura o importante artigo do professor Vitorinó Magalhães Godinho: «A Construção de Modelos para as Economias Pré-Estatísticas». Segundo Vitorino Magalhães Godinho «um tema prévio comanda talvez todas as investigações do nosso tempo — o da construção de modelos» para **pensar** a História Económica e Social. Ocupa-se, neste trabalho, particularmente, das Economias Pré-Estatísticas e entende que é necessário «ultrapassar os modelos que sejam transposições, para o passado, de realidades ou de concepções presentes», conclui com a indicação de uma pista, com um apelo: «Cabe-nos abrir a possibilidade de construirmos, a partir do acervo de «factos», a teia de relações que nos dará a estrutura social, a configuração social de uma época, de um espaço geograficamente configurado, nos diversos ritmos da sua respiração.»

Pessoa, comércio e publicidade

A Cinevoz lançou ontem, para comemorar o seu 17.º aniversário, os escritos de Fernando Pessoa sobre o comércio e a publicidade, incluindo textos inéditos. A organização, introdução e notas do livro são do jornalista António Mega Ferreira, e a capa e a direcção gráfica da edição são de Jorge Colombo. Trata-se de uma edição lançada fora do mercado, reservada aos amigos da Cinevoz, mas sujeita, ao mesmo tempo, a alguma distribuição comercial. Como explica Mega Ferreira, a ideia da edição deve-se a João Soares Louro, que a acompanhou com entusiasmo. Carlos Botto e Carmo tomou em mãos a produção do livro, chegando a ocupar-se pessoalmente da revisão dos textos. Finalmente, António Braz de Oliveira pôs à disposição do organizador «o importantíssimo acervo de documentação do espólio de Fernando Pessoa que interessava para este trabalho». O livro inclui, para além do interessante artigo introdutório de Mega Ferreira, os textos escritos para a «Revista de Comércio e Contabilidade», textos do «Livro do Desassossego» e vários inéditos do poeta: «Portugal, comércio e indústria», «Notas para uma campanha de propaganda na Costa do Sol», «Documentos relativos ao projecto Olisipo» e «Bases para dois projectos de concentração industrial».

Ilustração de Jorge Colombo

Primeira mão

Que o leitor se não espante: convém apresentar, de vez em quando, uma editora diferente das editoras habituais. Até porque todas as editoras são um meio de comunicação: umas, através de livros de ficção, ensaio, poesia, etc.; outras, porque os tempos vão mudando sempre, através de... diapositivos.

É isso mesmo — e porque assim são as coisas, apresentamos hoje aos leitores a Editorial Alfa e Ómega, especializada em material de ensino, e, por consequência, endereçada à atenção de uma determinada classe de leitores.

Que leitores...?

Obviamente que alunos e professores. Explicando: são diapositivos destinados às Escolas Preparatórias e Secundárias. Presentemente, Alfa e Ómega edita 250 colecções de diapositivos, compreendendo um leque de temas que, em certa medida, proporcionam o mundo a quem aprende e a quem ensina.

Que temas...? Ciências da Natureza, Ciência e Técnica, Educação Musical, Medicina e Educação Sexual, Educação Visual, História da Arte, Estudos Sociais (História e Geografia), Formação Religiosa e Sociologia, Educação Física e Desportos, Temas Recreativos e Formativos, etc.

«As nosss edições motivam as aulas. Há trinta e três anos que a editora existe, processando anualmente uma actualização de acordo com as directivas do Ministério da Educação e Cultura» — disse-nos um responsável da Alfa e Ómega.

Os diapositivos são todos a cores, sendo grande a edição de cada catálogo. Catálogos que podem ser adquiridos quer na própria editora, quer em livrarias dedicadas à venda de material didáctico.

«Temos o direito também de figurar na vossa coluna «Primeira Mão», uma vez que são muitos os professores que todos os anos se entregam ao ensino — disse-nos o editor de Alfa e Ómega. — Os nossos diapositivos não só animam as aulas, motivando os alunos para o estudo das disciplinas em cada ano lectivo ministradas, como também concorrem para a reciclagem dos professores. Mais: ajuda-os a preparar as aulas. Pode crer que uma aula com diapositivos é sempre uma festa...»

Como tudo começa pelo princípio, Alfa e Ómega tem também diapositivos exclusivamente destinados às escolas primárias. Com a utilização desses diapositivos, segundo os professores, «o ensino processa-se melhor, pois que as crianças, nessa idade, são receptivas às imagens.»

Em resumo: «Primeira Mão» dirige-se hoje a uma outra categoria de leitores, principalmente os que levam a que haja leitores para a produção das outras editoras. Porque uma coisa é certa: primeiro o ensino, só depois os títulos de ficção, de poesia, de ensaio... Ou não será assim...?

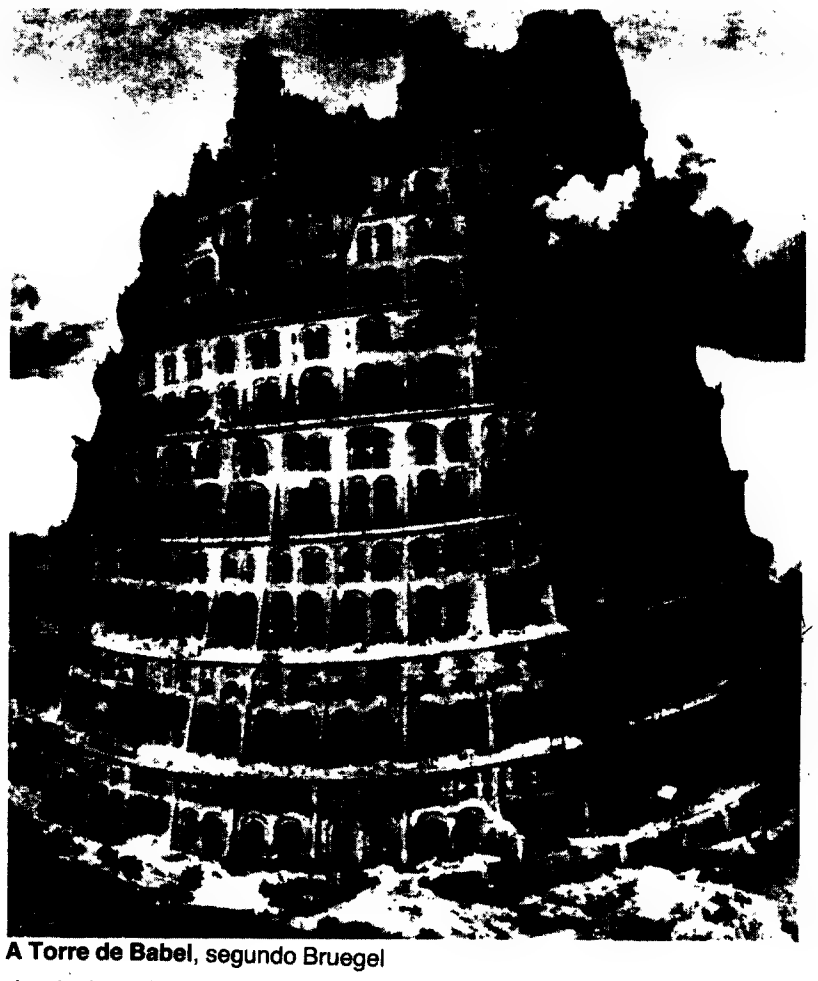
Liberdade da linguagem linguagem da liberdade

PLATÃO, no **Crátilo,** e Leibniz, nos seus **Novos Ensaios,** tal como o fazem hoje alguns historiadores, filólogos e etnólogos que estudam as línguas antigas e os dialectos primitivos abordaram os problemas relacionados com os atributos precisos dos sons que constituem as palavras (segundo Platão, a letra grega **lambda,** correspondente à consoante latina «L», é uma vibração contínua e delicada que tende a exprimir o curso plácido das coisas — o fluir das águas nos lagos, por exemplo).

Concorrem nas palavras certas funções análogas às estruturas das coisas que elas exprimem —e esse fenómeno, evidente para os esquizofrénicos e para os poetas, permanece em total ocultação para os filólogos, os quais partem do princípio de que, nas diversas línguas, a escolha dos sons que compõem as palavras é absolutamente arbitrária, não passando a linguagem de um conjunto de «sinais» convencionais (aliás, há qualquer coisa com os filólogos que não é muito normal porquanto ao esforçarem-se, através de hercúleos trabalhos etimológicos, por encontrar a origem histórica de cada palavra em todas as línguas, parecem apostados em destruir um axioma por eles proclamado como fundamental, numa demonstração viva de que o espírito de sistema descamba frequentemente no delírio persecutório).

Como as moedas, as palavras possuem duas faces: são ao mesmo tempo sinal e significado. E daqui deriva a ideia de uma língua primordial, de que as línguas mais recentes seriam tributárias. A estrutura de uma língua realizaria, no seu conjunto coerente, um aspecto particular de uma totalidade, ela própria evoluindo com o curso da história, como se de um edifício inacabado se tratasse — uma Torre de Babel. E a diferença entre as duas faces da palavra, entre sinal e significado, é um elemento capital desta «confusão». Para eliminá-la, seria preciso saber em que é que as duas faces se completam.

O que é válido para as palavras, é válido para todos os objectos, mas para esta fenomenologia já a lógica tradicional aristotélica é curta, ultrapassada que foi, no seu prório terreno, pelo desenvolvimento das ciências exactas (o princípio de identidade, fundamento da lógica aristotélica, é por exemplo incompatível com a física não-newtoniana). Na verdade só a dialéctica, com o princípio de transcendência exprimindo as relações das partes ao seu todo, parece em condições de fornecer a chave para a compreensão «lógica» dos modernos pontos de vista científicos.



A Torre de Babel, segundo Bruegel

Quando falamos em dialéctica, pensamos naquela terceira lógica que constituiria a síntese das lógicas objectiva e subjectiva, isto é, falamos em Hegel e voltamos à linguagem. Com efeito, a terminologia hegeliana não corresponde ao uso corrente: segundo a lógica tradicional, não é «exacta», o que levou alguns a «traduzi-la» e a aumentar, por consequência, as dúvidas e incertezas do texto original.

No entanto, sendo a lógica subjectiva a antítese literal da lógica objectiva, ambas são análogas e podem reconstruir-se uma pela outra — tal como nas palavras e nos objectos o sinal convencional e o significado interior. Aqui chegados, estamos aptos a compreender este primeiro princípio da lógica dialéctica: se uma coisa possui um certo grupo de atributos, possuirá também o grupo dos atributos contrários. Toda a dialéctica é a demonstração da lei da equivalência.

A poesia, que exprime a natureza dupla das coisas, nasce da descoberta de que a realidade está inteiramente construída sobre o princípio da equivalência, permitindo não só a síntese, como ainda a análise aprofundada dos elementos da realidade.

Esta análise liberta a linguagem do mundo dos sinais, torna-a mais «pura», mas também mais dúplice, decomposta não já em sinais, mas em símbolos. Depois de ter sido um conjunto de sinais, a linguagem aparece verdadeiramente como um conjunto de símbolos (intermutáveis e equivalentes, na relação que mantêm entre si e com a realidade).

Os diversos grupos entendem-se, em cada caso, através de uma linguagem particular. Há um falatório específico das reuniões da alta sociedade, outro dos conclaves pequeno-burgueses, outro dos ladrões, dos médicos, etc. A utilidade de todas estas linguagens é indiscutível e está directamente relacionada com a subsistência dos grupos enquanto associações com certos interesses e características bem determinados. Na verdade, a compreensão dos ladrões entre si, por exemplo, depende em absoluto da organização racional da justiça e das palavras que a exprimem, e o mesmo se pode dizer de outras linguagens convencionais, onde ninguém põe absolutamente nada de pessoal (é o caso dos códigos verbais que exprimem e exaltam a existência do amor mercenário, base da organização da família).

Mas a linguagem pode ser também lugar de privilégio moral, quando é boa condutora do sortilégio da comunicação humana, prenhe de vibração imperceptível, capaz de reanimar até as palavras mais esgotadas por uma utilização usurária, no entanto capazes de resplandecer sempre que alguém saiba descobrir nelas a paixão de que foram investidas ao longo da história por tantas gerações.

Não é isso, na verdade, o que maiormente nos interessa, nem tão-pouco a organização de substâncias, às vezes com um certo interesse decorativo (como o arrumo dos «bibelots» e ornamentos nas mansões airadas), promovidas pelos chamados «escritores» para tornar mais curta as aborrecidas veladas da boa sociedade.

O que realmente nos interessa, apesar de perdida toda a inocência quanto aos prestígios da maioria dos poemas (onde quase sempre as palavras, no fim de contas, não se confrontam com outra entidade senão com elas próprias), é a ideia de Novalis segundo a qual o Universo inteiro seria uma escrita cifrada.

Curiosamente, a psicanálise partiu de um princípio semelhante. Para Freud, só através da linguagem se pode explorar o subconsciente (mediante a temática que ela forma e também por efeito de alguns dos seus aspectos «patológicos»). Dito de outro modo: a linguagem pode evocar uma espécie de além dela própria, uma como que imanência ou transcendência do seu conteúdo imediato, e também pode revelar as estruturas que a formaram na sua singularidade, como se houvesse uma coincidência entre o simbolismo inconsciente e a vida própria das palavras.

O sujeito afásico, a quem falta o uso de certos termos, perde ao mesmo tempo as representações correspondentes, é isso significa que se a linguagem é expressão da vida social, é também sua condição. A linguagem é o fundamento essencial das actividades técnicas e sociais, ocupando nas sociedades humanas o mesmo lugar que o comportamento hereditário (de que o homem é desprovido) ocupa nas sociedades animais. Por isso, o problema cultural da origem da linguagem confunde-se com o das origens da humanidade.

A função da linguagem é a própria função do possível. Censurado, o possível torna-se remorso e recriminação, e é preciso fazê-lo calar a todo o custo. Os medrosos domadores da linguagem (a gente do berro peremptório, da palavra que manda e nunca duvida) privam-se da percepção das coisas ao mesmo tempo que vão excluindo palavras. O que eles querem, bem no-lo deixam entender: não seria desejável que a linguagem — salvas, bem entendido, as aparências — se transformasse no contrário da imaginação?

Ernesto Sampaio

O príncipe dos loucos literários

JULES ROMAINS gostava de farsas e de piadas: com os seus «Amis de l'Abbaye» fundou mesmo um dia o Partido Congressista, que prometia, perante a multidão estupefacta, **a inumação no Panthéon de todos os proletários.** Em 1912 um obscuro comissário de vigilância dos caminhos-de-ferro deu-lhe ocasião de mistificar Paris. Na altura professor no liceu de Laon, Jules Romains recebeu de um tal Jean-Pierre Brisset dois livros intitulados: **Le mystère de Dieu est accompli e les Origines humaines:** um louco, pensou Jules Romains, mas um **louco muito lógico, cheio de um certo tipo de erudição.**

Com Georges Duhamel, Léon-Paul Fargue e Charles Vildrac, criou então a **Societé d'idéologie e decidiu coroar um filósofo emérito com o título de príncipe dos Pensadores.** No dia 6 de Janeiro de 1913, depois de uma sessão de eleição muito agitada, Jean-Pierre Brisset, o ilustre desconhecido, foi triunfalmente eleito Príncipe dos Pensadores, vencendo largamente Anatole France e Henri Bergson. Chegado de Angers no dia 13 de Abril desse ano de graça, o príncipe foi acolhido no «hall» da estação de Montparnasse por admiradores entusiastas que o conduziram à Praça do Panthéon, para rivalizar com **o Pensador** de Rodin, diante do qual Brisset disse esta frase terrível: Não é necessário estar nu para pensar.

O dia terminou com uma brilhante conferência durante a qual o príncipe dispensou o seu saber: o homem descende da rã. **As rãs, nossas antepassadas, tinham o umbigo em colar. É por isso que o presidente da República usa assim o grande cordão da Ordem da Legião de Honra...** Alguns risinhos das senhoras bergsonianas não conseguiram prejudicar o concerto de aplausos, e as rãs declararam-se satisfeitas por ser eleito um rei simpático e amável...

Assim entrou em cena Jean-Pierre Brisset, esse velho louco literário que Marc Décimo, com a desenvoltura e o espírito humorístico de um «taciturno gracioso», se encarrega de lembrar à nossa memória, em **Jean-Pierre Brisset, prince des Penseurs,** uma biografia edificante em intenção dos nostálgicos da palavra lúdica.

A torre de Babil

Este **renovador da filosofia biológica, das ciências religiosas e da filologia,** como o qualificaram os amigos de Jules Romains, teve uma infância que não fazia pressagiar a sua augusta velhice. Nascido em 1837 de uma família de camponeses, Jean-Pierre Brisset mal sabia ler, escrever e contar. Só a sua paixão pelos livros o salvou. Um dia, quando tinha onze anos, surpreendeu uma rã, esmagou-a com um pau sobre o ventre e viu com estupefacção o animal estender as pernas e os braços: «Dir-se-ia uma pessoa», exclamou ele. Aos quinze anos Brisset é pasteleiro em Paris, mais tarde alista-se no Exército e publica um tratado sobre a natação ou **L'Art de nager appris seul en moins d'une heure,** que acompanhou o seu «brevet» de invenção: o cinto de natação.

O destino do excelente inventor conduziu-o aos cais de uma estação onde, entre o seu trabalho de comissário de vigilância e duas disputas com os seus confrades, imprimiu e publicou duas obras em edições de autor: **Le Mystère de Dieu** e **La Sicence de Dieu.** Os críticos não prestaram grande atenção a esse **louco** e os jornalistas citaram-no como «**um alienado que, num sistema de aliteração e de despropósito, pretendera fundar um tratado de metafísica intitulado La Science de Dieu.**»

A obra de Brisset? Uma verdadeira Torre de Babil (1), um jogo sobre a linguagem que faria perder a cabeça aos próprios adeptos de Roussel, dos cadáveres esquisitos e de Wolfson. É a esse príncipe das fífias que devemos a mais subtil das coaxações sobre o quê e o porquê da **teologia.**

As más-línguas compararam-no a esse **bicho reles** que inchou a barriga para se parecer com o boi, e limitaram-se a rir discretamente ao saber da sua morte ocorrida em 1919. Jules Romains, o legatário universal do príncipe, que não tinha terminado as suas facécias, obedeceu ao desejo de Brisset, que queria que as suas obras fossem distribuídas pelos quatro cantos do mundo: enviou uma encomenda para a Gronelândia.

Em 1953, André Breton perguntou aos amigos do seu cenáculo: **E se Brisset aparecesse de repente na vossa casa, convidavam-no para uma conversa ao pé do fogão? Sim, por curiosidade,** respondeu Julien Gracq. **Sim, para o ouvir falar da linguagem,** foi a resposta de Benjamin Péret. Não hesitem pois, abram a porta a este príncipe dos Pensadores, dito louco, e ouçam atentamente as suas majestosas fífias.

Roland Jaccard

Nota

(1) Babil, tagarelice infantil (N. do T.).

* **Jean-Pierre Brisset, Prince des Penseurs,** de Marc Décimo, **Ramsay.**

Beckett, 80 anos

Partida falsa

Octogésimo aniversário de Samuel Beckett, chegado ao Teatro há trinta e três anos, com os seus «clowns metafísicos» que esperavam por Godot. E se a escrita de Beckett, sem metafísica, fosse simples consequência do sensível imediato? Da sensibilidade de intérpretes como Madeleine Renaud?

NO dia 3 de Janeiro de 1953, quando **En attendant Godot** foi representado pela primeira vez no teatro de Babylone, em Paris, Samuel Beckett já publicara vários livros em língua inglesa, entre eles um ensaio sobre Marcel Proust, e, em língua francesa, romances, **Murphy, Molloy, Malone meurt,** textos de crítica de arte, sobre Bram Van Velde, entre outros, e poemas em revistas como *Fontaine* e *Temps Modernes*.

Foi, no entanto, com **À espera de Godot** que nasceu a celebridade de Beckett. Essa obra seria, e continua a ser uma das mais representadas e mais lidas no mundo. Beckett é, antes de mais, um gigante do teatro. E os textos de prosa que ele publica gota a gota nos últimos dez anos, são principalmente lidos pelos actores e outros artistas do teatro.

À espera de Godot continua a ser a peça-farol, a peça-sol. E é corrente ouvir hoje dizer, ler, que essa peça marcou, no dia 3 de Janeiro de 1953, a ruptura com o teatro de antes dessa data, com todo um teatro narrativo, psicológico ou de tendência moderada.

É que quando **Godot** surgiu, o teatro já estava, há vários anos, em completa mutação.

As primeiras peças de Eugénio Ionesco (**A Cantora careca** em 1950 e **a Lição** em 1951) tinham quebrado, ridicularizado e ajustado de outro modo o diálogo do teatro. Depois **as Cadeiras,** do mesmo Ionesco, tinham silvado a própria essência da criação dramática numa terra nova.

As primeiras peças de Artur Adamov, a **Invasão** e **a Grande e a Pequena Manobra,** em 1950, **a Paródia,** em 1952, traziam ao teatro uma meditação desconhecida, uma espécie de transsubstanciação secreta, grave, muito bela, da consciência infeliz como então existia devido à guerra mundial, aos massacres, aos campos de concentração.

Os teatros de Jean Vauthier, de Jean Tardieu, as suas vozes tão fortes ou tão delicadas, já estavam presentes. No que diz respeito à encenação, Jean Vilar surgira com as suas representações de Ricardo II de Shakespeare, mas também do **Assassínio na catedral,** de Eliot. Mesmo encenadores de «pequenos recursos» como Michel de Ré, Nicolas Bataille, André Reybaz já anunciavam o futuro apresentando **Woyzeck** ou teatro claramente «paralelo» como o de Henri Michaux. E foi depois de tudo isto e de muitas outras coisas talvez menos elevadas mas que sacudiam em todo o caso os hábitos, como a interpretação por Gérard Philipe das **Epiphanies,** de Pichette, sim, que surgiu **À espera de Godot.** E houve um engano: poucas pessoas presentiram a importância desse teatro.

O texto pareceu um pouco «fácil» comparado com Adamov, Vauthier, Ionesco.

«Um dos ladrões foi salvo. É uma percentagem honesta»... Lembro-me dos mapas da Terra santa... O Mar Morto era azul claro. Só de o olhar tinha sede»... — O que é? — Dir-se-ia um salgueiro. — Onde estão as folhas? — Deve estar morto. — Não chores mais.»

Bom, era engraçado. Mas um pouco banal como humor, um pouco aplicado. E o suspense da espera, a espera desse Godot que, adivinhávamos, nunca chegaria, a astúcia era demasiado infalível, demasiado eficaz.

E depois **Godot** não foi muito bem servido pelas circunstâncias da criação. Só Roger Blin tivera a inteligência e a coragem de conseguir montar essa peça que fôra recusada em toda a parte. Mas o estilo de Roger Blin, negro, forte, já era um teatro, de uma natureza muito definida, que arrastava **Godot** consigo, num sentido não forçosamente beckettiano. E que estilo de Roger Blin acabava de nos representar Adamov, e com os mesmos actores, e assim **Godot** chegou como na onda, como um «segundo serviço» menos fresco do que o primeiro.

Eis porque os inícios de Beckett no teatro foram um pouco falhados. **Godot** ficou depois a sua peça mais célebre e a mais representada, porque é a mais simples, a mais hábil. De momento, uma parte do público ficou à espera de mais porque, o que determinou uma vez por todas a celebridade de Beckett — a criação de **Os Dias Felizes**, por Madeleire Renaud — só se deu dez anos e meio depois, no dia 21 de Outubro de 1963. Quatro anos depois de **Godot**, Blin montou **Fim de Festa**, e em 1960 **o Último Bando**. E aí, a invenção dramática de Beckett saltava aos olhos.

Mas o ascendente de Beckett, e o seu domínio, não só no teatro mas em toda a criação do espírito, pelo menos em França, data de **Os Dias Felizes.**

As graças de **Godot** estão bem longe. Nunca houve um escritor mais sombrio do que Samuel Beckett. Ele respira a morte a cada página. **«Elas dão à luz sobre um túmulo, o dia brilha um instante, depois é de novo a noite.»**

B. Poirot-Delpech

Bibliografia de Beckett

De **Murphy** (1947) a **Catástrofe** (1982, reedição aumentada em 1985), todas as obras de Beckett, romances, novelas, poemas, teatro, televisão e rádio, foram publicadas em língua francesa nas **Editions de Minuit**. Em inglês, as Edições Grove Press de Nova Iorque publicaram em 1970 **The Collected works of Samuel Beckett**, em dezasseis volumes.

A obra de Samuel Beckett suscitou um número já considerável de estudos, tanto em França como no estrangeiro. Eis uma escolha de textos críticos em língua francesa:

— André Marissel: **Samuel Beckett** (Editions universitaires, 1963).
— Obra colectiva: **Samuel Beckett: Configuration critique; Les Lettres modernes** n.º 100 (Minard, 1964).
— Ludovic Janvier: **Pour Samuel Beckett** (Minuit, 1966) e **Beckett par lui-même** (Seuil, 1969).
— Jean Onimus: **Beckett devant Dieu** (DDB, 1968).
— Olga Bernal: **Langage et fiction dans le roman de Beckett** (Gallimard, 1969).
— Dominique Nores: **Les Critiques de notre temps et Beckett** (Garmier, 1971).
— Guy Groussy: **Samuel Beckett** (Hachette, 1971).
— Obra colectiva: **Beckett**. Caderno de Herne dirigido por Tom Bishop e Raymond Federman (1976); o essencial deste caderno foi recentemente reformado na colecção «Biblio-Essais» do Livro de Poche.
— Aldo Tagliaferri: **Beckett et la surdéter mination littéraire** (Payot, 1977).
— Alfred Simon: **Beckett** (Belfond, 1983). Obra colectiva: **Samuel Beckett.** Número especial da **Revue d'Esthétique** dirigida por Pierre Chabert (Privat, 1986).

O número dos **Cahiers de l'Herne** e o da **Revue d'Esthétique** têm amplas bibliografias.

Infinitivo

QUE ideia apagar velas quando se trata de Beckett! E já agora por que não atirar serpentinas e pôr chapéus de papel? A mania dos aniversários perturba-nos. A única imagem capaz de Beckett oferecer-ma um dia a vida. No Père Lachaise queimava-se Roger Blin. Leva tempo a queimar um morto, no telhado vê-se um fumo de velho cargueiro à capa... Sam esperava, ossudo, um boné castanho sobre os olhos de pássaro incomodado, e havia nessa espera penosa toda a tristeza do mundo, toda a confiança traída dos «clowns» e dos entrevados beckettianos...

Todo o escritor está mais ou menos conscientemente ligado a uma forma verbal que o define. Em Flaubert era o **imperfeito** que imobilizava a acção num passado lento, repetitivo, provinciano. Claude Simon é o particípio presente, à **frequentative form** dos ingleses, ao gosto francês do instante, um equivalente espacial da duração do tempo. O modo preferido de Beckett, podem verificá-lo, é o **infinitivo,** isto é, o verbo tal como os dicionários o picam depois de usado, como a uma borboleta.

Tratar de fazer isto...: **Cuidar de não fazer** aquilo... Quando o ser beckettiano recorre ao infinitivo é com a ideia de seguir uma prescrição médica, de aceitar uma resolução de colegial veleidoso. **Infinitivo:** o modo do «não esquecer», das receitas, perdidos no fundo das algibeiras. Trata-se de atenuar uma dor, de vencer um hábito aborrecido, de afinar uma velha receita, uma antiga oração.

Em todos os casos, este verbo nu, sem pronome nem movimento, evoca a busca activa de um mal menor. Tarde ou cedo as personagens das peças e dos romances enumeram as saídas possíveis, os truques, tal como o doente experimenta uma posição melhor. A terminação em **r,** programática e utópica sugere por si só a existência escondida de um perseguidor que procuraria arruinar previamente os esforços do agonizante, do pobre pecador.

Ouvi uma criança a quem tinham entalado um dedo ao fechá-la num armário e a quem exigiam silêncio, preço da sua libertação, ouvi-a domando a sua dor, repetir em voz baixa, por entre soluços: **Não chorar, não chorar...** Esta criança estoica perante a injustiça fazia Beckett como Jourdain fazia prosa!

O infinitivo tende para um alívio que só virá, se vier, de um balançar, o dos moribundos, dos derviches, dos monges tibetanos. A salvação pelo **vaivém** (título de uma peça de 1965!) **Murphy** nunca está quieto. Lucky, de **À Espera de Godot tem que rodar sobre si próprio para produzir as suas palavras. A mais bela recordação de Krapp; em o Último Bando,** é uma mulher de olhos fechados, num barco agitado. Enquanto nos mexemos, enquanto falamos, a morte não está presente, esquecêmo-la, ela pode esquecer-se de vir, quem sabe! Como o seu nome sugere, o infinito promete o infinito. O corpo móvel, esse indicativo, deve cumprir a sua palavra. No Père Lachaise, imperceptivelmente, Beckett — seria o frio das lajes? — balançando-se...

Porque merece ele, ao fim e ao resto, a sua festa com velas? Porque prolonga Proust, Joyce, Kafka e Céline — vejamos, eis as grandes palavras que surgem... Desconfiemos! — porque faz do mistério da palavra, como Picasso com o da pintura, o seu único assunto, excluindo narrativas vulgares. Questão lancinante: porque trazemos nós na cabeça e nas tripas esses guizos sonoros que dão sentido às coisas e ao mesmo tempo as esvaziam? **Pensar nisso!** Teria podido murmurar o homem do boné castanho, de pé sobre as lajes do Père Lachaise.

Genet
Jogam os brancos e perdem

Jean Genet falava pouco, ao que parece, sobretudo a jornalistas, essas «virgens de cacifo», como ele dizia. Além disso era geralmente incontactavel, so a gente dele sabia por onde andava — Grecia? Tunisia? Marrocos? — mas a gente dele também não era contactavel. Uma excepção: a jornalista Danièle Delorme era de sua confiança. Por isso ele deixou-se entrevistar em 1981, e depois em Janeiro de 1982, para um arquivo de imagens dos «grandes» que ela ajudara a criar. Bertrand Poirot-Delpech, do **Le Monde,** *esteve presente nesse segundo encontro e conduziu parte da entrevista, de que aqui reproduzimos alguns extractos. Mas B.P.-D. diz ter sentido, ao longo de toda a conversa, que, quando lhe dizia «você», Genet o vomitava mais à sociedade que ele ali representava, a da «inteligentzia» francesa, a dos «torcionários brancos». Sem rancor: Genet quis responder a todas as perguntas, e B.P.-D., ao apresentar a entrevista, inedita, no* **Le Monde** *de segunda-feira passada, diz dele: «Unica diferença em relação aos vulgares rancorosos, a divida que temos para com ele, ele devolve-no-la em oiro puro, o oiro das ideias sublimes até na abjecção, o oiro de palavras inauditas.»*

A video-cassette integral da entrevista de que aqui publicamos extractos pode ser encomendada para **Témoins,** *por 590 FF (um pouco menos de 13 000$00), num dos sistemas disponíveis: VHS, Betamax ou V2000, processos SECAM ou PAL. A morada de* **Témoins** *é 12, Avenue du Maine, 75015 Paris, ou 16, Rue Marignan, 75008 Paris, sendo o pagamento feito por vale de correio ou por cheque bancário.*

Jean Genet em 1955, fotografado por Brassaï

Surpreendente Genet: aguilhoado por Poirot-Delpech, ele faz declarações dignas de um «companheiro de estrada» do PCF a propósito do Afeganistão. Mas explica também porque escolheu escrever «na língua dos torcionários», porque prefere que «os brancos percam» nas suas guerras contra os não brancos, e como se sentiu feliz em 1940... Deixemos-lhe a palavra.

— COMO explica você que, em vez de escrever em calão ou de inventar uma língua, se tenha moldado à língua do inimigo, quer dizer, à bela linguagem, a da autoridade e do poder (...)?

— (...) Tem razão... E que era preciso, para começar, seduzir aqueles de que você fala, aqueles a quem você sem dúvida pertence, a **intelligentzia** francesa.

— E você seduziu com um francês que se diz clássico, uma língua que você nem beliscou. Serviu-se dela tal qual ela lhe chegou. Quem é que lhe ensinou a escrever correctamente o francês?

— A gramática. (...) Mas você lamenta que eu escreva em tão bom francês? Em primeiro lugar, o que eu tinha a dizer ao inimigo, era preciso dizer-lho na língua dele, não na língua estrangeira que teria sido, para ele, o calão. Diferente disto, só o Céline pôde fazer, mas foi porque era médico, dr. dos pobres... por isso ousou o calão. Ele sim, pôde mudar-se do seu francês da tese de medicina para um calão com reticências e tudo.

O preso que eu era não podia fazer isso, eu tinha coisas a endereçar ao torcionário na sua própria língua. Que esta língua tenha sido, aqui e ali, salpicada de calão, nada muda à sua sintaxe.

Se eu fui seduzido, como fui pela língua, não foi na escola, foi com 15 anos, em Mettray, quando me deram, se calhar por acaso, sonetos de Ronsard. Fiquei fascinado. E, para o ler, tinha de se perceber a língua dele.... Ronsard não teria suportado o calão.... O que eu tinha para dizer era tal, testemunhava tantos sofrimentos, que tinha de utilizar aquela língua.

— E fez de Ronsard o seu guarda.

— Como ele foi uma das primeiras emoções que eu vivi, em matéria de língua francesa e de poesia, é natural que guarde por ele uma espécie de fidelidade.

(...)

— Você disse que Rimbaud tinha «escolhido» o silêncio. Você também o escolheu?

— Eu não sei porque é que Rimbaud escolheu o silêncio. O que eu disse foi que ele compreendeu que devia calar-se. Parece-me que, tendo os meus livros sido escritos para eu sair da cadeia, tendo sido escritos na cadeia, uma vez saído, a escrita perdeu razão de ser. Os meus livros fizeram-me sair da choça, mas depois, que mais dizer?

— Há uma parte de si que continua na cadeia, não?

— Não, não. Qual parte?

— Pelo menos a memória dos que lá ficaram, que lá morreram ou que ainda lá estão.

— Não, uma parte de mim está, antes, nos países amarfanhados pelos franceses, como Marrocos, o Mali, outros.

— Nunca pensou escrever para que eles saíssem , igualmente, da prisão?

— Não. (...) Eu não acho bem que se prendam tipos, mas é uma questão entre eles e os juízes, entre eles e os governos, etc., não é uma questão entre eles e eu.

— Esse seu silêncio, somos muitos a lamentá-lo.

— Ora, hão-de curar-se disso.

— Voltemos à sua escolha da língua clássica. Porquê?

— Antes de dizer coisas tão singulares, tão particulares, eu não podia dizê-las senão numa língua conhecida da classe dominante, era preciso que aqueles que eu chamo «os meus torcionários» me ouvissem. Era preciso agredi-los na sua língua. Em calão , eles não me teriam ouvido. E há outra coisa: a língua francesa é uma coisa fixa, foi fixada mais ou menos no séc. XVII. O calão está em evolução. O calão é móvel. O calão usado por Céline passa de moda, já está fora de moda.

(...)

— Dê um exemplo das suas escolhas gramaticais.

— A primeira frase do primeiro livro que escrevi começa assim: «Weidmann apareceu-vos». O revisor da tipografia pediu-me que eu corrigisse trocando o «vos» por «nos». E «Weidmann apareceu-nos», não é? Perguntou-me ele. Eu quis conservar o «vos» porque assim marcava a diferença entre «**vós**» a quem eu falo e **eu** que vos falo.

— Você tomava as suas distâncias.

— Distanciava-me mas respeitando as regras, as vossas regras.

— Nunca estabeleceu as suas próprias regras?

— Toda a minha vida, creio, foi contra isso: contra as regras brancas.

— Que quer dizer isso, brancas?

— Dos brancos. Ainda hoje, — e tenho 72 anos, hã! — não posso ser eleitor. Pode pensar que isso tem pouca importância, mas eu não faço parte dos cidadãos franceses.

— Mas você não tem os seus direitos cívicos?

— Não, não. Há delitos que cometi e que nunca foram amnistiados por exemplo um roubo e uma condenação a dois anos, entre outros. Além disso, desertei duas vezes.

— No total , a quanto tempo é que esteve condenado?

— A catorze anos.

— Você falou muito da hierarquia da glória que seria a hierarquia do crime. Qual é o mais poético dos crimes?

— Não. Quero dizer que duas palavras juntas, ou três ou quatro, e duas frases, podem ser mais poéticas que um assassínio. Se tivesse de escolher entre a expressão poética por palavras ou, se ela existe, a expressão poética por ac-

Continua na pág. 7

... Mas você lamenta que eu escreva em tão bom francês? O que tinha para dizer ao inimigo, tinha de lho dizer na língua dele, e não na língua estrangeira que teria sido, para ele, o calão...

Continuação da pág. 6

tos, eu escolheria a expressão poética por palavras.

— Quais são as palavras que lhe parecem mais fortes, e mais próximas de um acto?

— E a articulação delas, a confrontação entre elas. São precisas pelo menos duas.

— Existe mesmo um prazer da escrita? Você alguma vez experimentou um júbilo profundo ao escrever?

— Só uma vez.

— Ao escrever o quê?

— «Les Paravents». O resto aborreceu-me muito, mas era preciso escrever para sair da prisão.

(...)

— «Les Paravents» apresentam a morte como uma coisa afinal pouco temível e pouco importante. É a sua opinião?

— Era também a opinião de Mallarmé: «Esse riacho pouco profundo...», você conhece a continuação. A morte parece-me pouco... enfim, a passagem da vida à não-vida parece-me bastante triste, pouco perigosa **por si** quando se muda de vocabulário (...)

E a mudança de vocabulário que é importante: desdramatizar. A palavra é muito usada actualmente — desdramatizar uma situação. Eu desdramatizo a situação que fará de mim um morto, utilizando outras palavras.

— Um autor dramático que desdramatiza?

— Exactamente. Se eu tentei pôr em prática uma certa dramaturgia, foi para fazer as minhas contas com a sociedade. Agora estou-me nas tintas, as contas estão feitas.

— Está isento de cólera e de drama.

— Oh, eu digo-o tão peremptoriamente, tão vivaz, que chego a perguntar-me se, realmente, não conheço a cólera nem o drama. Aqui sim, você tocou em qualquer coisa. Creio que ainda morrerei encolerizado convosco.

— E com ódio?

— Não, espero que não, vocês não o merecem.

— Quem merece o seu ódio?

— O punhado de pessoas que amo profundamente e que me eternecem.

— Mas aconteceu-lhe amar gente infame. Ou não?

— Não faço a distinção que Sartre fez entre as pessoas infames e as outras. Como sou incapaz de definir a beleza, sou absolutamente incapaz de definir o amor, de saber... O homem a quem você chamaria infame, você com o seu olhar objectivo, para mim e para o meu olhar subjectivo deixa de ser infame...

Olhe, quando o Hitler deu umas porradas aos franceses, porque não, fiquei satisfeito, fiquei feliz com essa porrada. Os franceses foram cobardes.

— E o que ele fazia, os campos de extermínio, por exemplo, também tinha piada?

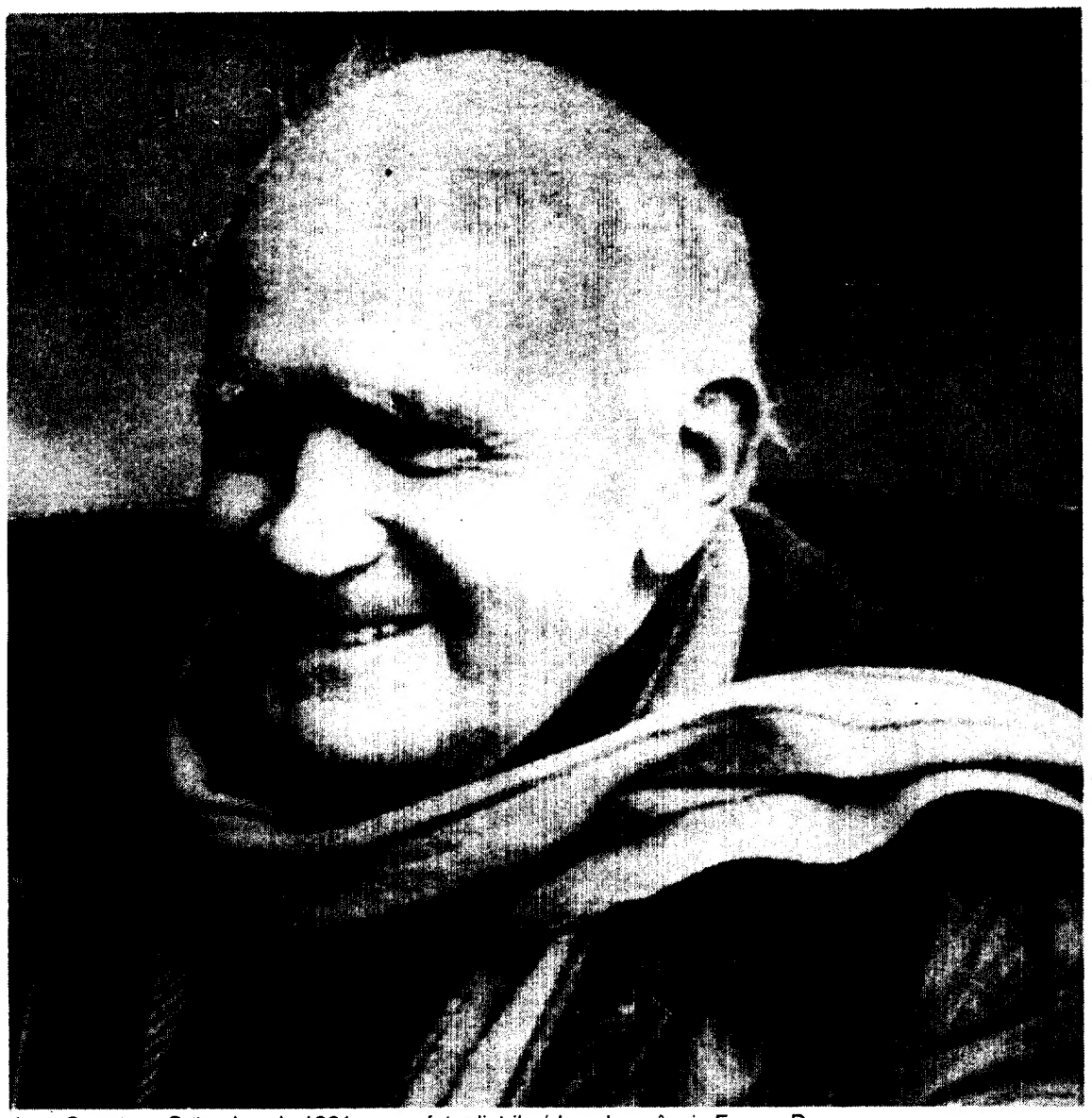
— Antes de mais eu não sabia. Mas estamos a tratar da França, e não do povo alemão ou do judeu, ou dos povos comunistas que podiam ser massacrados por Hitler. Estou a falar do correctivo aplicado pelo exército alemão ao exército francês.

— E isso pareceu-lhe ter graça.

— Embriagadoramente sim.

— E a porrada que Hitler apanhou a seguir, também lhe achou piada?

— Ah, aí eu já era bastante indiferente. Os franceses começaram com o seu tratamento especial na Indochina,



Jean Genet em Setembro de 1981, numa foto distribuída pela agência France Presse

na Argélia e em Madagáscar, etc. Você também conhece a história, até melhor que eu.

— Nem todas as derrotas serão porventura alegres. Que acha da Polónia?

— Bem, os polacos chegaram a pôr-me na prisão durante quatro meses.

— Mas do que lhes acontece agora, que diz você?

— Oiça, a França reagiu quando mil pessoas, homens, mulheres e crianças, como disseram os jornais, foram mortas pela polícia de Hassan II em Casablanca? Em que momento é que os franceses reagiram? Eu conheço bem Marrocos, sabe. A miséria é enorme, imensa, e ninguém abre o piu.

— Na Polónia não se trata apenas de miséria, trata-se de esmagamento das liberdades.

— Ah! Porque você crê que as liberdades não são esmagadas em Marrocos?

— E quem os defende, quem defende o povo árabe? Kadhafi?

— Talvez você não o saiba, mas eu não sou árabe, e não posso pronunciar-me em nome dos árabes, nem em nome de Kadhafi. Mas sei o que o nome de Kadhafi faz aos americanos e aos europeus, isso sei.

— Em suma, você não é cidadão de parte alguma.

— Decerto que não.

— Se tivesse de definir uma pátria, seria o quê?

— Oh! Fi-lo um dia, um pouco a brincar, no **L'Humanité**, que me tinha pedido um texto. Para mim, uma pátria seria, na verdade, três ou quatro pessoas. Eu pertenceria a uma pátria se me batesse, mas não tenho vontade de me bater por franceses ou por quem quer que seja, nem mesmo pelos Panteras Negras. E os Panteras também não teriam querido que eu me batesse por eles.

— Os combates são muitas vezes ideológicos e simbólicos, e por isso o artista e o escritor tomam parte neles. Nunca se sentiu a combater, escrevendo?

— Você fala como a Simone de Beauvoir.

— Não se combate escrevendo?

— Não. Claro que participei em manifestações com Sartre, com Foucault, mas é muito anódino, com uma polícia finalmente muito respeitosa, que estabelecia uma espécie de cumplicidade connosco, fazia-nos cúmplices dela. Uma polícia surreal.

(...)

— Olhe como Sartre foi modificado pelo que você escreveu!

— Não.

— Penso que sim.

— Ah, não.

— Tenho a certeza. Pelo menos, ele foi modificado pelo que escreveu sobre si. Você não foi modificado pelo que ele escreveu sobre si?

— Bom! Eu nunca acabei de ler o que ele escreveu, aborrecia-me.

(...)

— Para além da derrota de 1940, houve outros acontecimentos que o tenham feito feliz?

— Sim, houve o extraordinário comportamento dos argelinos e dos vietnamitas contra os franceses e contra os americanos.

(...)

— E que pensa do terrorismo à italiana, das Brigadas Vermelhas?

— Se não se importa não falarei, neste momento, das Brigadas Vermelhas, e sim de Baader. Quase toda a gente, mesmo à esquerda, em França, foi contra Baader, esquecendo-se de que ele foi um dos primeiros a manifestar-se, em Berlim, contra o xá do Irão. Não retiveram dele senão o papel de desmancha-prazeres da sociedade alemã.

— Parece que os antigos esquerdistas franceses escolheram a não-violência. Mas se eles tivessem preferido funcionar como as Brigadas Vermelhas, como reagiria você?

— Já lhe disse a minha idade ainda há pouco. Não seria muito eficaz porque já vejo mal, mas estaria seguramente do lado deles.

(...)

— Ser branco torna-no culpados? Uma espécie de pecado original?

— Pecado original não, ou pelo menos não do que fala a Bíblia. Trata-se de um pecado absolutamente querido.

— Que eu saiba, você não «quis» ser branco?

— Não era nesse sentido que eu falava. Ao nascer branco e sendo contra os brancos, joguei em todos os tabuleiros ao mesmo tempo. Fico feliz quando os brancos perdem, mas ao mesmo tempo estou coberto pelo poder branco, porque a minha epiderme é branca e tenho os olhos azuis, verdes e cinzentos.

— Está dos dois lados.

— Dos dois lados, sim.

— E é uma situação que lhe agrade?

— É uma situação que, em todo o caso, me permitiu trazer a barafunda dentro de mim próprio.

— Você escreveu no «Le Monde» um artigo que fez muito barulho porque parecia dar razão à URSS numa grande quantidade de pontos. Mudou de opinião depois da invasão do Afeganistão?

— Não.

— Mas são brancos que esmagam não-brancos.

— Não tenho a certeza e parece-me que você, igualmente, não sabe muito bem o que se lá passa. Você lê o **Monde**, que não é fascista mas é de direita, apesar de ter tomado posições a favor de Mitterrand, não?

— Isso seria outro debate. (...) O Monde esteve bem sozinho quando da guerra da Argélia....

— Não, ele soube usar muito bem as aspas, sempre que era preciso.

(...)

— Mas você pensa que os soviéticos têm mais razão em estar em Kabul do que os americanos em Saigão?

— Eu penso que o poder, seja ele qual for, é o poder. No entanto se uma criança de dois ou três anos pegasse por brincadeira num frasco de cianeto, cá me arranjaria para lho tirar. Essa servidão de alguns povos de que me fala, não estou tão certo dela. Os jornais que nos informam sobre o Afeganistão são de tal modo anti-soviéticos....

— Se houvesse uma guerra directa entre os EUA e a URSS de que lado estaria você?

— Evidentemente do lado da Rússia.

— Porquê?

— Porque a Rússia desestabiliza, é um fermento. Os Estados Unidos não me parecem fermento nenhum.

— Fermento de quê?

— Ainda não sei, de desordens para vocês, para o mundo ocidental.

(...)

— A liberdade à americana não é o fermento de nada?

— Essa pergunta fiz eu à Angela Davis. Mas ela já tinha escolhido a União Soviética.

— Mas você crê verdadeiramente no futuro dessa desordem, dessa inquietação que a URSS desencadeia? Ou é porque ela assusta os burgueses?

— As duas coisas. Confio sempre na inquietação e na instabilidade porque são sinais de vida.

(...)

— Quando lhe dizem que você tem imensa inocência no rosto, isso vexa-o?

— Não.

— Sente-o como um elogio?

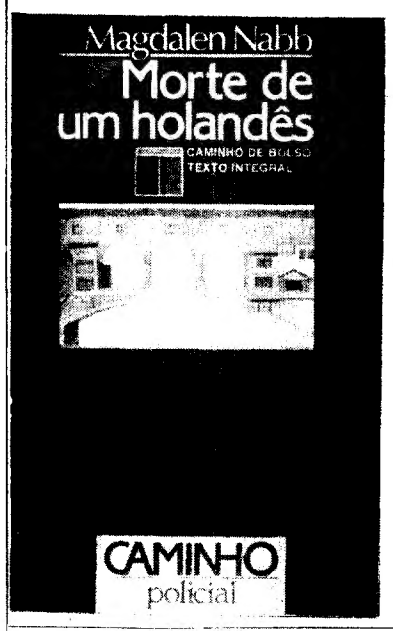
— Bastante, sim. Porque nós hoje sabemos que os inocentes são perversos.

— Há algum prazer em tomar o rosto da inocência e em sabê-lo perverso?

— Eu não «tomei» o rosto da inocência. Você diz-me que eu tenho essa cara, é porque a tenho. Se pensar que não tenho, deixo de a ter, para si. Mas é muito agradável você dizer-me que a tenho, e eu pensar, assim, que a tenho de facto.

Estas declarações de Jean Genet são extraídas de um documento realizado por **Témoins**, com a colaboração de Bertrand Poirot-Delpech, do **Le Monde**.

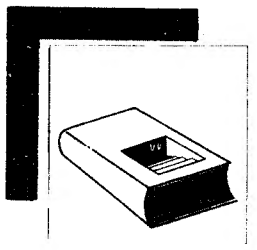
Acabados de chegar



■ **Morte de um holandês,** Magdalen Nabb. Caminho de bolso. Morte de um inglês, Morte na Primavera, Morte de um holandês: Para os leitores portugueses, é cedo para saber se esta repetição dos títulos, se esta repetição do cenário de base — Florença —, se esta repetição do personagem investigador — o sargento Guarnaccia, dos carabinieri, do posto da Piazza Pitti, se estas repetições são meramente a criação de uma série, ou se obedecem **também** a outros objectivos. O falso suicídio do holandês Ton Goosens tem muito de comum com o homicídio do sr. Langley Smythe. Mas o rapto de Debbie Maxwell, que acaba por se tornar num caso de «síndroma de Estocolmo» (a ligação afectiva disparada entre a vítima de rapto e o seu raptor) foge à regra, e em mais que um sentido. Primeiro por causa do diário final e dos comentários que suscita:

«Não me diga que Debbie estava apaixonada por aquele bandido. Eu vi-o. Porquê, ele nem sequer se lavava. Debbie... o que disse acerca dela estar aterrorizada pelos outros, e que ele era bondoso com ela... Compreendo isso. E se ele a alimentava e ela estava dependente dele, compreendo que ela o tente defender».

Mas também, e talvez sobretudo, porque se trata de raptos levados a cabo



por filhos de pastores sardos, que ainda se ocultam nas serras mas já vêm negociar em coca e ser vítimas de **overdose** ao centro da cidade, enquanto os seus pais e tios não abandonam as suas ovelhas... e os encobrem. **Morte na Primavera** é, de facto, um policial não-urbano, e também um policial que deixa entrever «a produção social do crime».

Magdalen Nabb, uma dessas europeias do Norte que se apaixonou por Florença, produz intrigas psicológicas ricas e envolventes, e até se lhe perdoa que o seu herói seja **um carabinieri** cinquentão e siciliano, que a luz do Sol faz chorar e que protege os olhos com óculos escuros. A **Caminho de bolso** está de parabéns por a ter descoberto. Ficamos à espera de mais.

■ **O Atirador,** Glendon Swarthout. Caminho de bolso, policial.

Policial porquê, eis o que se pode perguntar acerca deste **The shootist** de Swarthout (como ele explica numa nota de abertura, a palavra **gunfighter** é recente, sendo preferível, tratando-se de qualificar um homem hábil no manejo de armas de mão, no princípio do século, dizer **gun man, man-killer, assassin ou shootist**). **O atirador** é um «western, e dele Don Siegel extraiu, aliás, um filme homónimo, com John Wayne e Laureen Bacall, que passou nos ecrãs portugueses. Swarthout, outra revelação da Caminho de bolso, é autor de **Esqueletos,** o volume que a colecção melhor vendeu até agora. Merecia-o. Também **O atirador** é um texto de excepção, partindo da insólita situação do pistoleiro temido nas quatro partidas do Oeste, e que aos cinquenta e um anos descobre que vai morrer de carcinoma da próstata... A não perder.

França: as formas do tratamento em português

AS formas de tratamento em português: eis um assunto perfeitamente actual e actuante (a que, com mais ou menos consciência, quando se fala a língua portuguesa há necessidade de se recorrer a formas de tratamento.

Ora se este assunto se presta a confusões para tantos e tantos portugueses que vivem em Portugal, é tanto mais confuso quando equacionado por portugueses fora do seu País e que não tenham uma cultura académica suficiente, capaz de superar as suas dúvidas e de lhes permitir um emprego adequado das formas de tratamento. A par de uma menos sólida formação livresca, a situação agrava-se pelas imperceptíveis (mas a todo o título compreensíveis) influências e contaminações das estruturas morfo-sintácticas e de uso da língua do País em que se encontram a viver e a trabalhar. Este é, obviamente, o caso da França e dos emigrantes portugueses aqui radicados.

É muito frequente ouvir-se um tratamento entre pessoas de menor grau de confiança, através do recurso da forma **você** («Você tem de falar com o patrão». Ou de uma maneira mais complicada, por meio da forma possessiva da segunda pessoa **vosso /vossa** («O vosso assunto interessa-me»). É claro que tal utilização em França tem uma razão de ser: é o emprego e o valor de **vous** em francês corrente, que ora se aplica a uma só pessoa («Françoise, vous allez au ciné?»), ora se aplica a várias pessoas («Vous, les grosses, sortez!»). Daí a transposição, fácil mas abusiva, de **Vous** para **Você** ou mesmo **votre** para **vossa**, sem que o uso em português o aconselhe.

Tentemos, pois, fazer o ponto da situação no que respeita ao português dos nossos dias. Existem três formas gerais de tratamento: **tratamento pronominal** (tu, você, V. Ex.ª, vocês, etc.); **nominal** (a senhora, o senhor, o sr. Dr., o pai, a tia, o Luís, a Isabel, o menino, etc.); e **verbal** («**Toma** café? Vão ao cinema?»). Simples emprego da terceira pessoa do singular ou do plural conforme as circunstâncias.

Um aspecto tem desde já que ficar claro: o emprego destas diversas formas de tratamento tem cambiantes de valor, de que nem todos os portugueses se apercebem — e aí reside talvez o fulcro da questão.

Em primeiro lugar são as formas de tratamento nominal as que mais se usam no português falado (Exemplos: «A **senhora** quer chá?», «**Sr. professor**, preciso de falar consigo.», «**Sr. António**, pode-me atender?», etc.).

Em segundo lugar, há uma crescente tendência para o uso da forma do tratamento verbal, algumas vezes em detrimento da forma nominal, porque não se sabe o nome da pessoa, sua categoria social, sua profissão, etc. Por isso, por exemplo, «**Quer** vir comigo?», em vez de «A **D. Maria** (ou a **Senhora**)) quer vir comigo?». No entanto, é ainda particularmente grato aos portugueses de Portugal, sempre que possível, a utilização da forma de tratamento nominal, pois esta permitirá, entre outras coisas, dar a conhecer a posição social, profissional, grau de parentesco, tão de acordo com uma sociedade, quer queiramos quer não, ainda hoje muito condicionada pela hierarquia social-cultural-económica. Por isso: «O **Sr. Dr.**, fica?», «Não sei se o **Sr. Presidente** quer assistir à reunião», «O **sr. Cônsul** pediu-me o passaporte», «**O pai** chamou-te», etc.

No que respeita às formas pronominais, são devidos alguns comentários. O emprego de **V. Excia.** está cada vez mais estandardizado, confinado à escrita (documentos oficiais, discursos oficiais previamente escritos, correspondência comercial) — e, quando usada na fala, marca, desde logo, grande distanciamento e formalismo entre as pessoas: estamo-nos a lembrar da linguagem parlamentar onde tal prática é corrente.

Quanto ao uso do **Tu,** nada de especial há a dizer: tem um valor semelhante ao do francês, isto é, denota muita confiança, amizade, companheirismo, familiaridade, em suma, à-vontade. Já o mesmo não se pode dizer do emprego de **Você/Vocês.** Se esta última forma **(vocês),** acompanhada do verbo na terceira pessoa do plural é o meio muito prático e corrente de se falar para várias pessoas, o mesmo não acontece com o uso de **você** (no singular).

Você — totalmente diferente do sentido actual do francês **Vous** — pode assumir três valores no português de Portugal: a) grau de conhecimento, mas não de amizade, entre duas pessoas de nível e condição semelhantes; b) situação de dependência, relação de superior para inferior, digamos, grosso modo, o tratamento de um patrão para um empregado; c) uso popular, sobretudo nas aldeias; com reminiscências medievais da expressão «**vossa mercê**». Diga-se, entretanto, que este último uso — outrora nobre é muito mal aceite nos meios urbanos, podendo mesmo ser sentido como um abuso de confiança ou falta de educação. É evidente que omitimos intencionalmente o português do Brasil (vulgo, «brasileiro»), em que a forma de tratamento **você,** tem, quase sempre, o valor de **tu.**

Retomando a nossa ideia, é exactamente, o uso popular da forma **você,** por sua vez contaminada pelo emprego corrente do francês «**vous**», que leva a maioria esmagadora da comunidade portuguesa emigrante, em França, a empregar inadequadamente e à toa a forma você, com o sentido de senhor. Claro que, se tivermos em conta os pruridos e a sensibilidade de cristal da maioria dos portugueses, é bom de ver que tal forma será muito mal aceite, e quase que sentida como uma injúria, uma ofensa, uma indelicadeza.

Por outro lado, se por um fenómeno de ultracorrecção, nos socorrermos de formas como **Vós** (2.ª pessoa do plural mais verbo, exemplo, «**Vós podeis** escutar-me»), o seu valor parecer-nos-á também carecido de sentido e até mesmo ridículo. A razão de ser destes sentimentos deve-se ao facto de, na realidade, o emprego de **vos/vós** estar praticamente confinado ao discurso religioso e político, sendo o seu emprego sentido como litúrgio ou majestático, logo, artificial, e empolado.

Pelo que acabamos de expor, consideramos prático e correcto — de modo a que ninguém se sinta ofendido de ouvir, nem tenha dificuldades ao se exprimir em português — o emprego do **tratamento nominal,** sempre que possível («O sr. Eng. pode não me acreditar...», «O sr. prof. não se preocupe», «Tenha cuidado, **sr. capitão», etc) ou, como solução de recurso, o uso, puro e simples, da forma de tratamento verbal,** isto é, a **3.ª pessoa do singular ou do plural,** como, por exemplo, «**deixe-me** passar», «não nos **aborreçam!**». Deste modo, evitar-se-á o emprego do tão discutível **você,** que pode incomodar ouvidos mais sensíveis e ser tido como falta de gentileza e educação.

Augusto José Pascoal

O eu nos outros

As mãos dos meus olhos

QUEM percebe uma figura percebe algo de limitado. Eu vejo-te, dou-me conta da tua maneira de estar, do som da tua fala, dos teus olhos ora em mim, ora não, do lento respirar de todo o teu corpo. Até o teu nome sei, e tu também sabes o meu, parece até que nos conhecemos há milhares de anos. E não será assim que os seres humanos estabelecem laços de convívio, de conversa corrente, de perguntas e respostas...?

Mas não. Embora saiba de cor os teus cabelos, o modo do teu andar, a posição de quando estás sentada, a verdade é que sinto que algo mais existe para além de tudo quanto aos meus olhos tu me ofertas. Não é bem um passado (todos nós o temos) o que intuo em ti: é antes uma vinda de algures, um demorado caminhar ao longo dos tempos, uma travessia pelas muitas letras dos muitos alfabetos que assumiram a palavra no decurso da História multiforme... Certamente o mesmo sentes tu em relação a mim — e porque as coisas são assim, porque a timidez entre nós se instala, cada um, dia a dia, segue o seu caminho como pessoas mutuamente desconhecidas.

Que ignorância não temos uns dos outros!

Mas sempre te direi, figura limitada que tu és no seio do conhecimento que de ti gostaria de ter, que uma coisa há que jamais poderemos recusar. Ora que coisa é essa...? Tão verdadeira que muito simples são as palavras com que ta conto. Ei-las: quando tu me olhas, de pálpebras semicerradas, as mãos dos meus olhos apanham teus olhos. Comigo os levo, neles me debruço, neles me descubro, neles os meus deixam de ser pobres. Uma pergunta só: será que com tal furto tu também me descobres...?

Pedro Alvim